

Migrações e cultura indígena

(Ensaio de Arqueologia e Etnologia do Brasil)

1926

DO AUTOR:

- A Inquietação das Abelhas* — (Inquerito sobre a vida artística brasileira) — Edição Pimenta de Mello — Rio, 1927.
- Introdução á Arqueologia Brasileira* — Etnografia e historia — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1934.
- A Ilha da Paschoa no caminho das migrações americanas* — in-Revista Brasileira — Rio, 1934.
- Civilizaciones pre-Colombianas en el Brasil* — in-Revista Geografica Americana — Buenos Ayres, 1935.
- Arqueologia Geral* — Civ. da America Pre-Colombiana — Antiguidade Classica — Civ. Oriental — Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1936.
- Introdução á Arqueologia Brasileira* — 2.^a edição, revista e aumentada — Editora Nacional — S. Paulo, 1938.
- Migrações e cultura Indigena* — *Ensaios de Arqueologia e Etnologia do Brasil* — S. Paulo, 1938.

A PUBLICAR:

Das inscrições lapidares de fundo indigena, especialmente das de natureza petrografica, do ponto de vista da ideologia selvagem — (Memoria para o Centenario do Instituto Historico e Geografico do Brasil).

Qualquer referencia a esta obra,
obsequio remeter ao autor,
á Rua Acarahy, 79 — LEBLON
RIO DE JANEIRO — BRASIL.

Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 139

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

ANGYONE COSTA

Prof. de Arqueologia Brasileira no Muséu Histórico Nacional

Migrações e Cultura Indígena

Ensaio de Arqueologia e Etnologia do Brasil

EDIÇÃO ILUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1939



Aos meus alunos do Museo Historico Nacional, pelo estímulo que me têm trazido, pelos testemunhos de dedicação ao estudo e de amor a uma ciência que tanto espera deles.

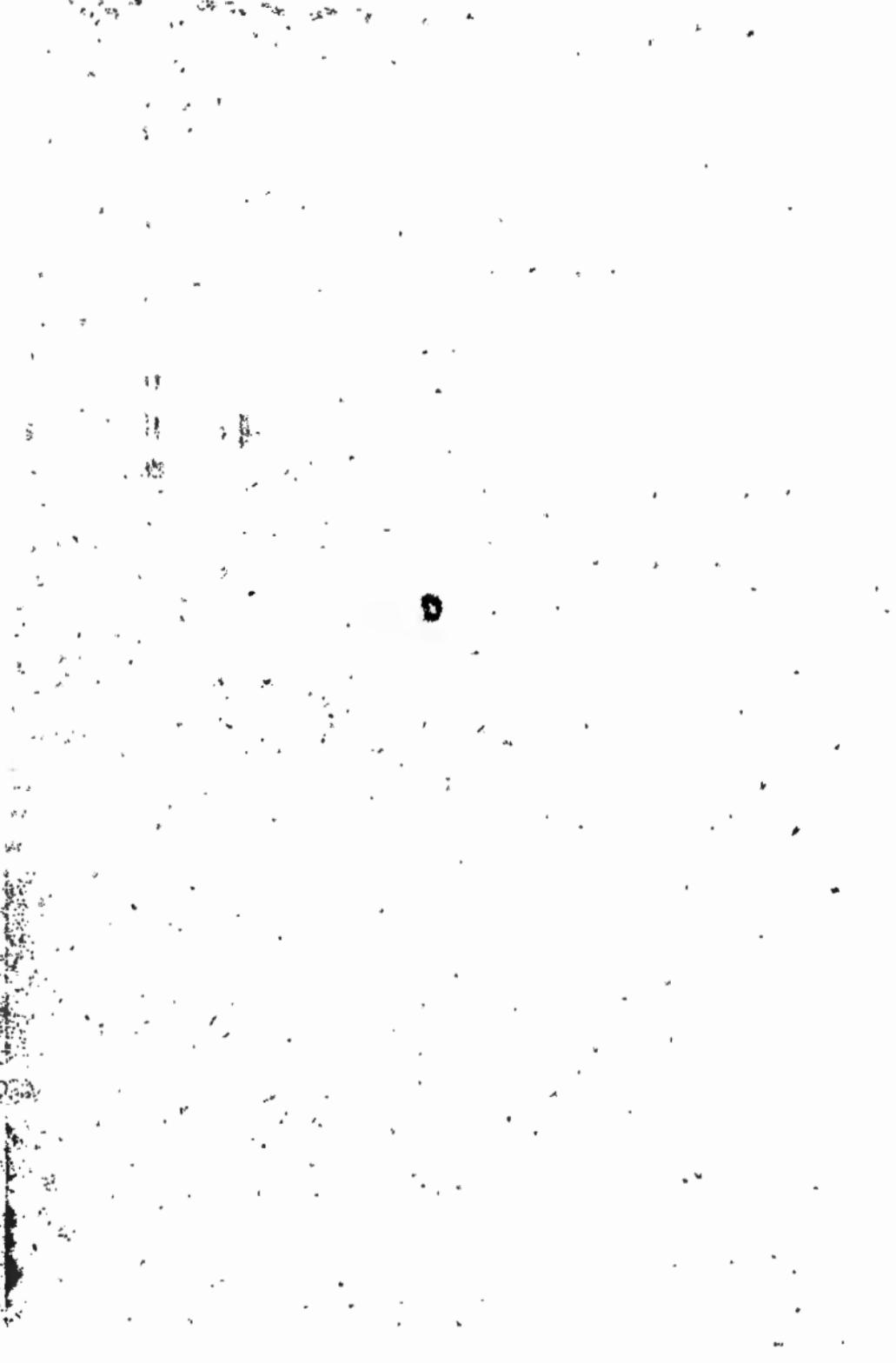


Adotando a ortografia da Academia Brasileira, conservei, entretanto, nas citações de trechos antigos, a ortografia do tempo, o mesmo fazendo em relação á bibliografia. Não me julguei com o direito de alterar a grafia de nomes de livros e respectivos autores. Os desenhos que ilustram *Migrações e cultura indígena* foram executados pela minha cooperadora senhorita ODELLI CASTELO BRANCO, diplomada pelo Curso de Musêos do Musêo Historico Nacional. Tambem trouxe a esta parte do livro uma valiosa colaboração, pela qual me confesso grato, o ceramista e pintor senhor Manoel Pastana.



INDICE

Prefacio	XV
Ceramica Marajoara	1
Bibliografia	87
A Bouba, doença americana	40
Bibliografia	50
A Arte Rupestre no Brasil	51
Bibliografia	87
Os Limites da Arqueologia Brasileira	90
Bibliografia	157
O Povoamento da America e a questão das migrações .	162
Bibliografia	202
O Homem de Marajó	208
Bibliografia	237
Indice de assunto	239
Indice onomastico	257
Indice de tribus, grupos etnograficos e povos . .	267
Indice de gravuras	271



P R E F A C I O

Houve na segunda metade do seculo XIX uma acentuada curiosidade pelo indigena do Brasil. Estudava-se a terra, a começar pela geologia, e chegava-se, naturalmente, ás soluções do problema do homem. Faziam pesquisas, neste sentido, HARTT, DERBY, LADISLÁO, FERREIRA PENA, BARBOSA RODRIGUES, que centralisaram um animado movimento de ordem puramente scientifica sobre o nosso paiz.

Outros brasileiros, e alguns estrangeiros afeiçoados aos estudos que se prendem á arqueologia, serviam por sua vez ás puras exigencias da ciencia e reuniam os melhores materiaes que ainda hoje são a nossa melhor reserva para a compreensão da vida amerindia.

Depois, esta diretriz modificou-se, e houve por muitos anos um pronunciado desinteresse pelas tribus indigenas. O Brasil esquecia o indio, de quem, aliás, nunca fôra muito amigo, preferindo occupar-se do homem já integrado em outros circulos

da evolução social. Duas ou tres vozes claras se faziam ouvir, em seu favôr, sem encontrar, entretanto, perfeita ambientação. CASPITRANO, RONDON, ROQUETTE-PINTO, RODOLPHO GARCIA, vieram mais tarde, acrescentando a estes estudos um alto e illustre contingente de trabalho. O Serviço de Proteção aos Indios, incumbiu-se da estrutura material. Rondonia marcou um dos instantes mais felizes no territorio da inteligencia e da pesquisa. Etnografia Indigena foi a exaustiva documentação que, sobre a constituição dessas raças brasilicas, a nossa cultura construiu.

O Brasil ainda continuava, porém, naquella preocupação de absoluta fidelidade ás idéas da Europa. Era "ariano", e a sua curiosidade intelectual se bastava com o pensamento, a emoção, vindas do outro lado do Atlantico. O indio, como sêr humano, fôra apenas uma nota romantica no lirismo de Magalhães, nos romances sentimentaes de Alencar. A terra não nos interessava sinão como elemento geografico. A historia fazia-se numa cronologia complicada. A etnografia, a etnologia, a arqueologia, não encontravam ambientação para viver. As vozes a favor do indio amorteciam sem resonancia.

Foi numa tentativa de renovação desses estudos, que comecei a trabalhar. Quando escrevei a Introdução á Arqueologia Brasileira, nada havia de

recente sobre o assunto, estávamos no período de pleno esquecimento a que me referi acima. Mas aquella iniciativa correspondia a uma viva necessidade que seduzia a todos, e pôde, assim, ser creado um novo movimento, sobre bases scientificas, a favôr da cultura do indio. E' esta a terceira fase, a actual, e que ella está sendo proficua, tenho a alegria de proclamar-o, revendo os livros, os ensaios, os artigos publicados em todos os pontos do paiz, depois do aparecimento daquele livro. Ha agora, realmente, uma grande curiosidade pela arqueologia brasileira, ciencia cujos limites poucos sabiam precisamente onde estavam. Ainda era comum pensar-se que reminiscencias do negro e do portuguez constituíam material de nossa arqueologia. Evidentemente, agora não prevalece a mesma téze. Os elementos integrados no velho passado do Brasil não são desconhecidos e para este resultado venho procurando imprimir uma direcção homogenea, não só nos livros que tenho publicado, como no curso de arqueologia brasileira do Muséu Historico Nacional.

Migrações e cultura indigena, em que examino alguns aspétos da vida indigena brasileira e tento um quadro largo das migrações americanas, vale como um convite ao estudo de problemas de tão viva significação e importancia para a arqueologia do meu paiz. E' um esforço que representa um momento de confiança e de fé. Serve como um pedido

feito aos que estudam, para que venham trabalhar pelo indio.

E não termino sem exprimir os meus agradecimentos ás pessoas que foram uteis á realização deste trabalho, especialmente ao meu eminente amigo o illustre professor MENDES CORRÊA, da Universidade do Porto, e aos notaveis americanistas doutor MAX ULH, antigo diretor do Muséo de Historia Natural de Berlim e doutor SIGVALD LINNÉ, do Ethnographical Museum de Stokholm.

A. C.

CERAMICA MARAJOARA

A Ceramica é a arte por onde as culturas marcam a sua transição para o trabalho dos metaes. Antes do homem creal-a, já iniciou e utilizou a arte dos utensilios liticos, a arte do trançado, a arte da plumagem, conforme a região onde viveu. Na America do Sul, ela assinala, precisamente, o apogeu, o padrão mais alto de vida das tribus centro-leste americanas. Sua utilidade não precisa ser justificada. Exerce perfeitamente o papel de "meio de expressão" de que falou VICENTE LICINIO CARDOSO, ao estudar as tendencias iniciaes das artes.

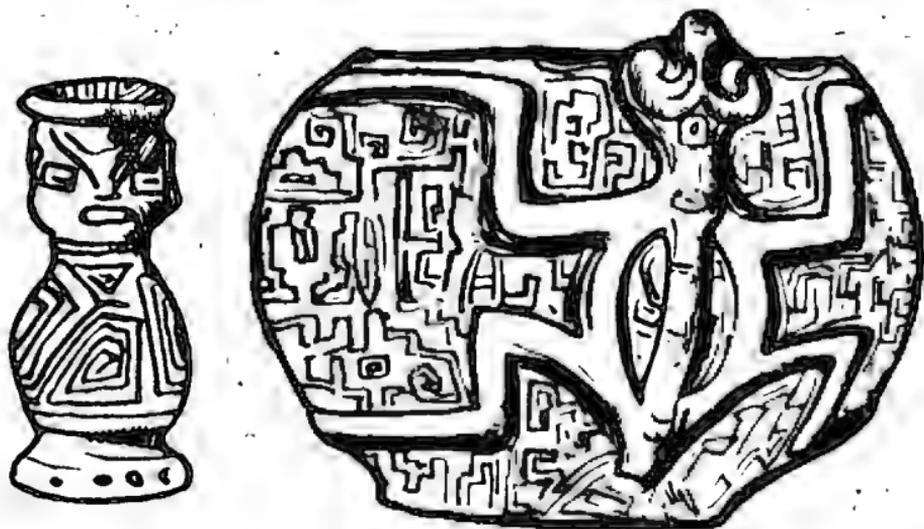
Entre as culturas primitivas, entre os individuos que estacionaram no inicio das civilizações, a arte, pelo pensamento de WINKELMANN, encontra um sentido ainda mais profundo e amplo: "l'objet principal que l'art s'est propose, c'est l'homme". Em face do mundo ambiente, o homem vibra, sente o efeito do choque produzido pela ação multiforme da natureza, e pela arte procura revelar a compreensão do sêr. A ceramica, sendo de todas as tentativas

de *arte primaria*, aquela *unica* que é uma verdadeira *arte*, porque acusa um desenvolvimento pleno de formas e desenhos, está ao serviço de altos objetivos humanos. Ninguém deixará de ver nela um valioso instrumento de pesquisa *etnografica*, *etnologica* e *historica*.

Ha uma profunda corrente, que tem a fôrça de um rio subterraneo, e entrelaça o homem á arte. E ainda é o genio admiravel que escreveu esse grande livro, "Histoire de l'Art chez les enciens", quem a explica: "Dans le principe, les beaux arts etoient informes comme les beaux hommes le sont, á leur naissance; et ils se ressebloient entr'eux, comme les graines de quelques plantes, qu'on distingue á peine les unes des autres. Dans leur origine et dans leur decadance, ils sont semblables á ces grandes rivières, que, aux endroits où elles devroient être si plus larges, se partagen en petits ruisseaux on se perdent dans les sables".

Elas são assim, começam informes, semelhante aos brotos vegetaes, para depois se desenvolver, formar largos estuarios ou perder-se como regatos na planicie. Na America, de preferencia na nossa America, as artes resultam de um primeiro contáto do homem com a natureza, dela procurando retirar utilidades. Assimilam a belesa de alguns elementos e os aproveitam nas modestas creações indispensaveis á melhoria da vida material. A ceramica vem a ser, no grupo destas artes, a mais importante,

pelo largo aproveitamento dos "motivos" da terra e pela consistencia que o material dá á ceramica, transmitindo-lhe uma grande duração. Este segundo valôr, é mesmo o maior titulo a encarecel-a, como objeto de estudo. E' a ceramica, no Brasil, o monumento archeologico que o passado indica ao homem de hoje, para facilitar-lhe o conhecimento



Ceramica marajoara. A peça menor, é um jarro antropomorfo; a maior, apresenta a estilização de um batraquilo, cercado por um desenho onde predominam elementos da "grega".

do homem antigo. Tanto em nossa terra, como em toda a America, a ceramica ocupa um lugar proeminente na organização do corpo de ciencias que se propõem explicar as culturas. Não fôsse a ceramica e a ignorancia do mundo, diante do fenomeno da America, seria infinitamente maior. Os vasos

rusticos encontrados nos "mound-buildings", shell-mounds, paraderos, sambaquis, como os vasos da ceramica adiantada, construida por *mayas, incas, chibchas, quichúas, diaguitas, calchaquis, nu-arwaks, guaranis*, etc., são os melhores documentos das velhas civilizações amerindias.

Estou certo de que, sem o perfeito conhecimento das peças da rica e variada ceramica que os povoadores da America pré-Colombiana construíram, não seria possivel o estudo comparativo dos grupos etnicos que vieram para o nosso continente em longa data, muitos dos quaes se desenvolveram e fôram donos de uma civilização maior que a da sua terra de origem. Ainda eles terão servido para facilitar a compreensão de monumentos de maior vulto, que os hespanhoes dos seculos XVI e XVII destruíram.

JACQUEMART defende perfeitamente esta téze: "S'il est une serie de monuments céramiques interessante á étudier, c'et celle qui se rapporte aux peuples *antiques* de ce monde qualifié de *nouveau* par notre ignorance. Dans leur ambitieuse frénési, les nations occidentales se ruerent sur ce continent réputé vierge; elles anéantierent les aborigenes sans même chercher á connaitre leur origine, et après avoir recueilli tout l'or qu'elles croyaient pouvoir demander aux trésors des malheureux indiens, elles

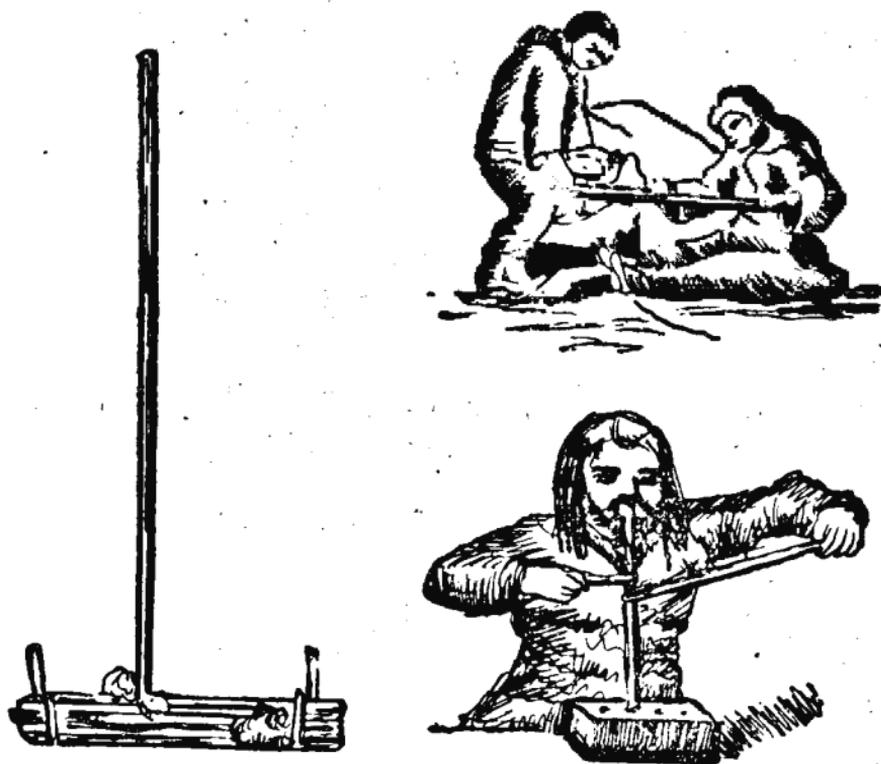
laissèrent la nature étendre le voile luxuriant des végétations tropicales sur les ruines d'une civilisation éteinte".

* * *

Ninguém contesta que a principal riqueza arqueologica do Brasil é a ceramica indigena. E que desta ceramica, a mais valiosa, justamente pela belesa e perfeição de seus modelos, é a da Amazonia, especialmente a de Marajó. Não se presume que o sul, onde predominaram povos *Tupi-guarani* e *Gé*, não tenha contribuido com material da mesma especie, mas a sua qualidade inferior, embora em abundante quantidade, não permite margem a outra afirmação. Por muitos anos, ainda será neste campo, que os arqueologos irão proceder a melhores averiguações para poder explicar alguma cousa sobre a vida antiga do Brasil.

A ceramica, que em nosso paiz tem sido recolhida aos museus, do anno de 1870 para cá, é arte indispensavel ao conhecimento de velhas culturas e de extintas civilizações. Ela está ligada, no estudo da pre-historia, ao ciclo das industrias que primeiro o homem construiu. Corresponde ao fim do neolitico superior e surge muito depois da grande descoberta — o fogo — muitos anos antes dessa outra, que será o terceiro grande invento da humanidade — a roda, e que os povos americanos não conheceram. Nasceu da necessidade de cozer o alimento,

quando o homem fez a experiencia, levado pelo acaso, de que a argila era argamassavel com agua, e sujeita ao fenomeno de endurecimento, pelo sol ou pelo fogo. Aperfeiçoou-se quando os imperativos da cultura começaram a despertar no homem uma



A invenção do fogo. 1.º — Aparelho de fazer fogo, usado pelos índios Taulipang, tribo caraiba, do Alto-Rio Branco. 2.º — Groelandezes fazendo fogo. 3.º — Esquimó fazendo fogo.

indefinido desejo de melhora, uma insatisfação de instintos que o levou a construir o conforto.

Naquele momento já a cerâmica exercia uma alta função, dela se faziam as peças para a mesa,

as peças de finalidade religiosa, as peças destinadas a enterramentos. O oleiro já não gravava, apenas, o desenho rupestre, que aprendera a riscar, com o sílex, no tecto e na parede das cavernas, nas pedras e barrancos dos caminhos. Impressionava-se com as côres e os ruidos da natureza, e procurava distinguil-os, verificar de onde eles vinham encomodar o seu sono na solidão. Desta percepção, resultou que os seus sentidos começaram a se apurar pela vista, e a se manifestar pela habilidade da mão e dos dedos. E a tabatinga é o material preciso, plastico e dutil, que aparece na hora exata em que os sentidos se acham aptos á função criadora. E surgem os traços em reta, os circulos, os pontos, inspirados pelo tecido de certas plantas, e ainda a reprodução de alguns animais, que vivem na floresta ou que o homem começa a domesticar. O desenho singelo vae adquirindo fórmias mais ricas, circulos, traços, que se compõem, reproduzindo cousas ou cenas da vida, conforme o grau de sensibilidade de cada grupo ou as circunstancias em que a cultura se desenvolveu.

A ceramica sendo uma arte inicial e muito antiga, resulta de uma tecnica já hoje perfeitamente vulgarisada. E' bem a arte de utilizar a argila na confecção de objetos, tanto do uso domestico, como religioso, funerario ou propriamente decorativo. Pode ser feita com pasta porosa ou pasta impermeavel. A' primeira pertencem os



Cerâmica indígena. Louça pintada a vermelho. Procedência amazônica, local incerto. Col. Angyone Costa. Pertenceu ao Ministro Miguel Calmon. Off. do Dr. Pedro Calmon

(M. H. N.)

objetos de barro cosido, (terra-cota), as louças vidradas, esmaltadas, faianças, etc.; á segunda, as porcelanas finas, que supõem uma civilização histórica florecente. Ao primeiro grupo pertence a louça dos oleiros de civilizações nacentes, a louça de Marajó, p. ex., a do *tupi-guarani* do litoral, etc.

Entre as tribus americanas e brasileiras, em geral, a ceramica era trabalho atribuido ás mulheres. Sabe-se pela documentação dos primeiros cronistas e por estudos promovidos entre remanecentes de indigenas brasileiros atuais, que esse costume se transmitiu de povo a povo, chegou aos nossos dias e resistiu sempre a todas as modificações.

Já muito diferente é o que acontece agora na Argentina, onde a ceramica fabricada pelos nativos, decendentes de antigos indigenas, da provincia de Cordoba, obedece á tecnica diversa. FRANCISCO DE APARICIO, no decorrer de investigações arqueológicas procedidas na região serrana de Cordoba, em contato com tres oleiras, sobreviventes de antigas profissionaes da região, observou que elas haviam adotado nova técnica para o trabalho da tabatinga, concluindo dessa modificação achar-se a industria *criolla*, que fôra tão rica naquela região, empobrecida sensivelmente de recursos e de fórmias. Observou, ainda, que as oleiras de agora já não usam desengordurantes, nem corrigem o grau de plasticidade da pasta juntando-lhe substancias adequadas. Elas evitam esta preocupação, que foi o mo-

tivo de exito da ceramica indigena, escolhendo materia prima que dispensa uma melhor composição.

O talento artistico dessas remanecentes de antigos oleiros adeantados, consiste não em saber compôr o material e sim em saber escolhel-o, o que explica, suficientemente, a decadencia da ceramica naquela região.

Na Amazonia os oleiros empregavam como materia prima a tabatinga pura ou misturada com diferentes pós, que exerciam geralmente a ação de desengordurantes. Esses pós eram conseguidos de diferente maneira, segundo o testemunho de naturalistas e de estudiosos, que viram os nativos trabalhar. Deles um dos mais preciosos era o de *caraipe* (1) cuja fabricação HARTT se compraz em descrever: "Vi prepararem a casca do *caraipe* empilhando os fragmentos e queimando-os ao ar livre. A cinza é muito abundante e conserva a fórma original dos fragmentos. Tendo sido reduzida a pó e peneirada, é perfeitamente misturada com o barro a que dá, quando humido, um aspéto de plombagina escura, mas com a ação do fogo esta côr torna-se muito mais clara. O uso do *caraipe* faz a louça resistir melhor ao fogo. O prof. CHAS. SCAEFFER, do laboratorio quimico da Universidade de Cornell, teve a bondade de analisar um especimen de casca de *caraipe* e achou que continha enorme percenta-

(1) *Licania floribunda*, Martius.

gem de silica, que separou como um belo pó branco. Sem duvida, a este belo pó branco deve a cinza o seu valor como desengordurante”.

Além do pó obtido por aquele processo, o oleiro amazonense adiciona, á tabatinga, pós de pedra



Cerâmica marajoara.

Idolo falomorfo e tanga de Marajó.

pomes, de *cauichi*, de escamas de pirarucú, de casco de tartaruga, de certos cipós e até da propria louça quebrada, uso este ultimo que tem sido um motivo de desaparecimento de peças preciosas de cerâmica, especialmente em Marajó. A mulher oleira,

amassando esses ou alguns desses engredientes, conseguia dar á tabatinga uma ligação e consistencia duravel, sem sacrificio da peça.

O grande segredo, pois, estava, não na escolha do material apropriado, que este havia em abundancia, e sim no seu preparo. Depois da tabatinga amassada, era dividida em pequenos bôlos, feitos com a mão, do tamanho que podia comportar. Esta massa passava a ser estendida sobre uma taboa ou esteira ou sobre um casco de tartaruga, conforme o vaso fôsse de fundo chato ou convexo. Para o seu preparo eram elementos indispensaveis a agua e um fragmento de casco ou de cuia, para servir de alisador. Modelado o fundo, pela compressão da massa sobre a taboa, a esteira ou casco de tartaruga, a oleira começava a construir-lhe as paredes pelo processo de enrolamento.

Consistia o enrolamento na tecnica de se fazerem cilindros, cordas ou torcidas de barro, com diametro proporcional á grossura que se queria dar á peça e com um comprimento aproximado da circunferencia do vaso, dispondo-as, sucessivamente, sobre a periferia do fundo, já preparado, e fazendo-as aderir de modo conveniente, pelo achatamento ou compressão feita com os dedos. Dada a primeira volta, a oleira dava, sempre com os mesmos cuidados, uma e outras mais, de maneira a ir erguendo harmoniosamente as paredes do vaso, até sua final conclusão.

Para impedir as imperfeições ocorrentes em um trabalho manual desta ordem, a oleira empregava uma cuia chata ou *cuipeua*, molhava-a n'água, e alizava com este instrumento a superfície até conseguir um perfeito polimento. Para evitar o achatamento, durante a fabricação dos vasos maiores, essa tecnica tinha que ser modificada para as grandes *igaçabas*, fazendo a oleira pequenas estações na feitura das paredes lateraes, afim de permitir o endurecimento conveniente das partes inferiores, á proporção que a feitura do vaso ia avançando. Evitava-se, por essa maneira, o fatal achatamento de toda peça provocado pelo peso das cordas superiores.

Armada a arquitetura do vaso, alizadas as paredes, externas com a *cuipeua*, (2) eram elas ainda humidas, pulverisadas com uma fina camada de barro puro, côr de nata, parecendo ás vezes brunidas antes de irem ao fogo, de onde resultava ficarem com uma bela superfície, dura e quasi polida. Antes do fogo, a que todas as peças estavam sujeitas, os vasos eram postos lentamente a secar á sombra e, depois, ao sol, sem o que, rachavam.

O processo da queima era a segunda e mais importante ação tecnica a que se submetia a peça.

(2) Cuia chata, concha, ou, geralmente, um pedaço de cuia arredondado.



Ap. N.

Ceramica indigena. Louça pintada a vermelho. Procedencia amazonica,
local incerto. Col. Angyone Costa. Pertenceu ao Ministro Miguel Calmon.
off. do Dr. Pedro Calmon

(M. H. N.)

Dependia de varios cuidados, do maximo de delicadeza na condução dos vasos ainda moles, faceis de amassar-se ou achatar-se. Efetuava-se de diferentes modos. Geralmente, os vasos eram colocados distantes do fóco de calor, afim de que fossem aquecidos gradualmente, sem contato direto com o fogo, chama ou brasa, depois, quando já haviam adquirido, pela ação do rescaldo, uma forte consistencia, eram então postos diretamente em contato com o fogo, ficando totalmente cosidos.

Algumas tribus usavam coser a louça a fogo feito naturalmente sobre o chão, outras faziam o uso de cóvas, outras mais adiantadas já começavam a empregar fôrnos, tôscos é bem verdade, mas que representavam uma invenção aperfeiçoada. Eles eram feitos com a colaboração da pedra e tinham paredes de argila.

A seguir ao processo de queimação, enquanto as peças ainda estavam quentes, usava-se empregar uma camada interior de resina de *jutaicica* que, com o calôr, adquiria um aspeto vitreo, embora pouco duravel.

Essa maneira de trabalhar a tabatinga, está perfeitamente enquadrada na tecnica ensinada por LINNÉ, incontestavelmente a maior autoridade em ceramica americana. Segundo o grande americanaista, são os seguintes os metodos adotados pelos

indigenas sul-americanos, para a fabricaçaõ de seus vasos :

a) — o da *modelaçaõ do fundo*, obtida pela compressãõ da massa sobre uma esteira, taboa, ou um pedaço de casco de quelonio;

b) — o do *enrolamento*, para a formaçaõ das paredes;

c) — o da *moldagem*, pela utilizaçaõ de cêstas ou fôrmas especiaes;

d) — o do *movimento giratorio*, executado pelo artista, da direita para a esquerda.

Os melhores produtos da ceramica brasileira sãõ decorados com desenho, pintura ou ornatos gravados e, algumas vezes, com dois desses elementos simultaneos. Usavam o desenho linear e o desenho em relevo. No desenho linear, o traço dos nossos indios nãõ apresenta geralmente movimento, o dinamismo e a açãõ raramente aparecem. Resultam da combinaçaõ da linha reta com a curva e fôram copiados da industria dos trançados. No desenho em relevo, surgem de preferencia figuras de homens, sempre muito feios, mais parecidos com caricaturas que propriamente retratando a nobresa fisionomica da mascara humana. Nessas figuras certos traços sãõ representados, entretanto, com absoluta fidelidade anatomica, o que se observa em alguns detalhes, como seja na contextura do nariz,



Cerâmica indígena. Louça pintada a vermelho. Procedência amazônica, local incerto. Gravada a estilete, na parte superior da peça. Col. Anyone Costa. Pertenceu ao Ministro Miguel Calmon. Of. do Dr. Pedro Calmon.

aquilino e perfeito. Também o desenho das linhas em relevo, era uma constante imitação do tecido e da nervura da palha. Da combinação do desenho linear e do desenho em relevo, formaram-se composições que alguns autores chamam de desenho hiperbólico e produzem uma superposição de formas aparentemente geométricas, representando muitas vezes simplificações esquemáticas de figuras de animais, como os saurios, certos quelônios, etc.

* * *

Na cerâmica deixou o marajoara gravado e desenhado o melhor da sua sensibilidade. O sentido de composição das linhas e da escolha das cores, não deixa nenhuma dúvida para um julgamento. As peças principais, destinadas pelo indígena a uma decoração mais bonita, eram primeiramente revestidas de uma cor clara sobre a qual se aplicavam os motivos ornamentais.

As cores com que o indígena jogava, eram o branco, o vermelho, o preto e o cinzento. A primeira, utilizava como cor auxiliar, da segunda retirava todas as cambiantes, a terceira tinha sempre predominância nas composições e a quarta, finalmente, era aplicada como meia-tinta, para as sombras e, mesmo, na confecção de *certos panos* dos vasos. Os elementos colorantes empregados pelo in-

digena, eram o gêsso, o *urucú*, (3) o *carajú*, (4) a *oca*, o carvão vegetal, o *tijuco* e outros ingredientes de que extraíam a côr negra. De tribu para tribu, segundo o convívio ou gráu de cultura de cada uma, faziam os indigenas modificações na tecnica de pintar, sendo que alguns misturavam o leite de sôrva na tinta para tornal-a mais brilhante e mais segura. Assim como era a natureza a fornecedora diréta dos elementos corantes, tambem os instrumentos de que se serviam vinham da terra. Tôscos, prestavam-se, entretanto, para que o oleiro habil pudesse dar ao barro as formas mais bizarras, os desenhos mais felizes.

Manejavam, na sua tecnica incipiente, varios utensilios, quasi sempre fornecidos pela mata: a *cuipeua*, que era uma cuia chata ou concha; o *itapuquiti*, pedra de esfregar, geralmente seixo rolado ou caroço de *inajá*; o *espinho de tucuman*, empregado na gravação da argila, chamado *tainucatapirêra*, o que quer dizer, em fórmula de escama; o *dente de cotia* que, ligado a um osso, fazia as vezes de buril; a *taquara fina*, que cortada horizontalmente, servia para traçar os circulos; os *pontaletes de madeira* ou

(3) Urucú, substancia tinturial, extraída do urucueiro, arbusto do Brasil, cuja semente é revestida de uma polpa avermelhada.

(4) Carajú ou Carajurú, liana abundante no Alto-Amazonas; macerada dentro d'agua, desprende um pó vermelho, soluvel no alcool e no azeite.

de osso, aplicados como furadores para fazer os olhos e os ouvidos e dar outros furos que o desenho comportasse; as *penas de passaro*, que serviam ás vezes de pincel; *pelos de animal*, com que fabricavam pinceis, e *polpa de cipó*, bem amassado, utilizada tambem como pincel.



Ceramica da Grecia Arcaica. Jarra corintia, Musée du Louvre. Funerales de Achilles. Veja-se a semilltude da "grega".

(Perrot et Châpriez)

Os oleiros marajoaras, com a aplicação de material tão singelo, construíam as peças mais variadas de ceramica. Variadas na qualidade, na utilidade, no luxo de decoração. E lembramos aqui o marajoara, por ser ele, justamente, o nosso mais adian-

tado oleiro, aquele que parece ter recolhido e espalhado a tradição dos grandes ceramistas que viveram na America Central e de lá irradiaram pelo continente, difundindo, por aculturação, a sua arte, pelos povos dos dois hemisferios, menos os pontos extremos da America. A proporção que eles subiram ou desceram, foram marcando sua passagem com os modelos de uma arte aprimorada. Confirma-se esta irradiação. Só não foram encontrados povos oleiros, nas terras extremas do norte e sul do continente. Até aí eles não haviam chegado. O proprio comercio de trocas não influiu sobre as tribus situadas nos dois extremos da America.

Observando a composição do ornato e a morfologia da ceramica indigena no Brasil, podemos bem aplicar, e repetir a nosso modo, a frase de JACQUEMART sobre os ceramistas egipcios: "Rien n'est indifferent, e neffet, parmi les choses que le céramiste égyptien anime du souffle de l'art. Quand il modéle le vase le plus simple, on y trouve la forme et les détails de la fleur sacrée du Nil, etc.", o indio, porem, não chegou até lá, não atingiu a cultura dos metaes, não teve a vista voltada para os simbolos floraes: A sua arte copia os elementos que lhe impressionam a visão: a fôlha da palmeira, e o batraquio, o saurio, o queloneo, a meu vêr, animaes integrados no culto totemico.

A cerâmica indígena brasileira, especialmente a amazônica, utilizou a gravura na composição dos seus vasos. A de Marajó apresenta uma grande variedade de peças gravadas, mas outros tipos se encontram, como a de Santarém, onde esse elemento artístico aparece melhor trabalhado e acusando uma grande variedade.

A gravura e a arquitetura das jarras de Santarém são notáveis de bom gosto e difícil estilização, oferecendo uma ligação muito direta com a cerâmica do istmo centro-americano. Pena é que apareçam geralmente quebradas, mas a recomposição desses valiosos artefatos arqueológicos, deixa em nosso espírito uma impressão perdurável de admiração, pelo oleiro que os fabricou.

A gravura é arte que se desenvolve quando a habilidade do artista já venceu todas as dificuldades do desenho. Ela requer um sentido de composição muito desenvolvido e exige técnica apurada na confecção da cerâmica. Como o indígena brasileiro estava num grau de cultura de nível muito baixo, as gravuras por ele criadas nas peças que os seus dedos gravavam, nem sempre apresentavam uma perfeita representação de beleza. Eram geralmente figuras estilizadas ou deturpadas, como é mais próprio chamá-las, que tanto podiam ser de animais, como do próprio homem.

Não será fácil afirmar que a gravura tenha alcançado, entre eles, o mesmo nível obtido pelo

desenho e pela pintura. Naturalmente lutou com dificuldades de tecnica, que mais facilmente foram vencidas na composição daqueles dois elementos. Mesmo assim, quando pensamos que a maravilha da ceramica helenica só foi obtida depois que os povos primitivos da Grecia, inclusive os minoicos, tiveram o conhecimento do tórno, vindo das terras do oriente, da China, provavelmente, não podemos negar louvores ao genio artistico dos ceramistas de Marajó e Santarem, que modelaram suas peças utilizando a tecnica rudimentar, já exposta em paginas anteriores.

Conhecendo a modestia do material que os nossos indigenas trabalhavam, não é difficil classificar a arte da gravura, por eles praticada, nos seguintes tipos: a) — gravura a traço simples, feito com estilete, geralmente um dente de cotia; b) — gravura a sulco profundo, colorido em campo claro ou branco e amarelo claro; c) — gravura feita na tecnica que, modernamente, os francezes distinguem pelo nome de *champ levé*, que consistia em alisar a superficie do ornato com qualquer objeto liso, polvilhando-se a superficie alisada com um barro muito fino. O auxilio de um dente de cotia servia para levantar depois a parte circunscrita ao desenho, que untavam com uma resina chamada *jutaissica* e levavam ao fogo. A queima e o tempo imprimiam depois ao barro as tonalidades mais variadas.

Tendo em consideração a qualidade dos materiaes trabalhados pelo indigena, devemos reconhecer que esses ceramistas realizaram prodigios. Não poderemos pensar em equiparar o seu trabalho ao vaso etrusco, ou ás anforas gregas, mas teremos de receber com alegria e admiração as *igaçabas*, confeccionadas em *pontilhados* e *linhas*, duas das mais curiosas maneiras do indigena interpretar a arte. Aliás, não devemos dizer que esta é uma arte pobre, como composição, porisso que nela aparecem figuras humanas e de animaes, uma e outra, concepções arrojadas para a sua sensibilidade desajudada.

As figuras de homens e animaes gravadas na ceramica indigena brasileira, eram esculpidas separadamente, isto é, dissociadas do corpo central da peça e só depois adicionadas, antes de começarem a secar. As peças em que apareciam estes ornatos faziam-se do barro mais fino, produto de melhor mistura, sem o que o artista não conseguia os efeitos desejados. Os ceramistas ainda usavam um terceiro tipo de gravura, o da *escama de peixe*, cuja tecnica implicava num trabalho de grande paciencia e habilidade manual.

O perfeito conhecimento da tecnica dos ceramistas indigenas, desperta naturalmente o desejo de indagar dos utensilios da sua confecção, todos de utilidade multipla e aspeto variado, peças que se podem considerar preciosas, tanto pela fórmula dos vasos, como pela ornamentação. Centenas, ou mi-

lhares delas enriquecem os musêos da Europa e dos Estados Unidos, muita cousa tambem estando reunida nos do Pará e do Rio de Janeiro. Da ceramica a que se atribue finalidade religiosa, os *mounds* de Marajó apresentam, ao primeiro exame, tres tipos, que são os idolos de figura humana, as *tangas* e os idolos falomorfos.

Dos idolos de figura humana deixou CARLOS FREDERICO HARTT uma perfeita e minuciosa discrição, que nos dispensa maiores explicações: "Predominam neles um tipo quasi uniforme, definido de varios modos, não existindo, de nenhum, representação igual. E' muito comum a interpretação da figura humana assentada com as mãos descansando sobre os joelhos. Um ou outro tipo se afasta desta norma, sendo representado *numa só massa*. As cabeças variam extraordinariamente de fórma, apesar de conservarem certos traços caracteristicos: as *sobrancelhas* e o *nariz* são quasi sempre unidos, embora variando um pouco de fórma, e salientes, assemelhando-se ás letras maiusculas T ou V, como é facil verificar. Em geral os *olhos* e a *boca* são imperfeitos e representados por bossas irregulares".

Da *tanga* já tivemos ocasião de nos ocupar, na "Introdução á Arqueologia Brasileira", considerando-a o artefato mais precioso da ceramica marajoara. São varias as interpretações que a ela se pode dar, desde a de simples ornato, *foliae vitae* de pudicicia,

como se julgou ingenuamente por algum tempo, até o *sex-appeal*, o elemento que chama a atenção, o *it* ou encanto principal da mulher *aruan*... Entre uma e outra dessas comparações extremas, ha uma infinidade de explicações intermediarias, cada qual procurando decifrar o segredo do seu uso, que só podia ser o de objeto religioso, destinado a determinadas ceremonias.



Ceramica Indigena. Motivo de frisa typico das tangas de Marajó. Aparece em 92% das peças encontradas.

(D'après Mordini)

Ha os que explicam a *tanga* como artefato de simples ornato, outros dão-lhe a função de resguardo higienico, outros ainda vêm nela simples enfeite sem significação maior. Todos erram, entretanto, porque a *tanga*, diretamente ligada ao culto falico, devia com ele completar-se em extranhos rituaes. Na Amazonia e mesmo do lado centro-oriental da America do Sul, não aparece o falus reproduzido em ceramica. Sómente em Marajó, justamente na *unica* região onde foi encontrada a *tanga*, o *falus* é uma peça vulgarisada, com variedade de tamanho e ornato, o que tudo demonstra uma constante utilidade, que só podia ser religiosa. Completava-se natural-

mente com essa curiosa peça, simbolo morfologico do sexo da mulher, tão importante no culto, que é a mais trabalhada, a mais perfeita, a mais bela creada pela arte marajoara. Basta ver que não foi excavada até agora uma *tanga* que repetisse exactamente o desenho de outra. Igualmente verifica-se, entre elas, a coexistencia de elementos decorativos, que não aparecem em outras peças. E um deles, reproduzido neste trabalho, encontra-se repetido numa proporção, quasi de 92%, conservando sempre uma perfeita igualdade de traço e de côr.

Da usança das *tangas* pelas mulheres, ha uma certesa incontrastavel. Basta verificar o estado em que todas são encontradas, acusando a passagem de um fio e o esgarçamento das bordas do furo de onde o fio sae para ser atado ao corpo, para desaparecer qualquer duvida sobre sua applicação. Esta observação, confirmando a pratica e utilidade do objeto, logo demonstra que o mesmo devia ser usado em determinadas ceremonias, religiosas ou funerarias, ou ainda dos dois aspetos simultaneos.

Neste genero de ceramica religiosa e funeraria, ha tambem duas peças, de incontestavel gôsto artistico, perfeitamente ligadas ao seu uso, uma a que LADISLAU NETO deu o nome de *ofertorio*, especie de prato ou bandeja circular destinada a certas ceremonias, e outra, de maior porte e melhor modelagem, que são as urnas antropomorfas, *igaçabas* destinadas a enterramento. Nelas geralmente o oleiro

esculpia a figura humana, sentada e acusando, deformados e minguados, os membros de locomoção, pés, pernas, braços e mãos, e o sexo, sempre em evidencia, principalmente quando feminino.

* * *

Os talentos do oleiro não se aplicavam exclusivamente em compôr o rito ou enfeitar a morte. Também da vida as suas mãos se ocupavam. Os praseres da vida no *clan*, as alegrias do individuo em familia, eram visiveis nos artefatos com o caracter de adereços. Via-se neles um pouco de tudo que a mulher de hoje faz uso. A vaidade no circulo limitado das *aruan* não seria muito inferior á vaidade das Evas atuaes. Confirma-se pelo exame das suas utilidades, que a indigena tinha em alta conta a arte de seduzir, a preocupação de agradar. O que faltaria em trapos, para compôr-lhe a escassa indumentaria, sobraria em enfeites, fabricados com a rusticidade da ceramica. Adicione-se-lhe a rica e variegada coleção de peças de plumagem multicôres, que o tempo e as condições de humidade do meio ambiente não permitiram que chegassem ao nosso conhecimento, mas que sempre fôram de uso forçado entre os nossos indigenas, e teremos considerado o gráo de garridice que a mulher *nu-arwak* atingiu.

Entre os artefatos propriamente de adorno, têm sido encontrados, em Marajó, *rodela*s e *berlo-*

ques de uso correspondente a brincos, e broches. Os primeiros são perfeitos circulos feitos de *terra-cota*, constituídos por pequenos discos perfurados no centro, para serem enfiados e pendurados aos lobulos auriculares das indias. Os *berloques*, por nós assim chamados á falta de vocabulo mais apropriado, eram grandes enfeites de fórma geralmente ovoide, utilizados para a confecção de colares. Um outro objeto artisticamente trabalhado, mas de applicação ou uso ainda incerto, seria a *bobina*, assim tambem chamada na falta de vocabulo mais apropriado, peça que devia ter uma applicação de grande utilidade. Como fazia ante os cerimoniaes do culto e da morte e com os habitos da garridice, o marajoara igualmente voltava suas atenções para o bem-estar, procurando provêr as necessidades da pessoa e da casa, naqueles detalhes que entre os homens da epoca dos metaes passaram a constituir o conforto. E fizeram a *louça de mesa* e a *louça de fogo*, a primeira reservada para uso da comida, para guardar a caça, a pesca, o *moquem*, os vinhos embriagantes feitos com a mandioca, o milho e certas frutas, enquanto a segunda se prestava exclusivamente á função de cosinhar e era por esse motivo tósca e de tabatinga inferior.

Entre a *louça de mesa*, por ele fabricada, ha peças de utilidade equivalente a das nossas jarras, copos, tigelas, pucaros, pratos, travessas, bacias, bandejas, todas pintadas e decoradas a capricho,

algumas ostentando alças e valiosos ornatos em relevo. Para a *louça do fogo*, necessariamente não havia a mesma preocupação, era o trabalho inferior, fabricado com o material mais pobre, nada tendo que a distinguisse da mesma cerâmica, entre outros povos de idêntica cultura.

Unindo a cerâmica ao ceramista, há no Brasil e, especialmente, na Amazonia, onde ela floresceu, um elemento que serve de traço de união e ao mesmo tempo de força creadora: a natureza. Realmente, revestindo as mais variadas formas, a natureza está sempre presente na cerâmica indígena. Os elementos fornecidos pelos três reinos, colaboram na sua fabricação. Do reino animal, entram os cascos de tartaruga, de *jaboty* e de outros testudos, as penas de passaro e pêlos de macaco, etc.; do vegetal, as resinas, as substâncias corantes, a folha flabeliforme, as fibras, etc.; do mineral, finalmente, a tabatinga e diversos elementos desgordurantes, de sua composição. Dos três, o último e o segundo elementos, são predominantes, o último por fornecer a base essencial, sem a qual não existiria a cerâmica, pelo menos composta à maneira dos índios; o segundo, porque foi esse elemento que mais influencia exerceu sobre a técnica dos ceramistas. A cerâmica marajoara é em linha reta decendente de uma outra arte, inspirada pelos elementos da flora, a arte do trançado, cujos modelos a cerâmica, em seu início, se limitou a copiar. Com a palmeira,

isto é, com a planta flabeliforme, construiu o oleiro as combinações do desenho. Jogando com a linha reta, estabeleceu a quebrada, modificou-a, obtendo a curva, imitando o ovo dos passaros e a escama do



Cerâmica da Grécia Arcaica. Fragmento de decoração de um túmulo antigo. Pintura sobre placa de argila.

(Perrot et Chipiez)

peixe, e assim orientado, no domínio das belas-artistas, do desenho, da pintura e da gravura — encheu as peças da sua cerâmica de quadrados, angulos, pontos, círculos, etc., evoluindo até atingir ao cimo, do

qual pôde abalançar-se a reproduzir a morfologia e o desenho dos animaes, fazendo a mesma cousa com o homem. Sob os cuidados da sua mão habil, a criatura humana aparece, entretanto, desfigurada, não a envolve aquele halo de belesa em que se resumiu a perfeição das cousas, obra maior da natureza.

* * *

Seria um desejo errado, procurar descobrir na ceramica indigena, melhor perfeição, lavôr mais acabado, do que aquele que ficou dito nessas paginas. Ela não podia produzir mais nem melhor, porque se achava na fase inicial, naquela por onde começam todos os povos, segundo JACQUEMART, quando ha homens com disposição para fazel-a e barro para amassar.

Em nossa terra, somente na Amazonia a ceramica apresenta peças finas e, como vimos, dentro da Amazonia, as mais belas a arqueologia localisa em Marajó.

Umás e outras, no desenho, se revelam tão perfeitas quanto as melhores de outros povos, mas, na tecnica, se apresentam inferiores. Basta vêr que os marajoaras, não tendo conhecido os metaes, não podiam produzir ceramica semelhante á do Egypto, á da Asia Menor, á do mundo classico.

O que imprime caráter e reveste de um traço de beleza a arte ceramista dos antigos, é exatamente a superioridade da técnica, a boa qualidade dos materiais com que aqueles ceramistas trabalhavam.



Cerâmica da Grécia Arcaica. Detalhe de decoração da parte interior de uma taça.

Hartwig, Die Anwendung, fig. 2.

(Perrot et Chipiez)

Não tendo atingido á cultura do cobre, do bronze, ou do ferro, estavam os ameríndios impossibilitados de juntar ao colorido da cerâmica os óxidos de cobre, em azul celeste e verde esvaído, que consti-

tuem os elementos de côr predominantes e de melhor efeito, nas composições egipcias, onde, segundo o mesmo JACQUEMART, entravam muitas vezes 90% de silicatos.

Numerosas e admiraveis peças de ceramica de dezeseis e dezeseite seculos, antes de Cristo, retiradas de piramides e mastabas (5) no Egito, ainda guardam um colorido e um detalhe especiaes, que lhe emprestam graça e majestade de belesa pouco vulgares. Posta em confronto, necessariamente, a nossa ceramica junto desta perderá muito, mesmo assim, nas peças onde aparece a "grega", ela vence as melhores competições, guardada a relatividade de tempo e de espaço.

Não esqueçamos que, analisada a evolução da ceramica, partindo do adobe, ao tijolo e ao ladrilho, evolução que permite, depois da casa edificada, a construção das peças de utilidade e adôrno, a ceramica indigena, a ceramica de Marajó, inverte a ordem das cousas, altera o ritmo a que elas obedecem, constituindo, em meio das hipoteses que procuram explicar o homem sul-americano, um caso singular de transplantação de culturas.

Na composição do desenho em rétas, reside o segredo maior da arte daqueles oleiros. E' ele tão perfeito, que custa a crêr tenha sido construido por

(5) Piramides truncadas, onde as classes nobres do Egito faziam enterramentos.

um povo de cultura tão modesta. Sabe-se que ele creou a "grega", mas este simples enunciado não significa o que isto seja. A "grega" marajoara aparece muito mais bela, muito mais perfeita, que a "grega" da cerâmica arcaica dos helenos. É preciso compará-la na composição de qualquer dos pratos, *tanga* ou jarra de Marajó, com a "grega", queorna, p. ex., a pintura sobre a placa de argila, fragmento de decoração de um tumulo atico, reproduzida por PERROT e CHIPIEZ, para penetrarmos a justa expressão do seu valor.

Um passeio pelo que ha de melhor na velha cerâmica helenica, não fornecerá muitos modelos que possam igualar a perfeição daquele ornato, feito pelas tribus de Marajó. Mas não queiramos vêr nesse achado uma transplantação de culturas. Lembremo-nos de que ha os fenomenos chamados de convergencia, isto é, de analogias etnograficas com origens independentes, para justificar o aparecimento da "grega", em tempo e região tão diversas.

Só agora, de 1925 para cá, a America do Sul, na sua face oriental, isto é, a America incluída por mim no ciclo das "Civilizações oleiras (Veja-se em "Archeologia Geral", Editora Nacional, 1936, o estudo das Civilizações Oleiras, Cap. V, pags. 107 a 125), apresenta, em outra região, cerâmica tanto ou mais perfeita quanto a de Marajó. Refiro-me ao valioso achado dos irmãos EMILIO e DUNCAN WAGNER, ocorrido na região argentina do Chaco

Santiagueno, entre os rios Salado e Dulce, de onde tiveram a sorte de extrair numero superior a dezoito mil peças de ceramica, toda ela admiravelmente trabalhada, algumas ornadas com a "grega", oferecendo semelhança á ceramica de Hissarlik, Micenas e Tirinto.

As peças excavadas pelos dois illustres arqueologos francezes ainda exhibiam, como elemento de ornamentação, a representação, em alto relevo, da aguia, do jaguar, da puma, da serpente, etc., e pela abundante quantidade em que afloraram permitiu aos seus descobridores a arrancada fantasia de que aquela região teria sido um centro de dispersão, de onde a ceramica irradiara para o mundo classico. Conhecido como é atualmente o poder ambulatorio do povo *nu-aruaik*, não seria impossivel, até posteriores descobertas, estabelecer certa correlação entre as culturas de Marajó e de Santiago del Estero (6). Não me parece que a vinculação da louça *santiaguena* com a ceramica do Equador, do Panamá e da America Central, possa afastar irremediavelmente de in-

(6) Estava este livro em provas, quando o meu prezado amigo e eminente colega Prof. ANTONIO SERRANO me enviou o seu apreciavel trabalho "La Etnografia Antigua de Santiago del Estero y la llamada Civilizacion Chaco-Santiaguena", acabado de aparecer, no qual esclarece e localisa, parece que de maneira definitiva, os achados dos irmãos Wagner, desferindo um golpe de morte na chamada "escola franco-santiaguena" de arqueologia,

fluencias *nu-arwak* os oleiros do Chaco. Estabelecidas taes correlações, restaria como elemento mais impressionante da admiravel descoberta dos irmãos WAGNER, explicar o misterio que se deve encerrar nos motivos que gruparam numa só região numero tão grande — o maior até hoje encontrado num só campo archeologico — de vasos de ceramica, isolados de outros elementos que possam figurar uma alta civilização.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ACUÑA (Luis Alberto) — Anotaciones historicas para un estudio sobre el arte de los indios colombianos, 1935.
- 2 — APARICIO (Francisco) — Un resto de Industria Amazonica en el Paraná inferior — Buenos Aires, 1931.
- 3 — APARICIO (Francisco) — Un nuevo documento relativo a la collocacion de las azas zoomorphas — Buenos Aires, 1925.
- 4 — APARICIO (Francisco) — Fabricacion de alfareria moderna en la region de la provincia de Cordoba — Buenos Aires, 1932.
- 5 — ANGIONE COSTA (J) — Arqueologia Geral — (Civilizações pre-Colombianas — Antiguidade Classica — Civilizações Orientaes) — São Paulo, 1936.
- 6 — BEUCHAT (H) — Manuel de l'Archeologie Americaine — Paris, 1918.
- 7 — BROGUIART (A) — Traité des Arts ceramiques — Paris, 1844.

- 8 — BOUILLET (M. N.) — Dictionnaire Universel des Sciences, des Lettres, des Arts — Paris, 1887.
- 9 — CHARNY (Jean) — Los Bajo Relieves del Templo de los Guerreros — Inst. Carnegie — Washington, 1931.
- 10 — CASO (Alfonso) — Idolos Huecos de barro de tipo arcaico, etc. — Mexico, 1934.
- 11 — FERREIRA PENNA (Domingos) — Apontamentos sobre os ceramios do Pará — Vol. VI, Arch. Mus. Nac. — Rio, 1885.
- 12 — HARTT (Charles Frederico) — Contribuição para a Etnologia do vale do Amazonas — Arch. do Mus. Nac. Vol. VI — Rio, 1885.
- 13 — JACQUEMART (A) — Les merveilles de la ceramique — Premier Partie — Paris, 1868.
- 14 — JACQUEMART (A) — Histoire de la Porcelane — Paris.
- 15 — LINNÉ (S) — The technique of south american ceramics — Gotteborg, 1925.
- 16 — LINNÉ (S) — Archacological field work in Chiriqui Panamá — in Ethnos, n. 4, 1936 — Stockholm.
- 17 — LICINIO CARDOSO (Vicente) — Filosofia da Arte — Rio, 1934.
- 18 — MORDINI (A) — Les cultures precolombiennes du Bas Amazone et leur developpement artistique — "Sonderabdruck aus den Verhandlugen des XXIV. Internationalen Amerikanisten-Kongresses Hamburg 7. bis 13. September", 1913.
- 19 — MOREIRA DE SÁ (B. V.) — Manual de Historia das Artes Plasticas — Porto, 1921.
- 20 — MENDES CORRÊA (A. A.) — Da Biologia á Historia — Porto, 1934.

- 21 — NORDENSKJOLD (Erlan) — *Ars Americana — L'Archeologie du Bassin de l'Amazone* — Paris, 1930.
- 22 — NETTO (Ladisláo) — *Investigações sobre a Archeologia Brasileira — Vol. VI Arch. Mus. Nac.* — Rio, 1885.
- 23 — OLIVEIRA (Luis Augusto) — *Ceramica Nacional* — Porto, 1920.
- 24 — PERROT et CHIPIEZ (George et Charles) — *Histoire de L'Art dans l'Antiquité — T. IX et X* — Paris, 1911.
- 25 — SERRANO (Antonio) — *La tecnica alfarera del litoral*, 1922.
- 26 — TAYLOR (Edward) — *Civilisation Primitive*.
- 27 — TIRADO (Ernesto Restrepo) — *Ensayo Etnografico y Arqueologico de la Provincia dos Quimbayas* — Sevilha, 1929.
- 28 — VENTURINO (Agustin) — *Sociologia primitiva Chicleindiana (con comparaciones Mayas, Aztecas e Incas)* — Barcelona, 1927.
- 29 — WINKELMANN (Johann Joachim) — *Histoire de l'Art chez les enciens — Chez Bassange, Masson & Besson* — Paris, 1802.

A BOUBA, DOENÇA AMERICANA

Escrevendo sobre esta doença, que aparece na America e na Africa, o dr. WALDEMIR MIRANDA, professor da Faculdade de Medicina de Pernambuco, pediu-me uma informação mais completa que a da *Introdução á Arqueologia Brasileira*, sobre a origem ou existencia desse mal, em terras americanas, na época em que Cabral veio ao Brasil.

O assunto é de fato do maior interesse e tem sido muito discutido, mas a soma dos argumentos que se vão ler em seguida confirma a minha opinião, expendida naquele livro, que é tambem a opinião de varios medicos e homens de ciencia como ARTHUR NEIVA, EUSEBIO MARTINS COSTA e PLACIDO BARBOSA, que estudaram o assunto do ponto de vista da historia nosologica brasileira: a boubá é doença americana.

O primeiro a estudar a *boubá*, no Brasil, foi o sabio naturalista GUILHERME PISO, o verdadeiro fundador, com BONTIUS, da medicina colonial e da nosografia brasileira. PIÃO veio ao nosso paiz em



Etnografia brasileira. Borôro Orarimugu do alto São Lourenço. O bari ou pagé evoca o maeriboe, espirito do seu antepassado, para curar a india doente. (Ilustração feita segundo um foto de Colbacchini, guardadas a proporção, a semelhança, o movimento. Apenas, no saleslano, o borôro aparece de frack e a mulher vestida, indumentaria que mandei retirar no desenho, feito pela minha cooperadora, senhorita Odejlí Castêllo Branco).

1637, trazido com os outros homens de ciência que acompanharam o conde João Mauricio de Nassau a Pernambuco. Era companheiro de JORGE MARCK-GRAFF, justamente considerado o iniciador dos estudos da historia natural brasileira, e de HENRI CRALITZ, que nada aqui realisou, porque logo faleceu. E como os dois sabios estão em moda, é oportuno dizer alguma cousa sobre os serviços inestimaveis que eles prestaram ao Brasil. PISO é talvez o medico e naturalista a quem a nossa medicina antiga deve mais. Na época colonial, os melhores estudos de biologia, foram os que ele escreveu. Publicou a *Brasilia Medica et Naturalis*, que é um livro muito avançado para o seu tempo e, em relação ao Brasil, teremos de confessar, ser unico.

Muito joven era ele, quando veio para a Mauricéa. Quasi rapaz, sua idade não ia além de 26 ou 27 anos, segundo seus biografos apuraram. Nem porisso, ou talvez porisso, o espirito amadurecido desse homem de Estado genial, que foi Mauricio de Nassau, deixou de confiar-lhe a incumbencia de estudar as formulas empiricas com que os *pagés* praticavam a sua arte primaria de curar.

PISO lançou-se á obra com heroismo, estudou a lingua e costumes dos indigenas, conseguindo relatar suas observações, agudas e inteligentes, em 1648, na Holanda, com a publicação da primeira edição do livro citado, o qual traz, em appendice, a

Historia Rerum Naturalis Brasiliae, do seu malogrado companheiro, o sabio MARCGRAFF, nessa época já falecido. Dez anos passados, publicava uma reedição do mesmo trabalho, dando-lhe o titulo de *India Utriusque Re Naturali et Medica*, o qual trouxe, ainda em apendice, a *Historia Naturalis et Medica Indiae Orientalis*, do medico e naturalista Bontius, seu amigo e contemporaneo, então em começo do officio medico, na India.

Nesta segunda edição, PISO fez alterações, na ordem de exposição do trabalho, lucrando a parte relativa ao estudo da *bouba*, que tendo aparecido primeiramente com o titulo de *lues venerea*, surge nesta segunda com o de *lues indica*, tudo indicando que o autor passava a reconhecer a doença, exclusivamente, como de *habitat americano*.

Deve-se-lhe a primeira descrição, feita por medico, da extranha doença americana. Num ponto, aliás importante, sua observação falhou. E' que Piso reconheceu-lhe uma natureza sifilitica, crença, entretanto, corrente por mais de um seculo, em patologia tropical, hoje desfeita diante de trabalhos publicados pelos drs. CHAPOT-PREVOST, AUSTREGESILLO e SILVA ARAUJO, entre outros.

E já que nos referimos de inicio ás duas figuras maiores, trazidas por Nassau ao Brasil, convirá lembrarmos ter sido MARCGRAFF, para a cien-



Etnografia brasileira. Borôro Orarimugu do Alto S. Lourenço. O mesmo bari ou pagé, na segunda fase da cura. Veja-se a fisionomia do bari e a compunção da indígena. Ilustração feita segundo um foto de Colbacchini.

cia brasileira, tão util quanto GUILHERME PISO. Nada ele adiantou sobre a *bouba*, é bem verdade, mas a sua atividade, em outros campos, foi imensa. Prodigiosamente ativo, escreve JULIANO MOREIRA, "percorreu o territorio brasileiro em varias direções, até as capitánias limitrofes para determinar longitudes e latitudes das diferentes localidades e traçar os respectivos mapas; colecionou, desenhou e descreveu todas as plantas ou animais que encontrou ou lhe remetera o Conde; estudou habitos, costumes e linguas dos indigenas; aprendeu o português, como se infere de varias de suas cartas, e quando Nassau estabeleceu em seu palacio um observatorio, o primeiro do hemisferio sul, ahí realisou observações astronomicas e meteorologicas de valor".

MARCGRAFF, que era alemão, morreu em 1644.

No capitulo que escreveu sobre *pian*, *piá* ou *bouba*, PISO fez a descrição sumaria da doença, caraterisando-a suficientemente, embora errado do ponto de vista medico, como dissemos acima, firmado numa crença hoje virtualmente combatida e negada.

* * *

Mas a *bouba*, no Brasil, é doença de importação ou é mal autoctone? A nossa opinião é clara: trata-se de doença já existente aqui, antes da des-

coberta. E não é uma opinião gratuita, pois, se baseia nos documentos deixados pelos primeiros europeus que viram o mal e dele transmitiram noticia.

A boubá, ou *pian*, é mal da America, comum, tambem, a outras regiões tropicaes. Aqui foi encontrada pelos portuguezes, no século da descoberta. Sua presença se faz notar em quasi todo o continente sul e nas Antilhas. Para se referir á doença, usavam os indios o vocabulo *piã*. *Piã* vem de *pi*, pele; *ã*, levantada, rugada. No *Vocabulario da Conquista* Baptista Caetano define, textual: "*piã* — *piã miã*, s. mancha, picada, nódoa; boubá, empingens, espinhas, cravos; *ad.* manchado, pintado, nodoado (*pi* pele a excrescer ou *aã* contr. marcar?)" Pele empolada, para melhor compreensão.

ANDRÉ THÉVET, no primeiro século, observa e explica a doença á maneira simples do tempo, como mal procedente das ligações sexuaes, dada a grande luxuria dessas gentes. O cronista diz na sua lingua singela: "Rescre dôc qu'elle prouienne de quelque maleursation, comme de trop frequenter charnellemēt l'homme avec la femme, attendis que ce peuple est fort luxurieux, charnel & plus que brutal, les femmes especialemēt, car elles charchent & prattiquent tous moyens á emouoir les hommes ou deduit".

Acrescenta no chap. XLV — pags. 84 a 88, “maladie fort familier & populaire em ces terres de l’Amerique & de l’occident, découuertes de nostre têps”.



Etnografia brasileira. Acampamento de indios Puris. Na ini, a india doente.
(D'après D'Orbigny)

JEAN DE LÉRY, que, em 1555 chegou ao Brasil, primeiro que THÉVET, reconhece que a doença é muito espalhada na terra, especialmente entre as crianças. Diz ele: — “aussi est ceste maladie la plus dangereuse en ceste terre du Brésil”. Escreve

antes, no seu doce falar do século XVI: “Cependant outre les fievres & Maladies communes de nos Amériquains, á cause de leur pays bien temperé, ils ne sont si suiets que nous sommes par deça, ils ont une maladie incurable qu'ils nomment *Pians*, laquelle combien q'uordinairement elle prouienne & se penne de paillardf, etc.”.

Ainda no sec. XVI, GABRIEL SOARES no *Tratado descriptivo da terra do Brasil em 1587*, descreve a boubá (ou *piã* dos guaranys), encontrada por ele na Bahia. (LERY e THÉVET tinham observado a doença no Rio de Janeiro). Poucos anos depois (1614), sec. XVII, YVES D'EVREUX, chegando ao Maranhão, igualmente dela se ocupa, porque ela era comum entre os indigenas. Mais tarde, PISO (1658), o padre LABAT (1724) descrevem também a boubá ou *piã* como molestia americana. Este refere-se a sua disseminação nas Antilhas, sob o nome de *epian*, entre os caraibas. Reconhece que essa doença é peculiar á America e natural dela, “devemos chamar-lhe *mal americano*, pois que nasceu neste paiz e daqui é que os hespanhoes, primeiros conquistadores deste Novo Mundo, a levaram para a Europa.”.

Concluindo, não padece duvida de que a boubá, ou *piã*, é molestia americana, o que não impede que exista também na Africa. Os primeiros desbravadores da America Portugueza e Hespanhola a encontraram grassando no continente: mesmo entre os

guaranis a boubá existia. Nas missões do Paraguay o padre Montoya recolheu o vocabulo *piã*, o qual foi adotado pelos francezes e intercalado no seu dicionario.

Não existe orgão sem função. A função da palavra *piã* era, precisamente, designar a doença conhecida mais tarde, entre os europeus, por *boubá*. *Piã* é palavra, na literatura medica, muito vulgarizada. Varios idiomas a adotaram precisamente com esta significação.

O *piã*, pápula pruriginosa, cuja transmissão se faz pelo *treponema pertenué*, foi estudado do ponto de vista erudito por RODOLFO GARCIA, nos comentarios aos *Dialogos das Grandezas do Brasil*.

BRANDONIO refere, nos *Dialogos*, ser a doença comum entre os indigenas.

Quanto ao negro, este só entrou no Brasil, para trabalho, em 1550, numa leva mandada vir por Tomé de Souza, que trouxera alguns em sua comitiva, em 1549. Porisso, as referencias de LERY são preciosas, porque ele chegara ao Brasil seis anos depois do negro, tempo insufficiente, dada a ausencia de meios de transportes, para que a doença tivesse se alastrado, de maneira a tanto impressiona-lo e aos outros cronistas que, depois dele, vieram a se ocupar da boubá.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — THEVET (André) — *Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée, & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps.* — Anvers — 1558.
- 2 — ANGYONE COSTA (J.) — *Introdução á Arqueologia Brasileira* — São Paulo, 1934.
- 3 — BARROS (Dias de) — *Conquistas da Medicina Brasileira* — Conferencia realizada em 1913, na Bibliotheca Nacional — Ann. Bibl. Nac. — Rio, 1916.
- 4 — *Dialogo das Grandezas do Brasil.* Introduçãõ de CAPISTRANO DE ABREU e notas de RODOLPHO GARCIA. Nota 12, pagina 121 — Publ. Acad. Bras. 1930.
- 5 — BRUMPT (E.) — *Precis de Parasitologie* — Paris, 1913.
- 6 — LERY (Jean de) — *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique.* — La Rochelle — MDLXXVIII.
- 7 — MONTOYA — (padre A. Ruiz) — *Vocabulario das palavras guaranys usadas pelo tradutor da Conquista Espiritual* — BAPTISTA CAETANO — *Vocabulario da Conquista* — Vol. VII — Ann. Bibl. Nac. — Rio, 1879, pag. 374.
- 8 — MOREIRA (Juliano) — *O Progresso das Sciencias no Brasil* — Conferencia realizada em 1913, na Bibliotheca Nacional — Ann. Bibl. Nac. — Rio, 1916.

A ARTE RUPESTRE NO BRASIL

As inscrições rupestres são a primeira manifestação da arte da pre-historia.

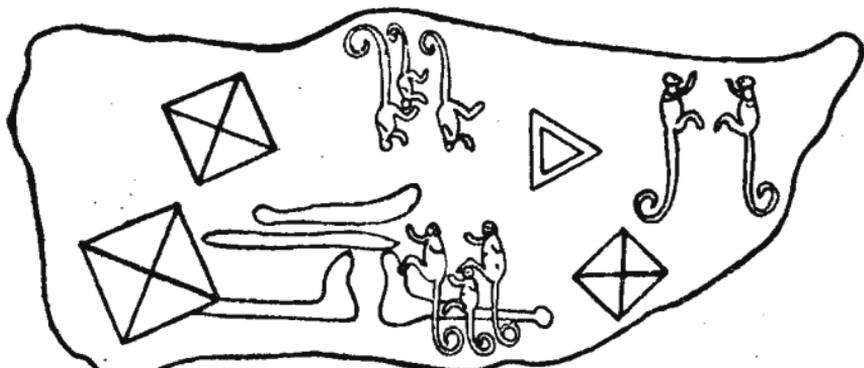
Ao sair da caverna, antes de trançar a palha, tecer a crina, a fibra, a pluma, fazer a cerâmica, o homem se sensibiliza diante do conjunto de elementos da natureza. Sua inteligência primária, sofre o choque brusco. Anteriormente, ele era só instinto, apreensão, reprodução, comunicabilidade, agora estas forças do sensorio estão melhor desenvolvidas, adquirem ação mecânica, que trará ao indivíduo outros meios de comunicação e domínio.

Com a articulação da palavra, desponta no cérebro mal aparelhado do homem, a necessidade de riscar, traçar, reproduzir a figura das primeiras coisas, que ferem, impressionam a visão.

Não é uma forma ideográfica, o que se está criando em seu espírito; esta só chegará muito mais tarde, com o pleno desenvolvimento de todas as funções do ser. A representação gráfica do pensamen-

to, da idéa, é uma conquista tão alta, que nenhuma outra concorrerá, na mesma proporção, para caracterizar a mentalidade do homem.

Os elementos da arte rupestre, a linha reta, a linha sinuosa, o ponto, o circulo, o circulo concentrico, a aspiral, etc., estes sim, são encontrados entre



Arte rupestre. Desenho da Pedra dos Macacos, planalto Colombiano.

(Repr. de "La vida en las tumbas",
Monsenhor Frederico Lunardi).

todos os povos, formando um patrimonio comum, sem nenhuma interferencia, criação espontanea, intuitiva.

Não implicam necessariamente relações ou contactos culturaes e só assim se compreende que os mesmos motivos possam aparecer nos logares mais distantes da terra, de difficil sinão impossivel conquista para individuos providos, apenas, de meios deficientes de locomoção.

Em todos os logares, o homem, sêr sensível, traçou o desenho, fez o risco horisontal, a linha ondulosa e curva, gravou com a ponta do "silex", no tétó ou na parede das cavernas, a figura do animal companheiro de solidão. Aparecem, assim, na Europa, em pedras, cavernas, penhascos, a figuração do reno, do mamú, do bisão; em outros logares, nas Americas, p. ex., o desenho do saurio, do quelonio, de outros bichos, do proprio homem.

Algumas vezes, estes desenhos têm a intenção religiosa, representam um elemento divinatório, o animal sagrado, a figura totemica; noutros, porém, e é a maioria, são simples figuração de arte sem outro objetivo, não são restos de uma escrita perdida, atlante, pale-artica, godwana, como quer a fantasia de certos espiritos inclinados para a ciencia sem base natural. Não são caracteres de uma linguagem esquecida e muito menos uma ideografia em formação. São os simples ensaios, desenhos reveladores de uma arte rudimentar.

Eles se reproduzem por todos os logares. Estão nos refugios e estações do vale do Vezére, nas grutas de Combe-Chapelle, nas grutas de Altamira e refugios dos Pirenêos, nas cavernas da Escossia e do Paiz de Gales, nas grutas da Liguria e de Romaneli, em Otranto, nas penedias do Nilo Azul, nas cachoeiras do Congo, nas pedras do Motopo, no deserto de Kalaari, na cadeia dos Atlas, no vale do Indus, em Benarés, em Nagpur, na Mandchuria, na

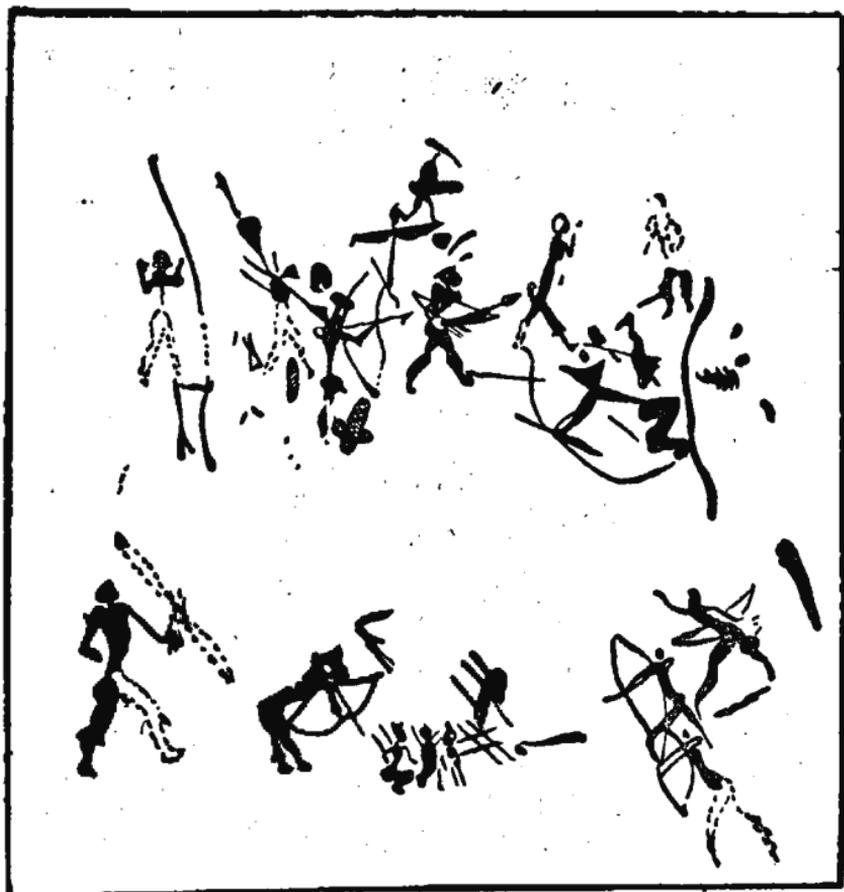
Coréa, nas montanhas da China, na Malasia, nas grutas do Japão, nas pedras vulcanicas da Polinesia, nas ilhas da Melanesia, no Connecticut, em Rhodisland, na Georgia, no Massachussets, nas cavernas e grutas das Guianas, na serra do Anastacio, nos abrigos de Intinhuasi, em El Pantanilo, Manatial Amarillo, Agua Linda, nas terras da Patagonia, por todos os logares, em suma, onde o homem primitivo viveu.

Por um singular destino, quanto mais os trabalhos de pitografia se orientam no sentido de explicar como escrita o desenho do homem das cavernas e daqueles de cultura semelhante, mais a convicção se robustece, nos espiritos, emprestando-lhes uma idéa de pura interpretação artistica. Seja na Europa, na Africa ou na America, onde a inscrição rupestre aparece, o estudo das culturas se apressa em explical-a no seu legitimo valôr: brinco, fantazia, comunicação, ou pura arte coeva dos primeiros homens da terra.

* * *

De ano para ano, a partir dos primeiros dias deste século, as pesquisas se acusaram no sentido de dar ás inscrições uma acertada interpretação. O material fossilizado encontrado ao lado dos inumeros desenhos que enchem as cavernas do centro e sul de França, como aquelas que lhes são visinhas,

em Hespanha e Portugal, p. ex., fala melhor que qualquer outro, do significado destes desenhos.



Arte rupestre. Desenho do homem quaternario. Pintura de cenas bell-
cas, seg. Breull e Cabre. Cueva de la Vieja (Alpera).

(Repr. do "Homo", de Mendes Corrêa)

Tão perfeitos se apresentam a melhor observação, que alguns antropologistas neles reconhecem uma tecnica.

PEYRONY, o sabio organizador do *Musée Pré-historique des Eysies* em seu livro, de colaboração com o Dr. CAPITAN, *L'Humanité primitive dans la région des Eysies*, diz que, "l'art des cavernes parait s'être bien plus généralisé sous le même aspect et, par consequent, correspondre á une technique, et peut'être aussi á une conception de l'esprit, qui se son etendues des grottes du Perigord e du Quercy á celles de la region pyrénéenne".

Não está sosinho nessa interpretação. O prof. LIDIO CIPRIANI, estudando em ambiente diferente, as preciosas inscrições gravadas pelos *Bochimanos*, nas suas terras do centro sul-occidental da Africa, chegou a conclusões semelhantes. A mesma variedade de traços e figuras, que o sabio italiano encontrou naquela região africana, impressiona a intelligencia, e força o raciocinio do observador, nas cavernas de França. Numa e noutra são evidentes as intenções. Não só as intenções psiquicas, como os processos de técnica. Em muitos logares, do centro e sul da França, Gondron á Tayas, La Mouthe, Combarelles, La Calivie, p. ex., os desenhos aparecem gravados na propria pedra, em outros, como Font-de-Gaume, são feitos a pintura, empregando o artista os tons negro e vermelho, tons que são, com pequena diferença, utilizados pelo homem de identica cultura, na Africa, na America, em outros pontos da terra.

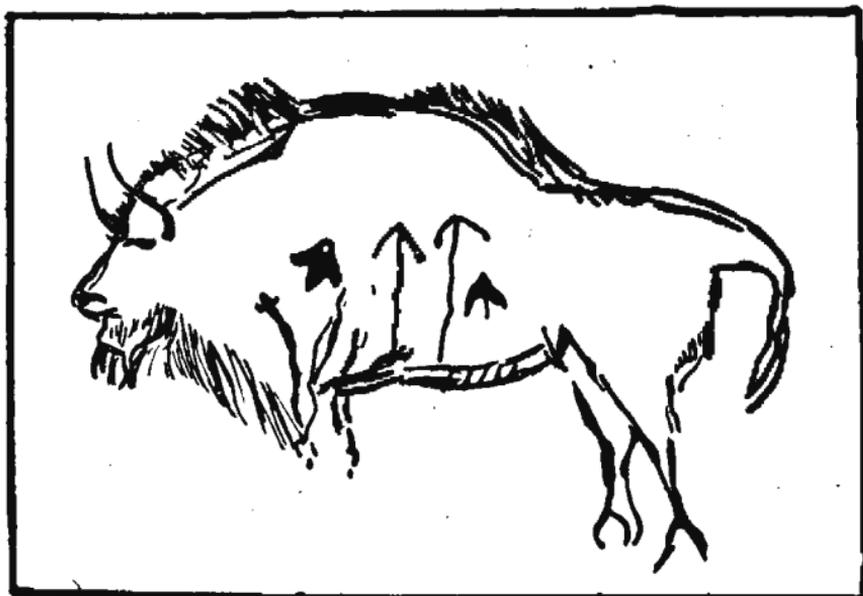
No Brasil, os desenhos rupestres não tendo alcançado a perfeição das inscrições bochimanas,

p. ex., são, entretanto, mais variados, na graça da sua singelesa. E, simples como aparecem, apresentam ás vezes a melhor semelhança com aqueles espalhados nas famosas cavernas da França.

Tão grande é a sedução exercida pelas descobertas realizadas nessas cavernas, um dos pontos de peregrinação dos homens de ciencia, que vale a pena conhecer um pouco de sua historia. Ela começa com E. LARTET, em agosto de 1863. E' quando chega a Eysies esse illustre antropologista, acompanhado de um outro curioso, o inglez CHRISTY. E Gorge-D'Enfer, Laugerie Haute, Laugerie Basse, Le Moustier, Liveyre e La Magdeleine, são percorridos e revolvidos, num sentido de pura pesquisa arqueologica.

As surpresas dos encontros, compensam o incomodo da excursão. E de tal maneira que, mais tarde, (1868) L. LARTET, honrando as tradições do pae, se incumbe de exumar os materiaes do Cro-Magnon. Sucedem-se, nas pesquisas, o marquez de VIBRAYE, MARTY, FRANCHET, E. MASSENAT, E. CORTAILHAC, E. RIVIÉRE, o dr. PAUL GIROD, G. CHAUVET, o Dr. CAPITAN, o marquez de FAYOLLE, FEAUX, o padre BREUIL, PEYRONY, o Dr. LALANNE, BOURLON, MAURY. 1895 marca a descoberta de uma galeria cheia de animaes gravados e pintados, logo estudada por E. RIVIÉRE e, em 1901, as pinturas de Font-de-Gaume e as gravuras de Combarelles, são reveladas pelo Dr. CAPITAN, o padre BREUIL e PEYRONY. Depois,

ainda os mesmos pesquisadores encontram os desenhos de GROUPE DE BERNIFAL (1902), LA COLEVIE (1903), LA GRÉZE (1904), COMARQUE (1917), e as figuras gravadas nos blocos de grés de ROC LA PÉPUE, (1921).



Arte rupestre. — Desenho do homem quaternário. Pintura de Niaux bisonte com flexas e azagaias. Seg. Breuil.

Mais ou menos pelo mesmo tempo, o Dr. LALANNE (1910) descobria a frisa esculpida do abrigo de Cap. Blanc. Mais tarde (1912) ainda o Dr. LALANNE revelava os baixos-relevos humanos de Laus-sel. Seguiram-se os achados de gravuras sobre blocos calcareos feitos por PEYRONY em La Magdeleine (1912), pelo padre BOUYSSONIE em Limenil

(1912), pelo Dr. CAPITAN e PEYRONY em La Ferrassie (1921). Finalmente, os achados (1922-1923) de diversos baixos-relevos em pedra e de uma escultura em calcareo, tudo em Laugerie-Haute, feitos por CAPITAN e PEYRONY.

De 1908 até o periodo da guerra, contam-se as pesquisas do antiquario suíço-alemão HAUSER, em Combe-Chapelle, prosseguidas, mais tarde, em 1920 e 1921, todas valiosissimas, não só para o conhecimento das inscrições como para a antropologia em geral.

Mas, uma verdade será preciso proclamar: a riqueza desses achados, a abundancia de desenhos recolhidos, copiados, estudados nessa valiosissima estação prehistorica, considerada a mais importante do mundo, não altera, não modifica o julgamento que os homens de ciencia possam emprestar ás inscrições.

Elas se situam no mesmo plano em que o espirito do indigena americano, o espirito do indio do Brasil, gravou ou pintou suas figurações. Arte, pura arte até certo ponto correspondente a do quaternario europeu. Apenas, no nosso continente, no norte e já fóra do Brasil, será possível reconhecer, em algumas, uma intenção religiosa. As restantes, que são a grande maioria, o abundante emaranhado de riscos e figuras encontrados pelos sertões e que, na Amazonia e no nordeste, se acusam em quantidade inumeravel, representam o simples *ludus*

homini, passatempo, brincadeira de indio, ou ainda, espalhados numa área consideravel dos grandes rios interiores, o desenho reproduzindo uma idéa de comunicação.

O indio nunca fez desses desenhos uma utilidade maior. Quando aparece uma inscrição convencionalizada, ela não vae alem de uma ideologia primaria, não vae alem da idéa de aviso, não ultrapassa o plano de uma comunicação.

O pé, o peixe, os animaes deixados em litoglifos e petroglifos, não incorporam nenhuma outra ideologia. O maximo que é possivel avançar é que, o indio, ao traçal-os, quiz dar um aviso a outro indio, procurou transmitir a idéa de que no local marcado havia caça, o peixe era farto, ou o melhor caminho era aquele. Esta dedução não é uma fantasia, resulta de observações feitas sobre o mesmo material das inscrições entre diferentes tribus do Brasil central, por etnologos como KARL VON DEN STEINEN.

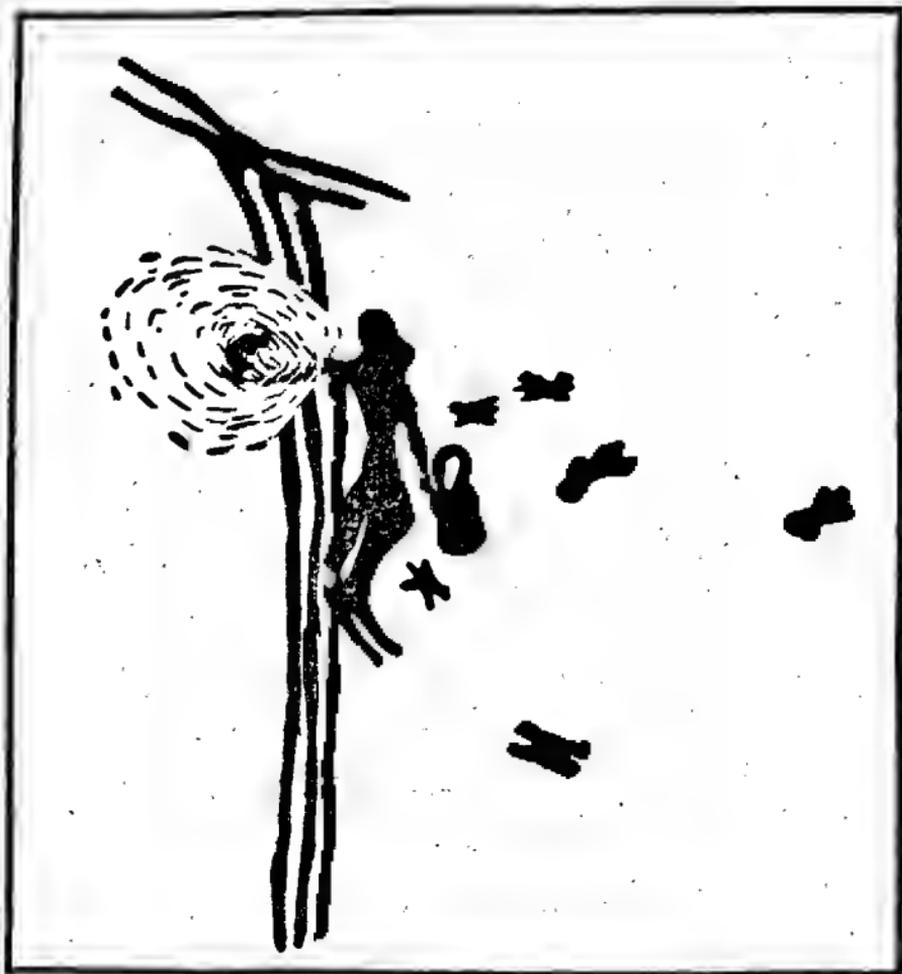
No Brasil, o indio não tentou a escrita, apenas logrou transmitir uma idéa primaria a outro indio, utilizando o desenho, uma das primeiras conquistas de que conseguiu se apossar.

São de tres typos, os desenhos rupestres do Brasil: gravados na superficie plana de lapides e rochedos, pintados a vermelho ou preto, ou, simultaneamente, pintados e gravados. Os do primeiro grupo tomam a fórmula de traços horisontais, verticais, inclinados, etc., representando figuras diversas; os do

segundo reproduzem, com a pintura, os mesmos motivos; o terceiro, conservando identidade de traços, aparece, entretanto, menos, sendo os desenhos feitos geralmente na altura que o braço alcança.

Os litoglifos, em nosso país encontram-se em toda a parte, de preferencia nos rios da Amazonia e nas serras e serrotes do nordeste. Fôram vistos, desde a primeira hora, pelo europeu, a principio, com indiferença, mais tarde com o interesse de quanto sabio penetrou o interior do Brasil. Na margem esquerda do Amazonas, e seus tributarios Trombetas, Cuminâ, Nhamundá, Urubú, Rio Negro, Japurá, registrou-os madame COUDREAU, WALLACE, LADISLÁU, STRADELLI, HARTT, KOCH-GRUENBERG; na margem direita e tributarios, Madeira, Tapajoz, Xingú, Anapú, Tocantins, por KELLER-LEUZINGER, MATHEUS HEATH, CUNHA MATTOS, GONÇALVES TOCANTINS, BARBOSA RODRIGUES, CASTELNAU, SEGURADO, HARTT, VON DEN STEINEN, EHRENREICH. Ainda no Maranhão, Ceará, Piauhy, Rio Grande do Norte, Parahyba, por todo o ressequido sertão do nordeste, os petroglifos, precisamente aqueles cujo caráter não permite confusão com simbologia alfabetica, foram observados pelo autor do "Dialogo das Grandezas do Brasil", por IVES D'EVREUX, por FRANCISCO CORRÊA TELLES DE MENEZES, WHITFIELD, KOSTER, ALENCAR NOGUEIRA, HIERKMANS, AIRES DO CASAL, RETUMBA, mais perto de nós, o escritor GUSTAVO BARROSO.

Ainda no nordeste, em Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, aparecem igualmente inscrições nos dois sentidos, (*ludus homini* e intenção religiosa), examinadas e copiadas, entre outros, por SEBASTIÃO



Arte rupestre. Pinturas de Cuevas de la Araña, estudadas por Hernandez Pacheco. Pintura a vermelho, representando uma colheita de mel, seg. Obermaler.

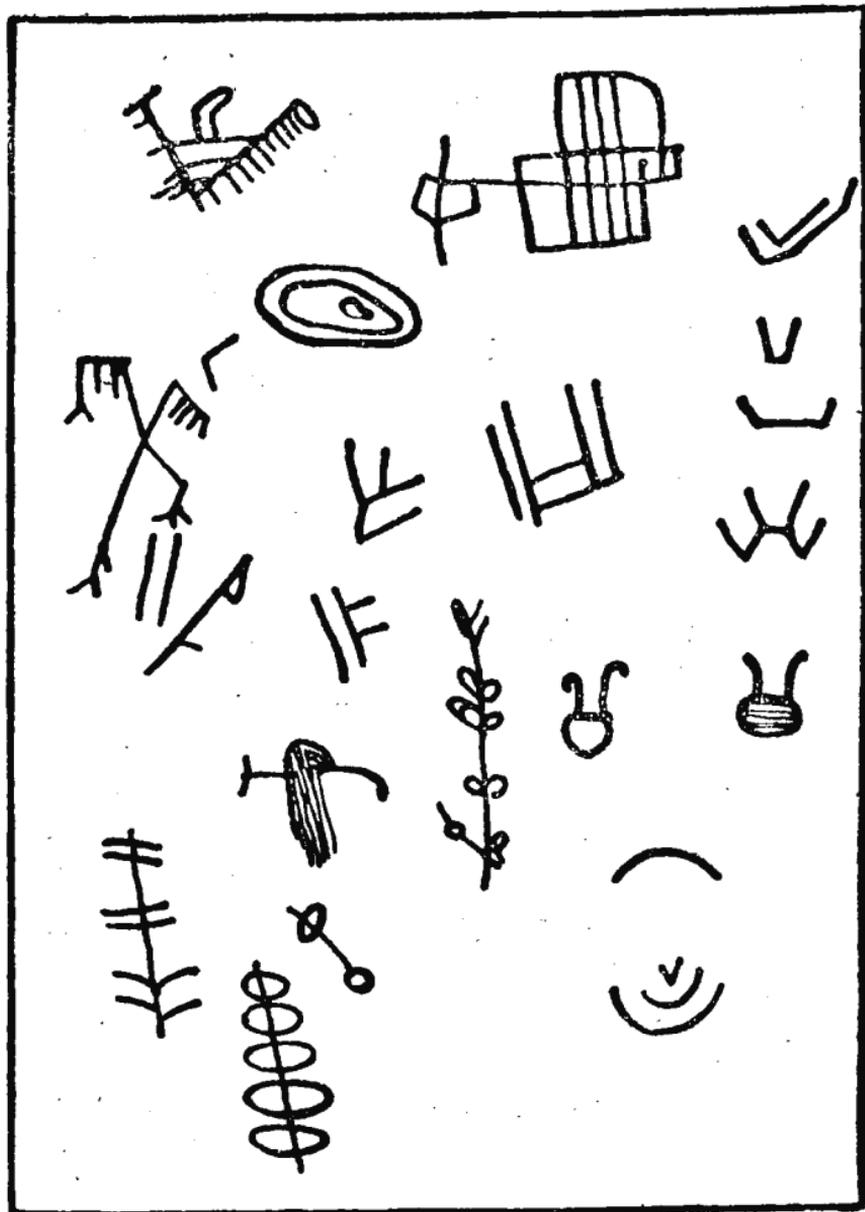
(Repr. do "Homo", de Mendes Corrêa)

DE VASCONCELLOS GALVÃO, CORRÊA TELLES, MARTIUS, BRANNER, LOUIS LOMBARD, RICHARD BURTON, FELIPPE REY, FELISBELO FREIRE e, modernamente, MARIO MELLO, CARLOS ESTEVÃO, etc. Do Rio de Janeiro para o sul, em S. Paulo, Goyaz, Matto Grosso, Minas Geraes, Rio Grande do Sul, as inscrições rupestres, que evidentemente diminuem de quantidade, são vistas por SAINT-HILAIRE, CUNHA MATTOS, JAYME REIS, DOMINGOS JAGUARIBE, VON DEN STEINEN, KUNERT, VON KOZERITZ, VON IHERING, SEVERIANO DA FONSECA, FELICIO DOS SANTOS, MAX SHMIDT, VOJTĚCH FRIC, P. FRAEGER, etc. acusando todas, exceções das que foram encontradas por MARTIUS, as de São Tomé das Letras, caracteres perfeitamente identicos aos demais desenhos de indios do Brasil, excluida sempre, naturalmente, a contribuição que o bandeirante, especialmente no centro e no sul do paiz, haja trazido á colaboração destes sinais.

De alguns desenhos que aparecem em certos rios da alta Amazonia e em regiões sertanejas da Baía, pode dizer-se que diferem, são figuras simbolicas, de carater religioso e funerario. Situam-se quasi sempre em grandes alturas, onde o braço humano não alcança. Na Amazonia e na Bahia existem trabalhos de arte rupestre ocupando extensas areas e colocados tão alto que o homem só poderia fazel-os utilizando instrumento de trepar. Os do

vale do Orenoco e da Guiana, os do rochedo Calamar, á margem do Cassiquiare, são deste molde. Situam-se em penedos graníticos e, os desenhos do Calamare, estudados por HUMBOLDT, fogem ao comum dos sinaes espalhados pelo Brasil, porisso que representam estrelas, onças, jacarés, serpentes, (THEODORO SAMPAIO), desenhados em grande tamanho e altura, muito afastados do solo e pintados a tinta vermelhocre. Fóra de qualquer duvida, obedeceram a uma simbologia mitica religiosa, mas não são inscrições pintadas pelo indigena do Brasil. Estão fóra, no tempo e no espaço, da cultura rupestre que aqui se fez. Aliás as inscrições lapidares feitas com tinta vermelho (catuá), na lingua dos *Camacuan*, são na America do Sul mais numerosas do que propriamente os litoglifos (pedra gravada). A Argentina, o Paraguay e toda a costa andina, estão cheios delas.

No Brasil os litoglifos são mais abundantes nos sertões do que no litoral. Foram de preferencia os *Gê* e outros povos, que não os *Tupi*, os habeis desenhistas destes sinais: A costa era territorio recente para esse grande povo conquistador, em plena fase de expansão belicosa. Seu dominio sobre a terra ainda não lhe permitira longas demoras, grandes ocios, vida sedentaria, como a dos *Gê*. *Ludus homini*, repetimos, as tribus do litoral, pelas condições de sua vida, (circulo cultural exógamo com su-



Arte rupestre. — Desenho copiado de uma pedra, no lugar Sete Cidades.
Piracuruca, Piauí

(Repr. de Gustavo Barroso)

cessão paternal, segundo a classificação de W. Schmidt), dispunham provavelmente de menor tempo para fazel-os.

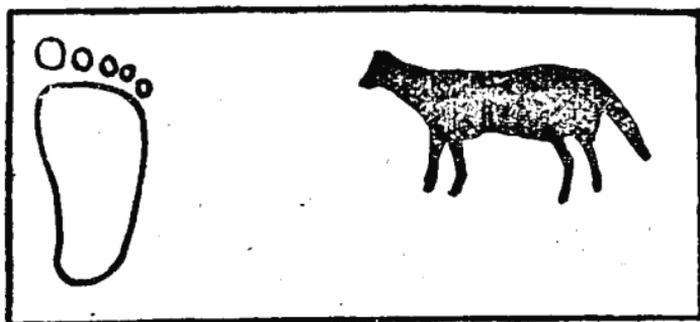
Já nos sertões bahianos, em região povoada pelos Gê, as inscrições do Vasa-Barris, Serra de Anastacio, (MARTIUS), Casa de Pedra, Serrote do Pintor, Serrote da Loja, (THEODORO SAMPAIO) são como as da alta Amazonia, donas de uma intenção religiosa, estão integradas no rito dessas tribus. Aparecem precisamente em logares onde foram feitos enterramentos. Restos de ceramica retirados de alguns deles, servem para confirmar a intenção votiva evidente. As inscrições do Serrote da Loja, p. ex., estão ambientadas de maneira a permitir essa conclusão. Elas não surgem isoladas, perdidas, abandonadas na mata. Ocupam uma vasta massa granitica, com a apparencia de enorme tartaruga (por que não um jaboty, que é animal totemico, sobre o qual existem as lendas que formaram, no *folk-lore*, o ciclo do jaboty?) e na cavidade da pedra, na *lapa* ou *loja*, conforme chamam os moradores do logar, se multiplicam os desenhos a tinta, pelas paredes e pelo tétó, havendo ainda restos de louça e uma configuração de idolo (SAMPALIO) em que a cabeça e os ombros são blocos graniticos, aproveitados com intenção. Admitimos esta intenção para não acompanhar SAMPALIO nos devaneios em que lhe empresta o carater de interpretação de escrita.

A nós, entretanto, não nos parece que a arte, inscrição rupestre, possa ter varios sentidos. Sabemos que ela, vez por outra, apresenta caracteres capazes de estabelecer confusão nos cerebros imaginosos. Reconhecemos a universalidade do petroglifo. Não negamos que em certas figuras de Marajó e dos sertões ha similitudes com desenhos lineares do velho Egipto, sinaes simbolicos do Mexico, da China, traços cuneiformes da Arabia, da Armenia, da velha Caldéa, *tifinares*, (letra sagrada) dos mouros e tuaregs, figurações proto-cuneiforme das primitivas civilisações mesopotamicas, mas olhando a frio, refletindo dentro do campo das conclusões a que se pode chegar com o material atual, não me parece que possamos ver na variedade de sinaes rupestres qualquer idéa de escrita, muito menos de escrita de uma humanidade adiantada, talvez do ciclo de ouro, que houvesse povoado o mundo e deixasse pelos logares onde sua presença se firmara, restos, sinaes perdidos de uma ideografia extinta.

* * *

Dia a dia os estudos da geologia, assim como os estudos propriamente do homem, trazem surpresas para o mundo, mas estas surpresas ainda não se fizeram sentir de fórma a revelar vestigios, resquícios de uma humanidade superior ou ao menos igual a nossa. Estão errados todos os que procuram expli-

car ou compreender o passado como uma era melhor. O saudosismo nem em literatura romantica se afirmou. O que vemos, o que presenciamos todos os dias, é o homem cada vez mais avançar, distanciando-se das fórmulas primitivas, tanto o homem social, como o homem animal, sêr biologico ligado ao encadeamento das especies.



Arte rupestre. — Pitografias da gruta de S. Tomé, Minas Geraes. O animal é gravado e pintado a vermelho, mede, aproximadamente, 1 metro de comprimento. O pé é de tamanho natural, gravado na rocha, acima do chão.

(Rep. de Gustavo Barroso)

No setôr das inscrições ou arte rupestre, não vemos como associar, num encadeamento ideografico interrompido, o desenho indigena brasileiro com o do *esquimó*, o *bochimano* ou o *tuareg*, com o das cavernas do centro e sul da França, com os riscos assinalados nos *menhirs* de Karnak ou da Bretanha, com as inscrições ibericas. Todos são produtos da capacidade artistica e, alguns, os mais aperfeiçoados, representam elementos de cultura surgidos simulta-

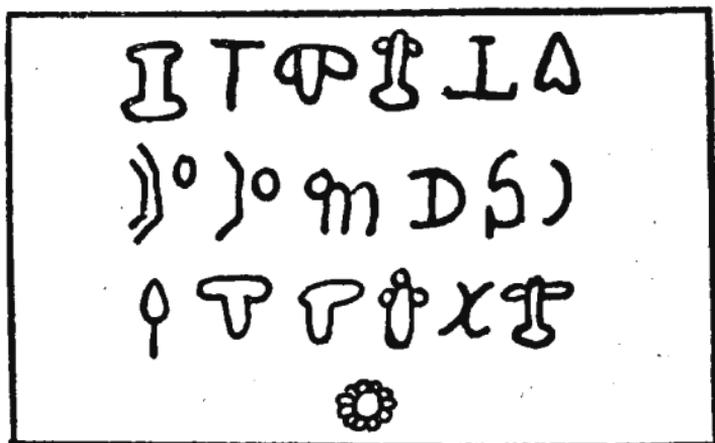
neamente, sem nenhuma interdependencia, numa perfeita ausencia de conhecimento entre os individuos primarios seus autores.

No seu grande livro "Da Biologia á Historia", o eminente antropologo MENDES CORRÊA reconhece e escreve "sem duvida, é nas primeiras representações de arte que devemos ir buscar as mais remotas manifestações da tendencia para figuração de idéas". Desinteressadas ou utilitarias, accidentaes ou intentionais, essas representações marcam os primeiros ensaios do homem para exprimir, por sinais objetivos, as suas representações psiquicas".

Elas impressionaram sempre os homens de cultura. Desde que o europeu iniciou excursões de carater científico pelo interior dos continentes, a arte rupestre foi encontrada e registrada como curiosidade, que a ciencia procurou explicar.

Já o *Dialogo das Grandezas do Brasil* a elas se referia e, dois seculos mais tarde, HUMBOLDT realizando a sua viagem maravilhosa pela America, deteve-se em copial-as. BOMPLAND a elas se refere. Os desbravadores do nosso continente como os da Asia e da Africa, ainda em nossos dias, registram a existencia desses confusos sinaes, diferindo apenas na sua interpretação, que para alguns é arte, enquanto para outros, que não me parece estejam certos, são restos de uma escrita cuja chave a velha humanidade perdeu. Pela Oceania, desde FREYCI-NET, eles suggestionaram o europeu. Na America,

não estão apenas no Brasil. Pelo contrario. Nas regiões em que as culturas se adeantaram, os desenhos rupestres passam a adquirir elementos zoomorfos, florais e humanos, mas sempre conservando o carater de arte, porisso que nenhum dos antigos ou dos novos valores autoriza os americanistas a consideral-os uma escrita.



Arte rupestre. Litoglifos de Araçuaque, Parahyba. Nota-se o desenho da flôr e variação sobre o falus

(Rep. de Gustavo Barroso).

FELIX F. ÔUTES, descrevendo os petroglifos de Luampampa, onde aparecem, digo eu, varios elementos vulgarizados no nordeste do Brasil, neles observa, "en primer término, una figura antropomorfica altamente esquematizada; luego, círculos concentricos á simples, provistos de un punto en el centro; figuras circulares ó mais ó menos semi-circulares de cuya

periferia superior se destacan prolongaciones á moda de rayos; y sobre todo, sobresalen los dibujos complicados é identificables”, o que tudo põe em evidencia o pensamento do ilustre cientista argentino, de que essas inscrições são apenas singelas manifestações de arte rupestre.

Estudando os petroglifos de Loma Rica, Andaguala e Ampajango, igualmente na Argentina, CARLOS BRUCH reconhece que, “por ahora su interpretación es imposible”. Ainda sem lhes dar qualquer idéa de escrita, AMBROSETTI descreve o petroglifo de Antofagasta de La Sierra, atribuído aos *Cachalquis*, mas onde um estudo cuidadoso vê a contribuição de diversos indigenas, prestada em ocasiões diferentes, para o trabalho comum da composição de motivos artisticos, talvez de origem totemica. CARLOS BRUCH reproduz os petroglifos de San Bartolo, de La Vega de Infieles e de Penas Blancas, em todos, porém, não deixando de vêr mera arte rupestre.

MILICIADES ALEJO VIGNATI, preocupado com as explorações arqueologicas da provincia de San Luis escreve “. . . puede verse una serie bastante crecida de animales y otras figuras varias pintadas en blanco, con pocas excepciones en negro, amarillo y colorado. El conjunto constituye un extenso friso, no muy ancha en la case integridad de las paredes del

recinto. Las formas de animales, camélidos en sua casi totalidad, tienen un vigor inusitado, no asi las representativas de seres humanoides y signo de interpretación desconocida que se representan toscas y, al parecer, disvinculadas de la hermosa serie



Arte rupestre. Representação zoomorfa de uma pitografia, em General Urquiza, Rep. Argentina. As figuras de veado têm gracilidade e movimento.

(Repr. de Milciades Alejo Vignati)

zoomorfa, como se se tratasse de pinturas correspondientes a otra época en que la capacidade artistica hubiera decrecido”.

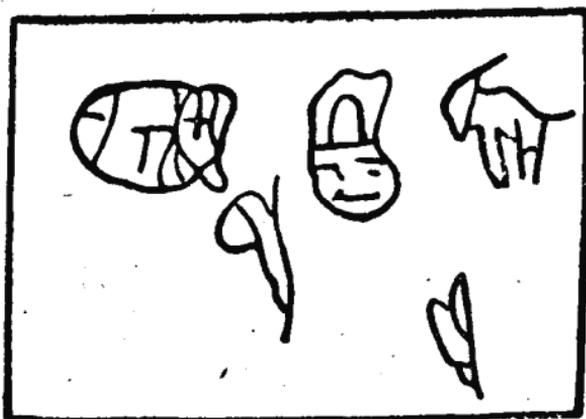
E ainda detalha, para melhor acentuar a sua convicção, de que está verdadeiramente diante de expressões de uma arte primitiva; “De todo ese

conjunto se destaca por la morbidez de sus líneas de venados, los cuales, conjuntamente con los animales de la pictografía de El Puesto, presentan una gracilidad de formas y un movimiento que no tienen comparación con las grotescas pinturas de otras regiones de nuestro territorio y que, de inmediato, recuerdan las prodigiosas realizaciones de las cavernas del sur de Francia y norte de España”.

Pelo pensamento exposto, o desenho, a inscrição rupestre, segundo VIGNATI, aparecem não somente com o seu legitimo e exato valor, como ainda são comparados á arte do quaternario francez e á arte das grutas da Espanha, uma e outra consideradas os mais perfeitos trabalhos no genero, do paleolitico superior.

Ainda o mesmo antropologo argentino, em estudo recente, (1935): “Una Pitografia de los alrededores de San Martin de Los Andes”, esclarece melhor seu pensamento, não nos parecendo que deixe de reconhecer, nas inscrições, uma criação de arte; apenas, diríamos, nelas se vê uma arte aplicada, arte feita sob os reclamos de uma necessidade espiritual. O trabalho a que me refiro ocupa-se de inscrições encontradas a cinco kilometros antes da povoação de San Martin de Los Andes, na serra do Chapeléo, Patagonia, inscrições feitas a côres, em diversas tonalidades de ocre, nelas não aparecendo o motivo-rastro de animaes — que caracteriza esses desenhos na região patagonica,

Detalhando a descrição da pitografia, objeto de seu estudo, ALEJO VIGNATI encontra “abundantes representaciones humanas de vigorosa expresión en el movimiento de sus figuras, que tienen su correlativo con las pinturas naturalistas del levante de la península Iberica, de las que, sin embargo, se separan por la existencia de tectiformes y otros signos

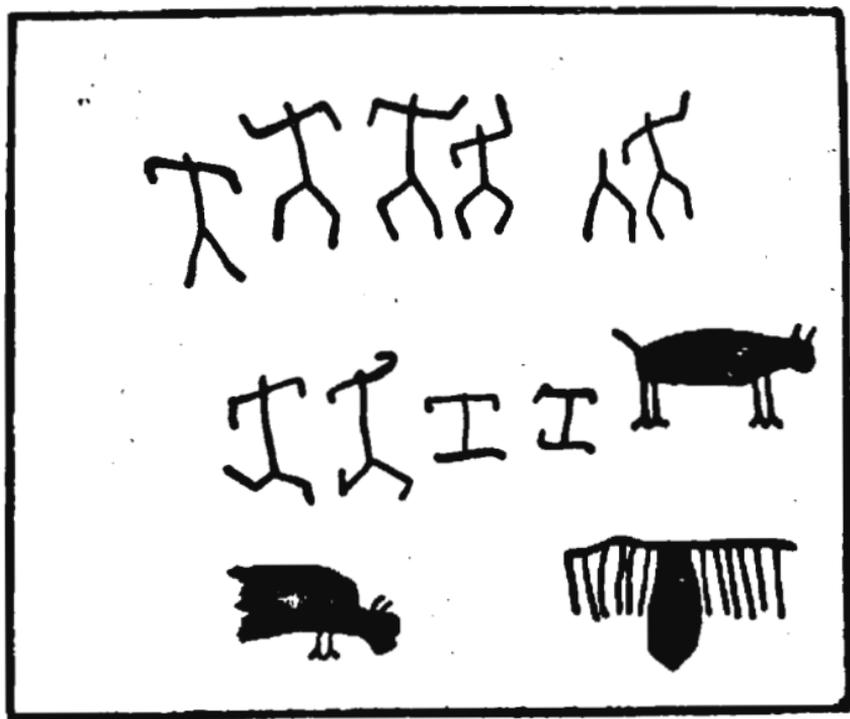


Arte rupestre. Figuras recolhidas no Ceará.
Gravadas e pintadas, a tinta vermelha, a um
kilometro da povoação Pé do Morro
(Repr. de Gustavo Barroso)

de difícil, sino imposible, interpretación”, concluin-
do o seu pensamento sobre as pitografias, desta ma-
neira clara: “Esas que nosotros consideramos,
obras de arte no son sino figuras mágicas destinadas
a poner las fuerzas sobrenaturales al servicio y a
los deseo de los hombres.”

Não é preciso dizer mais, para comprovar o
ponto de vista já expendido por mim sobre inscri-

ções rupestres, de que existe uma arte espontanea e infantil, puro brinco de indio, outra que representa uma necessidade de comunicação e ainda outra, que só aparece nos limites e em duas zonas in-



Arte rupestre. Copladas da Pedra Ferrada, Itapipoca, no Estado do Ceará

(Repr. de Gustavo Barroso)

teriores do Brasil, de fins puramente religiosos e funerarios, arte a que se devem ligar as pitografias descritas pelo illustre antropologista argentino e encontradas na serra do Chapeléo.

Uma outra finalidade, mas igualmente afirmadora do meu asserto de que o desenho de índio é arte primaria e não inscrição com sentido ideografico, sinal representativo da linguagem escrita, encontro em HÉCTOR GRESLEBIN, incontestada autoridade em assuntos de arqueologia americana, no seu estudo *Nueva Hipótesis sobre el Destino de las placas grabadas*. Seu pensamento é claro e bem elucidado, relativo ao desenho que cobre os conhecidos artefatos da arqueologia patagonica, "placas grabadas", desenho que GRESLEBIN não vacila em afirmar, estudando os exemplares das peças recolhidas por VERNAU, LUIS MARIA TORRES, DOELLO-JURADO, MORENO, serem "modelos esquemáticos de ponchos". A esta conclusão não chegou o eminente arqueologo sinão depois de exhaustivo exame sobre a técnica dos motivos ornamentais das ditas "placas".

Mas não se confinam aos arqueologos e antropologos deste continente, as afirmações de que inscrição rupestre, inscrição de índio, inscrição primitiva, afinal, não seja escrita, seja arte. Agora mesmo, foram identificadas com as gravuras européas, consideradas do paleolitico superior, as inscrições rupestres sul-africanas atribuidas aos bochimanos, povoadores de sertões da Africa. MENDES CORRÊA se refere á similitude dessas manifestações artisticas no seu trabalho *Prehistoria de Moçambique* e o prof. DART, citado pelo mesmo illustre professor, é levado a confessar ter encontrado afinidades de arte

babilonica, fenicia e chinesa, em varias pinturas atribuidas ou feitas pela capacidade incipente do bochimano. Considerando-as igualmente pinturas rupestres, o arqueologo portuguez Santos Junior consagra recente estudo ás inscrições de Chifumbasi, por ele estudadas na Zambesia.

No solo americano e dentro dele na vasta superficie territorial brasileira, tambem o homem, (*Homo baturiteensis*, indigena atual, ou um e outro, simultaneamente?), riscou identicos sinaes, traçou a figura, espalhou a graça do primeiro desenho, pelas penedias, pelos alcantilados, pelas lapas, pelas furnas, pelos barrancos e pelas pedras dos rios. E para que nenhum detalhe escapasse á similitude que vimos observando nessa arte pré-historica, os proprios aspetos de côr e a propria técnica do riscado vêm em socorro da teoria que os vincula num mesmo ciclo de cultura. As pinturas da gruta do Font-de-Gaume, no vale do Vézère, já referido, são feitas a vermelho e preto, côres que se encontram combinadas em numerosos desenhos do Brasil.

Nas margens do Fonseca, ressequido afluente do Queixerambim, encontrou e copiou GUSTAVO BARROSO varias pinturas, publicadas mais tarde, em mais de um trabalho, e reunidas, posteriormente, no livro "Aquem da Atlantida", pinturas nas quais MENDES CORRÊA faz notar a existencia do mesmo espirito creador da arte rupestre iberica, dizendo que elas se aproximam dessa arte, muito embora nos

desenhos recolhidos por BARROSO, apareçam figurações desconhecidas entre os rupestres da Europa.

Desenvolvendo o seu estudo, o ilustre professor da Universidade do Porto, observou outros detalhes do mesmo grupo de inscrições, que, ao seu parecer,



Arte rupestre. — Pitografia de bochimanos. Ataque a uma paliçada inimiga. Pintura de tendência naturalista, que se observa pela disposição de movimento das figuras.

(Repr. da Rev. Geo. Am. publicada pela etnóloga húngara Ana Biro de Stern)

não constituem um tipo generico privativo da arte rupestre do antigo continente, acrescentando que DONNELLY já as registrara no New Mexico, MIGUEL TRIANA e LAZARO GIRON, na Venezuela e na Colombia, o que lhes dá, concluimos nós, uma area consideravel de irradiação continental.

Nos dias atuais, (1936) o professor LIDIO CIPRIANI, do Muséu de Antropologia da Universidade de Florença, e que é um dos grandes estudiosos das civilizações do continente negro, fez (7) observações sobre a semelhança de pinturas sul-africanas, tidas por bochimanas, com outras também rupestres da Espanha, encontradas em abrigos preistoricos. Afirma aquele autor não poder ser casual a semelhança e aceita a hipótese de um remoto intercambio de culturas entre a Europa e a Africa..." es indispensable admitir, en lejanismas épocas, un cambio de gentes y de culturas entre Europa y el Continente Negro, com movimientos de flujo y reflujo de no poca intensidad".

LIDIO CIPRIANI, evidentemente, sem nada aduzir a favôr da tésede uma escrita intencional entre os rupestres, esclarece que, á falta absoluta de uma escrita no continente africano, exceção feita da parte norte, "as inscrições rupestres nos oferecem precioso guia sobre as vicissitudes de sua população humana e animal, atravez das épocas geológicas". Diz ainda que o clima, a fauna, a flora e, em parte, as culturas indigenas, recebem em muitos casos uma ilustração precisa com estes debuxos, que ás vezes permitem confirmar, de uma maneira absoluta,

(7) "Revista Geografica Americana," Buenos Aires, 1936.

A.	𐤀
B.	𐤁
C. & CH.	𐤂
D.	𐤃
Ĕ.	𐤄
F. ou PH.	𐤅
Ē. ou ĒTA.	𐤆
I.	𐤇
K.	𐤈
L.	𐤉
M.	𐤊
N.	𐤋
Ō.	𐤌
P.	𐤍
Q.	𐤎
R.	𐤏
S.	𐤐
T.	𐤑
Z.	𐤒

antigas descrições, não lhe atribuindo, porém, o carater de escrita.

* * *

Do exposto, não se deve concluir, entretanto, que o indígena brasileiro andou a escrever cousas, a contar sua historia, nas pedras e caminhos dos sertões. Averiguando-se a identidade dos sinais rupestres do Brasil, encontram-se evidentes pontos que impressionam, mas não devem servir para forçar interpretações e descobrir escritas, frases, episodios, narrativas, ao sabôr de espiritos dados á fantasia. Não sabemos si por um fenomeno explicado pela

Alfabeto fenicio. — Quadro organizado e publicado por Poinset de Sivry. Pag. 189 de "Nouvelles Recherches sur la science des Médailles, Inscriptions, et Hieroglyphes Antiques" — Maestricht, . . .
MDCCLXXVIII

ação incisiva dos nossos fortes calores ou si, pura e simplesmente, pelo desconhecimento em que vivem desses assuntos, varios dos nossos homens instruidos denotam uma evidente inclinação para interpretar os riscos deixados pelos indios, traduzil-os e coordenal-os, com eles estabelecendo escritas, hieroglifos, sem RAWLISONS, nem CHAMPOLLIONS.

Difícil será verificar nos desenhos rupestres, mais do que a emoção de almas ingenuas diante da incompreensão do mundo.

As leituras, as interpretações que se têm procurado dar ás inscrições, no Brasil, têm incidido no mais censuravel exagero. Por um lado, produzem a pilheria da lapa do Pouso Alto, inscrição enviada a RENAN e por mim largamente comentada na "Introdução á Arqueologia Brasileira", por outro se orientam por essa fantasia delirante, que é a tentativa de tradução das erosões da pedra da Gavea, onde algumas pessoas procuram vêr uma inscrição fenicia.

Examinando fotografias dos sinais existentes naquela pedra e comparando-os com os simbolos do quadro de CONTENAU em "La Civilisation Phénicienne", pode-se chegar, por um excesso de bôa vontade, a estabelecer uma aproximação entre a fórmula e a posição de alguns riscos da Gavea e os caracteres fenicios, mas na verdade, o que no confronto impressiona, é a discordante diferença que os separa,

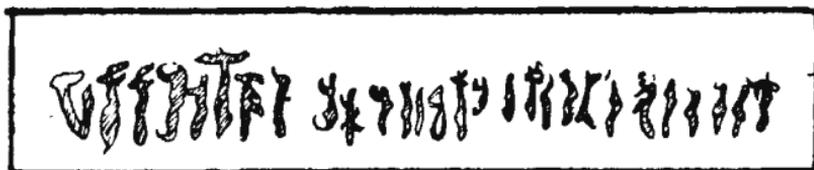
diferença que tanto pode ser causada pelo desgaste, pela obra de destruição do tempo, como pela propria natureza destes sinais, que sendo, como de fato são, na opinião de eminentes geologos que examinaram, no proprio local, as pseudas inscrições, simples erosões, nervuras de efeitos naturaes, não poderiam reproduzir com exatidão letras do alfabeto fenicio.

Ademais, segundo explica o proprio pseudo tradutor, eles teriam sido feitos em um periodo confuso da historia da Fenicia, quando esses audaciosos senhores do Mediterraneo se infiltravam pela Palestina procurando firmar o prestigio da sua dinastia no paiz vizinho, onde predominaram por algum tempo, até levantar-se contra eles o espirito sacerdotal do povo hebreu.

Mas não será somente do paralelo traçado com os sinais do conhecido quadro de CONTENAU, que iremos obter elementos para demonstrar a inidoneidade das traduções idealizadas sobre as nervuras da Gavea. Em seu opulento tratado *Nouvelles recherches sur la Science des Medailles, Inscriptions, et Hieroglyphe Antiques*, publicado por POINSINET de SIVRY, em Maestricht, numa pagina, perfeita lição de epigrafia, lê-se ao lado do quadro dos simbolos ou letras fenicias, que a seguir reproduzimos, uma sucinta e esclarecedora lição sobre a transformação dos dois alfabetos, isto é, a assimilação do alfabeto fenicio pelo romano, em outras palavras, a adata-

ção das diversas letras ou simbolos da linguagem fenicia aos fonemas do abecedario romano.

Pela citação feita, copiando literalmente o que diz POINSINET de SIVRY — autoridade classica em numismatica e orientalismo, acompanha-se passo a



As nervuras da Gavea, segundo a reprodução divulgada pelo sr. Bernardo Silva Ramos.

passo a formação e incorporação, ao nosso alfabeto, dos caracteres da escrita fenicia, por eles podendo chegar-se a uma perfeita negação de tudo quanto se tentou traduzir ou lêr nas nervuras da Gavea.

Para podermos estabelecer uma perfeita comparação, reproduzimos uma copia dos desenhos da Gavea chamando a atenção dos leitores para a absoluta falta de identidade linear ou mesmo aproximação, existente entre os pseudos simbolos e o alfabeto do velho povo semita. Quando fôsse possível a um cerebro engenhoso descobrir similitudes entre os riscos da Gavea e os caracteres do alfabeto fenicio, pediríamos que se procurasse fazer uma tentativa de tradução e, estamos certos, porque já a tentamos, este esforço conduziria o leitor de melhor bôa vontade a se defrontar com uma reunião de riscos sem

sentido, caracteres sem outra significação, que nada dizem, nada esclarecem ou acrescentam ás discussões sucitadas pelo assunto.

Para melhor elemento de convicção, e como indispensavel complemento á reprodução grafica do alfabeto fenicio, que copiamos ao trabalho do citado autor, pedimos a atenção do leitor para esse perfeito exercicio de comprehensão retirado á pg. 189 do livro do SIVRY.

“Notre F. notre L & notre O, font évidemment les mêmes que ceux des Pheniciens. Leur E bref est également notre E, au retournement près du caractère; & si l'on retranche l'appendice superflu de la tête & de la queue, leur q est aussi évidemment semblable à celui de notre Alphabet; & il n'est personne qui ne voye que c'est le même caractère retourné. Retranchez la cime superflue de leur T, vous retrouverez le nôtre; & même il faut se souvenir que cette cime subsiste dans notre petit s. A l'égard le leur R, c'est celui des Grecs, retourné. Leur M est notre petite m renversée, & accompagnée d'un appendice. Leur E long n'est autre que l'êta des Grecs, c'est — à — dire notre H, si ce n'est que cette lettre est fermée & sans séparation dans l'Alphabet des Pheniciens. Aux yeux de l'analyse, tous leurs autres caractères ont aussi quelque rapport avec ceux qui leur répondent dans notre Alphabet. Mais certaines additions ou nouveaux membres dont nous

avons furchargé quelquesunes de ces lettres, & Certains retranchements, que nous avons faits á d'autres, venant a fe joindre aux inverfions de droite á gauche, & de gauche á droite, ou au renverfement des types; tous cela, dis-je, a fait difparoitre, pour les yeux peu attentifs, ou peu connoiffeurs l'analogie, ou plutót l'indentité primitive des deux Alphabets."

A maneira por que estamos esclarecendo o caso da pedra da Gavea, poderia dispensar-nos de aduzir outras considerações, por não haver necessidade de levar elementos novos de convicção ao espirito do leitor. Mesmo assim reproduzimos de outro notavel tratado, opulento volume publicado em 1911, em Oxford, por BARCLAY V. HEAD, e intitulado *Historia Numorum a Manual of Greek Numismatics*, a parte da *Table IV*, referente ás linguas semiticas, onde aparece o alfabeto fenicio nas suas duas fórmulas definitivas, a do fenicio antigo e a do fenicio moderno. Por elas, mais uma vez e parece que definitivamente, ficará afastada a hipotese de que os riscos que o tempo perpetuou no rochedo e só a geologia explica, possam vir a ser confundidos com o trabalho mais nobre do homem, que é o da perpetuação da idéa, a explicação do seu pensamento atravez da escrita.

No estado atual dos conhecimentos humanos, quando o homem dispõe de tanta variedade de instrumentos para aferir as afirmações que possam ser

feitas no dominio das ciencias naturaes e das ciencias sociaes, não é permitido aos homens de cultura insistir em caminhos errados.

E' bem verdade que, cinco ou seis pontos fundamentaes da etnografia e da etnologia americana, continuam sem explicação certa, clara e infismavel, mas tambem se observa que essas dificuldades vão sendo contornadas diante dos progressos realizados pela arqueologia, pela linguistica, pela paleontologia, pela antropologia, fornecendo essas ciencias elementos de comparação e esclarecimentos que, talvez venham a ser definitivos, sobre estes misterios que a humanidade por tanto tempo guardou.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — AMBROSETTI (Juan B.) — Las Grutas Pintadas y los Petroglyphos de la Provincia de Salta — Bol. del Inst. Geogr. Argent. — Buenos Aires, 1895.
- 2 — AMBROSETTI (Juan B.) — Apuntes sobre la Arqueologia de la Puna de Atacama — La Plata, 1904.
- 3 — ALEJO VIGNATI (Milciades) — Resultados Anthropologicos de algunos viajes por la Provincia de San Luis — Buenos Aires, 1936.
- 4 — ALEJO VIGNATI (Milciades) — Una Pictografia de los alrededores de San Martin de los Andes — Rev. Geog. Amer. — Desembro, 1935.
- 5 — ALEJO VIGNATI (Milciades) — Nuevas investigaciones antropologicas en la Provincia de San Luis — Buenos Aires, 1936.

- 6 — ANGYONE COSTA (J.) — Introdução á Arqueologia Brasileira — Editora Nacional — S. Paulo, 1934.
- 7 — ARARIPE (Tristão de Alencar) — Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brasil — Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. — Tomo L — Rio, 1887.
- 8 — BRANNER (John C) — Inscripções em rochedos do Brasil — Rev. Inst. Arch. e Geogr. Pernamb., Tomo XI.
- 9 — BARROSO (Gustavo) — Aquem da Atlantida — São Paulo, 1931.
- 10 — BEUCHAT (H) — Manuel de l'Archeologie Americaine — Paris, 1918.
- 11 — BRUCH (Carlos) — Exploraciones Arqueologicas en las Provincias de Tucuman y Catamarca — Buenos Ayres, 1911.
- 12 — CARVALHO (Alfredo) — Pré-historia sul-Americana — Recife, 1910.
- 13 — CASO (Alfonso) — Figurilla de Hueso de Antiquo Imperio Maya — Mexico, 1934.
- 14 — CASO (Alfonso) — El Templo de Tenayuca estaba dedicado ao culto solar — Mexico, 1935.
- 15 — CAPITAN y PEYRONY — L'Humanité Primitive dans la Region des Eyzies — Paris, 1924.
- 16 — GRESLEBIN (Héctor) — Nueva Hipótesis sobre el Destino de las Placas Grabadas de la Patagonia Pre-historica — Buenos Aires, 1928.
- 17 — HEAD (V. Barclay) assistido por G. F. Hill, George Macdonald e W. Worth — Historia Numorum — Oxford, 1911.
- 18 — HOLENBERG (Eduardo A.) — Viaje por la Gobernacion de los Andes. — Buenos Aires, 1900.
- 19 — KÖCK-GRUENBERG (Theodor) — Vom Roroïma zum Orinoco — Berlim, 1917.

- 20 — LUNARDI (Mons. Frederico) — *La vida en las Tumbas* — Rio, 1935.
- 21 — MENDES CORRÊA (A. A.) — *Gravuras rupestres no Brasil* — Porto, 1932.
- 22 — MENDES CORRÊA (A. A.) — *Da Biologia á Historia* — Porto, 1934.
- 23 — MENDES CORRÊA (A. A.) — *O Homo* — Porto 1932.
- 24 — MORGAN (J. de) — *Les premiers Civilisations.*
- 25 — METRAUX (Alfred) — *La Civilisation materielle des tribus Tupis-Guaranis* — Paris, 1928.
- 26 — NADAILLAC (Marquis de) — *L'Amérique Prehistorique* — Paris, 1883.
- 27 — NETTO (Ladisláo) — *Investigações sobre a Arqueologia Brasileira* — Arch. Mus. Nac., Vol. VI — Rio, 1885.
- 28 — ÔUTES (Felix F.) — *Los tiempos pre-historicos y Protohistoricos en la Provincia de Cordoba* — Buenos Aires, 1911.
- 29 — POINSINET DE SIVRY (M.) — *Nouvelles Recherches sur la science des Medailles, Inscriptions, et Hieroglyphes Antiques* — Maestricht, 1778.
- 30 — PORTNOY (Antonio) — *Estado Actual del Estudio de las Lenguas Indigenas, etc.* — Buenos Aires, 1936.
- 31 — ROCHA POMBO (J. F.) — *Historia do Brasil, II vol.* — Rio, 1908.
- 32 — SAN ROMAN (Francisco) — *Desierto y Cordilleras de Atacama* — Santiago, 1896.
- 33 — SAMPAIO (Theodoro) — *Archeologia Brasileira* — *Diccionario Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro* — vol. I — Rio, 1922.
- 34 — SANTOS JUNIOR (A.) — *Pinturas rupestres do Chifumbasi-In-“Moçambique”, março, 1938.*

OS LIMITES DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Ha na mentalidade brasileira contemporanea um interesse infinito pelos estudos da arqueologia e da historia, interesse que não se circunscribe propriamente á narraçãõ da cronica dos acontecimentos, nem mesmo á indagaçãõ que leva aos agudos ensaios da sociologia. Interesse que vai mais distante. Vae ás proprias fontes da vida amerindia, na procura de uma interpretaçãõ certa, de uma perfeita compreensãõ do nosso mais velho passado.

A curiosidade assim encaminhada reveste nitidas fórmãs de belesa. Alcança a natureza das cousas, explica as causas, e enche o espirito de emoçãõ pelo choque que a nossa sensibilidade recebe diante do conhecimento das primitivas culturas do Brasil.

A arqueologia brasileira será por muito tempo um encanto novo a seduzir a inteligencia. Muitas ainda as divagações que os homens de talento poderão erradamente construir, tentando reunir num campo só a poesia das cousas e a verdade fria da

ciencia. Verbosos como geralmente somos, alimentando o praser da palavra sonora, aplicada mais pelo sentido eufonico que pelo valor do lexico, ha os que dispensam á arqueologia um tratamento nem sempre de acôrdo com a verdade. Tempo virá, porém, que a arqueologia será comprehendida, no Brasil, atravez dos legitimos elementos que a compõem. E então saberemos, que ela é, apenas, o estudo do indigena, anterior, contemporaneo e posterior a Cabral. E será a vez de analisarmos a sua perfeita interdependencia com a ethnologia, que é a mais pitoresca das ciencias do homem.

Ha na arqueologia brasileira uma perfeita limitação de dois grupos, o primeiro referente a antropologia, o segundo á ethnografia e á ethnologia. Ambos se completam e integram, num bom criterio de metodisação, que coloca no primeiro deles a contribuição dos fosseis, das cavernas, dos sambaquis, etc., e, no segundo, o ciclo dos povos oleiros adiantados, o conhecimento do indigena, nas suas crenças, lendas e organização de familia.

Com o estudo da antropologia, o espirito vae encontrar-se diante das velhas eras, dos primeiros antepassados que no Brasil tenham vivido. Fará o conhecimento do homem, como individuo e como especie. Recolherá os materiaes mais antigos á procura de reconstituir um tipo humano, que possa ser considerado, si existir, a base, a raiz comum da raça.

“La race — que, no conceito de JEAN BRUNHES — á parler comme un maitre de la zoologie ou de l’anthropologie — est un fait”.

E será a obra conjugada da pesquisa, do tempo e do acaso. Da pesquisa, pelo trabalho de laboratório em que deverá entrar desde o material fornecido pela geologia, até aquele que reconstitua as especies perdidas, os grandes animaes extintos, antecessores e contemporaneos do quaternario e, egualmente, os elementos representativos da industria das primeiras idades, como acontece no paleolitico europeu.

E’ o capitulo que rebuscará a terra, desde o terciario á ultima etapa geologica atual. Dentro dele o espirito indagador terá que se reportar ao *azoico* e nele verificará a existencia de uma America fragmentada, composta de pedaços correspondentes ao atual territorio da peninsula do Labrador, de regiões convizinhas da Bahia de Hudson, Groelandia, Guiana, do planalto central do Brasil. Estudará o *paleozoico* para adquirir uma idéa da configuração das terras americanas, integradas nos surgimentos que incorporaram os continentes (hoje desaparecidos) Godwana e Paleartico. Procurará ainda chegar ao *neozoico*, para ver a America na sua exáta configuração de agora.

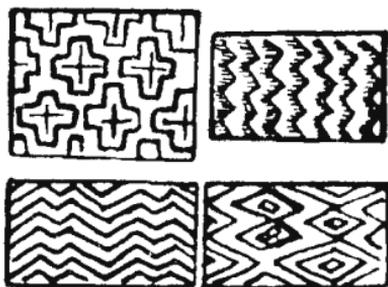
Este é um passeio pela geologia, determinado pela necessidade, á procura de fosseis, porque com eles poderão ser explicadas algumas das duvidas que ainda hoje levam os homens a se deter diante das

origens dos povos da America, assunto sobre o qual me detenho em outro ensaio deste livro.

E tambem será uma conquista do tempo, porque só ele terá força para permitir uma saturação de cultura capaz de aparelhar o Brasil para esses grandes cometimentos da ciencia, em que os velhos paizes levam a vantagem de um mais perfeito conhecimento, resultante de uma melhor difusão das idéias; e, finalmente, do acaso, cooperador indispensavel dos achados que enriquecem a antropologia.

Ao penetrar o conhecimento da etnografia, o homem estará, frente á frente, com o seu irmão das selvas, com o individuo que vem enchendo de rumor e misterio a floresta, os platós, os vales, os barrancos dos rios brasileiros, desde os tempos situados para além das nossas cronicas mais antigas. E com a etnologia estudará os materiaes da cultura, cultura que será a expressão de fatores materiaes e espirituaes, capazes de dar unidade a um agrupamento, servindo, ao mesmo tempo, de base melhor aos estudos do indio.

O etnologo observará de preferencia o povo na sua estrutura espiritual, nas particularidades fun-



Etnografia indigena. Motivos decorativos dos índios karajás, Brasil central

(D'après Ehrenreich)

damentaes da vida, deixará que o material reunido pelos etnografos venha permitir-lhe retirar conclusões.

* * *

Na antropologia brasileira, os materiaes melhores são os da Lagôa Santa, despídos das fantasias que a principio lhe atribuiram.

Feliz a situação desta lagôa. Logar aprasivel, clima ameno de *plateau*, na região geologica mais antiga do Brasil, ela soube atrahir as simpatias de um naturalista dinamarquez, que foi LUND e, depois, submetel-o ao áto de perfeita submissão á terra, a ela se ligando o moço pre-tuberculoso que espairecia saudades á cata de bons ares, na mais intima afinidade com o meio. E fôram quarenta anos ahi vividos, entre o estudo das cousas naturaes, de absoluta fidelidade aos ideaes superiores da ciencia, dando ao nome do paiz uma extensa projeção. E o mundo, ahi por essa metade agitada do seculo XIX veio a saber que, nas lapas calcareas que se espalham pelas proximidades da já famosa lagôa, todo um mundo altamente interessante viveu, todo um variado indice de especies desaparecidas se encontrava. Eram fosseis vegetaes e fosseis animais. Especies que andaram vagando no pleistoceno e no mioceno, animaes, alguns desaparecidos inteiramente do nosso continente, outros, perfeitos avós de extranhas fórmias,

repointadas em especies sobreviventes. E ainda igualmente outros, contemporaneos do holoceno, que é a epoca atual da geologia.

Datam de 1836 as primeiras descrições desses achados. Firmava-os Lund que, por esse tempo, andava nos 35 annos de idade, com 11 de residencia no Brasil. O material era abundante, e a curiosidade e o espirito de sacrificio e de investigação, inimitaveis. Com pouco mais de cinco annos de explorações, reunira setenta e nove especies de mamiferos fossilizados, pertencentes a quarenta e tres generos diversos. Ao duplicar-se aquele periodo de tempo, já extendera suas pesquisas de explorador minucioso, a oitocentas lapas e cavernas dessa zona de Minas Geraes.

Justa se tornou a rapida fama do sabio. Instrumentos liticos, numerosos restos de animaes extintos, como o *gliptodon*, o *megaterium*, o *protopitécus*, o *hidrocoerus*, o *milodon*, foram os achados maiores. Ao lado destes, o acaso reservava-lhe uma satisfação melhor: o encontro de fosseis humanos a que no momento foi attribuida a mais respeitavel ancianidade. E se dizemos — foi attribuida — não quer dizer que ainda agora não se deparem numerosos partidarios desta antiguidade, procurando fazer da nossa terra o centro de um dos velhos campos de dispersão humana. Em outras palavras, diriamos que os achados do homem de LUND vieram

ser o principal alimento de que se nutriu o autoctonismo no Brasil.

A Europa foi convocada a falar desse material e, da metade até o ultimo quartel do seculo XIX, as atividades de LUND serviram para preocupar, no campo da paleontologia, a curiosidade do mundo. Havia razão para esse desmarcado interesse, porque os fosseis eram muitos, numericamente poderiam oferecer campo para um perfeito estudo da materia, e brotavam ao mesmo tempo numa zona geografica considerada das mais antigas da terra. Os velhos fundadores dessa ciencia do homem, QUATREFAGES, VIRCHOW, SÖREN HANSEN, com eles construíram a insubsistente raça *pale-americana*, caracterizada por uma elevada estatura, prolongado alongamento do craneo, acentuado prognatismo e pronunciado recuo ou declive fugidio da testa, detalhe este que, com o tempo, veio a se verificar ser uma caracteristica de uso comum a varios povos deste e de outros continentes, acusando mais propriamente um traço de cultura, que um sinal morfologico de raça.

Mais tarde, chegou-se ainda á evidencia de que, por toda a America, haviam-se espalhado os representantes dessa raça, cujos primeiros exemplares são os fosseis do Rio das Velhas. Em 1881, houve o encontro do homem de Pontinelo, na Argentina, (ROTH); em 1884, o da California, (TEM KATE); em 1908, o do Equador (RIVET); todos perfeitamente

filiados á raça *pale-americana*, raça que, dispensada mesma a excessiva argumentação contraria de HRDLICK, hoje já não encontra elementos para fazer-se acreditada.

Parecia, á primeira vista, que o Homem da Lagôa Santa devia ser realmente autóctone. Varias deduções levavam a esta convicção, destruida depois que os trabalhos procedidos pelo geologo LÜTKEN, de conhecimento e exame nas condições geraes da jazida, vieram contestar a contemporaneidade do homem da Lagôa Santa com os animaes cujos esqueletos o rodeavam, tatús, onças, capivaras, todos de grandes proporções, cavalos de raça extinta, etc. E verificou-se mais, com os estudos iniciados pelos antropologos brasileiros RODRIGUES PEIXOTO e LACERDA FILHO, que o homem da Lagôa Santa apresentava, tambem, varios pontos de contato cientificamente observados entre povos sobreviventes, como os *botocudo*, os *goitaca*, os *fueguino*, os antigos *pericúe* da Baixa California.

Ruiram, assim, as mais acalentadas esperanças na constituição de um homem que, partindo do centro do Brasil, fôsse povoar o continente, transpôr a cordilheira, vencer os oceanos, multiplicar-se pelo mundo. E mais rapidamente essas esperanças se desvaneceram nos dias atuaes, depois que escavações do começo deste seculo trazendo novos elementos afirmadores da primazia do *Homo do Neanderthal*

ou revelando, com os trabalhos feitos de 1909 a 1914 por HAUSER, o *Homo Aurignacensis* de KLAATSCH, vieram demonstrar que nada ha de comum entre essa velha raça da pre-historia e os fosseis das cavernas da bacia do São Francisco.



Etnografia brasileira. — Indios Gê-botocudos

E tambem não foi possivel aproximar o Homem da Lagôa Santa daquele que o cerebro fecundo de AMEGHINO concebera para dar ao Pampa a função geratriz da humanidade. O sabio sul-americano, diante do encontro de uma vertebra (atlas) e de um femur destruidos pela ação do tempo, ideou a existencia de um tipo diferente de homem, explicando que esse material por ele encontrado eram fosseis de uma especie a que chamou *Tetraprótomo*, fazendo sair dele, por evolução lenta e gradual, o

Triprótomo, o *Diprótomo* e o *Prótomo*, (tronco genealógico da humanidade), do qual se destacavam dois ramos: o homem americano, (branco, amarelo), e o homem africano que, por uma degradação curiosa e não explicada, produzira o macaco. Com vagar chegou-se á verificação de que o femur era de animal e uma calota de que AMEGHINO se servira pertencera a uma índio de raça contemporânea.

Outros achados espeleológicos, porém, ainda se depararam pelos sertões brasileiros. A calota de Baturité, por exemplo. Bastante conhecida, não ha negar, entretanto, a importancia que ela apresenta entre o escasso material da nossa paleontologia. E' um fragmento de craneo que, pela antiguidade e dimensões, chamou a atenção da ciencia, mas que poucas conclusões poude fornecer pelo estado em que foi encontrado. A calota de Baturité, assim designada pelo seu descobridor GUILHERME SCHUCH de CAPANEMA, apareceu quando este procedia a estudos nos sertões do nordeste, em 1859. Estava quasi reduzida a substancia calcarea, mesmo assim foi objeto de estudos que conseguiram revelar semelhanças entre ela e a calota de Neanderthal, referida acima, que agora vale apenas dizer ter sido achada em 1856, na gruta de Feldhofer, vale do Neanderthal, Prussia.

Em outras regiões, as pesquisas de naturalistas e paleontologistas têm revelado, igualmente, a exis-

tencia de materiaes fossilizados, uteis ao estudo da arqueologia. Na Ribeira do Iguape, as cavernas de Monjolinho, Arataca, etc., ofereceram abundante material espeleologico, estudado, em parte, por KRONE, HARTT, VON IHERING; no alto Uruguay, VIENER percorreu varias furnas, coligiu fosseis de plantas e animaes; em Santa Catharina, BLEYER logrou os mesmos resultados; no Rio G. do Sul o dr. JUAN KERN explorou as cavernas de São Francisco de Paulo, cujo material foi estudado por SERRANO; nas cavernas situadas na Amazonia, RIVET, TASTEVIN, NORDENSKIOLD, KOCH-GRUENBERG, GOELDI, para falar apenas naqueles que situam mais perto de nós as suas atividades, encontraram restos que ficarão melhor estudados na segunda parte deste ensaio.

E agora, um ato de elementar justiça: uma referencia a RONDON. Ele tem ajudado a todo este imenso labôr. Não é propriamente um naturalista, um etnologo, um antropologo, mas tem servido com probidade a todas estas ciencias.

RONDON trouxe o destino de estudar, compreender, ensinar as cousas da terra e da gente do Brasil. E porisso, não reunindo isoladamente nenhum daqueles titulos, possui-os todos, a todos tem enriquecido com as maiores contribuições do seu saber. Conhece a terra como ninguem; aos indios como poucos. A ele ficamos devendo serviços inestimaveis,

Mas, na observação e estudo da nossa antropologia, como fator considerado indispensavel ao conhecimento da arqueologia do Brasil, não poderemos ficar apenas atento aos materiaes das cavernas.

* * *

E' comum pessoas cultas e inteligentes perguntarem o que é um sambaqui. Palavra agora muito vulgarizada, sua compreensão não tem, entretanto, acompanhado a voga por ela obtida. E esta ignorancia não pode deixar de ser considerada extranha porque o sambaqui é o mais abundante e tipico de todos os monumentos da arqueologia brasileira, tomada aqui a palavra "monumento" com a significação que ela adquire em arqueologia.

O sambaqui é uma jazida paletnografica, existente em grande abundancia no litoral, especialmente ao sul do paiz e na Amazonia; corresponde, de um modo geral, ao *Kjoenkkmoendding* cuja construção foi observada em 1847, na Dinamarca.

O seu conhecimento no Brasil, é antigo.

Muito cedo o litoral os revelou. O padre CARDIM, no principio do seculo XVII, chamou a atenção para a presença dos sambaquis que bordavam o litoral da cidade do Salvador. Taes depositos ou ostreiros, significavam trabalho humano, eram construções erigidas por tribus que teriam

habitado o litoral antes da chegada do europeu. E CARDIM deles deixou minuciosa descrição.

No seculo seguinte, outro padre voltaria ao assunto dos sambaquis.

Foi ele frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, erudito e conversador, que gostava de entremear os ocios da regra e os trabalhos da catequese, com os lazeres de naturalista. Amava o prazer de vêr tudo, e para tudo queria explicação. O parapeito granitico da Serra do Mar limitava-lhe a paixão ambulatoria, embaraçava-lhe o caminho pelo lado do sertão, mas os alvos areaes do litoral compensavam no seu espirito essa limitação. O padre fazia, á tarde e pela manhã, longos passeios e amava reunir as conchas alvas da praia, colhel-as nas areias claras, nos monticulos, algumas vezes revestidos de vegetação, que eram os sambaquis.

E nesses trabalhos de comovido amor á natureza, pôde ser o primeiro a interpretar com uma compreensão exáta este novo elemento de paletnografia. Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS escreveu longa exposição sobre os achados que a sua curiosidade ambulatoria descobrira, assegurando que elles "serviam de cemiterio aos indios" e avançando a interpretação moderna, não tinha duvida em acrescentar "com tais mariscos se sustentavam enquanto durava a pescaria, o resto secavam, e assim beneficiado conduziam para suas aldeias, onde lhes servia por alimento por algum tempo",

A localização cronologica dos sambaquis, por mim revista na "Introdução á Arqueologia Brasileira", — póde ser feita nesta resenha: Taperinha, suburbio proximo á cidade de Santarem, estudado por HARTT; Pinheiros, suburbio balneario de Belém,



Etnografia indigena. — Muirakitans do Cajari, amuletos em pedra jade, comuns a uma grande area de culturas do Brasil.

a algumas milhas ao norte dessa cidade, estudado por CH. LINDEN; São José de Pirabas, Apicuns, Tijolo e mais quatro, extintos, na costa de Salinas a Marapanim, região do Salgado, dos quaes se ocupou FERREIRA PENNA; Cachoeira, centro de Marajó, observado ha poucos annos pelo archeologo

italiano MORDINI; sambaquis da foz do Tocantins e imediações de Cametá, percorridos, entre outros, por BAENA e NORONHA; do Lago Grande, Villa Franca e Curuçá, que não me consta tenham sido objeto de estudos especiaes, todos localizados no Pará; sambaqui do Ricardo, situado na costa limítrofe do Maranhão, estudado por AGUIAR MIRANDA; do Armindo, Maiobinha, Florante, Cutim do Padre, etc., nas varzeas e costa do Maranhão; sambaqui do Cunhaú, no Rio Grande do Norte; sambaqui de Valença, na Bahia; de Guaratiba e Piracão, no Districto Federal; de Cabo Frio, Macahé, Parati e Saquarema, no Estado do Rio de Janeiro; de Conceição de Itanhaen, Iguape, etc., percorridos e estudados por KRONE, VON IHERING, LÖEFREGEN, CALIXTO; de Caraqueçava, Paranapaguá e outros, nos sacos da bahia de Paranaguá, examinados por KRONE, WIENER, etc.; de S. Francisco, Imbituba, Laguna, Joinville, Carniça, Cabeçuda, Caputera, Villa-Nova, Mirim, Magalhães, Porto do Rio, estudados por WIENER e FROES ABREU, etc.; do Sanhaçu, Armação, Piedade, Porto-Bello, Rio Tavares, Cachoeiro, Bahú, Luiz Alves, todos em Santa Catharina; de Cidreira, Villa das Torres, das Cabras, Capão do Quirino, Arroio do Sal (dezeseis), S. Domingos, Mambituba (tres) estudados ha pouco mais de vinte anos por ROQUETTE-PINTO, e em 1936, por ANTONIO SERRANO.

Os sambaquis são o trabalho, ação conjunta do homem e da natureza e, a corrente mista, aquela a que me filio, é a que os explica melhor. Os demais achados a que se dá este nome, nem sempre oferecem interesse científico para os estudos relativos ao homem.

Os povos que construíram os sambaquis ainda não são bem conhecidos; com eles acontece o mesmo que com os "mounds-builders", que também constituem um segredo para a ciência americana.

Ausência da ciência americana? Da ciência brasileira? Não, apenas a precariedade dos nossos conhecimentos.

Uma afirmação, entretanto, a ciência já nos permite fazer: o homem do sambaqui não tem a velhice que a princípio lhe atribuíam, ele apresenta traços característicos que o aproximam das tribus históricas. Trabalhos antigos de LACERDA e PEIXOTO não deixam nenhuma dúvida sobre esta conclusão e, ainda agora, em dias de 1936, o eminente antropólogo professor MENDES CORRÊA, estudando 28 crânios do Museu do Ipiranga, chegou a idênticas conclusões, inutilizando, pelo menos quanto a estes crânios, as velhas hipóteses de uma antiguidade que os faria contemporâneos do pitecântropus.

O estado da nossa cultura permite-nos ainda mais outra afirmação positiva: o "homem dos sambaquis" nenhum parentesco apresenta com o

“*Homo primigenius*”, contemporaneo do mamute (*Elephas primigenius*) e do auroque. É um tipo humano perfeitamente aproximado de nós, sinão da nossa familia, pura e simples. Quando muito, para não deixar de marcar com um *cachet* de antiguidade a esse veneravel antepassado, que sofreu a asperesa da luta, quando aqui a natureza devia revestir aspétos bizarros e bravios, servirá de élo entre o homem da Lagôa Santa e o *botocudo*, contemporaneo da era do descobrimento.

Não se conhecem sambaquis construidos nos tempos historicos, mas esta afirmação tomará um interesse maior se procurarmos conciliar-a com a utilização que os sambaquis tiveram, como local de enterramento, em epoca muito proxima de nós. É que eles receberam e sepultaram corpos humanos, que ahí foram dar em consecuencia de naufragios e outros accidentes ocorridos em pescarias e viagens, já no periodo historico, isto é, no periodo da descoberta das Americas, pelos portuguezes e hespanhoes.

O encontro de contas de vidro em sambaquis do sul, ainda ha pouco referido por SERRANO em “Ethnografia de la antigua Provincia del Uruguay”, ao escrever: “Posee la coleccion Fleitas, infinidad de cuentas de vidrio encontradas en los sambaquis lo que nos dá la contemporaneidad de la llamada “cultura sambaqueana” con la conquista européa”, confirma plenamente o nosso ponto de vista.

Segundo depreendemos da leitura do livro de SERRANO, as contas de vidro foram encontradas em esqueletos enterrados nos numerosos sambaquis de Torres. E aqui divergimos das conclusões de SERRANO. As contas achadas não me parecem que afirmem a contemporaneidade da cultura sambaqueana com a cultura européa, como escreveu meu eminente colega e amigo, mas sim são documentos dos naufragios e sepultamentos recentes a que me referi.

Fazendo mais claro o nosso pensamento, devemos dizer que os sambaquis são jazidas construídas no holoceno, quando o homem já se encontrava num período adiantado de cultura.

Em qualquer tempo ou lugar, o homem das primeiras eras fez os longos pousos e as estações, edificando estas e outras jazidas paleontográficas, que hoje muito esclarecem os problemas relativos á espécie humana.

Verdadeiramente, porém, o homem sambaqueano não é o *Homo brasiliensis*; este, força é afirmar, si existe, até hoje não foi encontrado.

* * *

Do ponto de vista da etnografia, a compreensão dos arqueólogos, no Brasil, deve indagar como vivia o indio, como organizava a vida da tribo, que idéas

nutria sobre a familia, o filho, o pae, a mulher, a mãe, até onde chegava a sua comprehensão do direito, que relações mantinha de uma tribu para outra, que pensava da morte, do nascimento, dos elementos Moraes acessiveis ao seu entendimento, finalmente, porque e como fazia a guerra e si já se formavam em seu espirito histórias, contos e cousas, de arvores, aguas e bichos da floresta. E verificará que os homens, habitantes do Brasil naquella epoca, eram donos de uma cultura adiantada.

As tribus do litoral (*Tupi-Guarani*) haviam impellido para o interior as tribus *Gê*. Ambas estavam na plena posse de uma consciencia relativa ao direito natural, vigorando entre ellas as praticas de um direito consuetudinario. Uns e outros, tinham bem organizada a familia, cumpriam, a rigôr, o principio da obediencia e do respeito ao ancião, o mais velho da tribu, adotando igualmente o costume de incorporar *conselhos*, constituídos pela autoridade dos mais velhos, conselhos que decidiam sobre os acontecimentos principaes da tribu. O pae não casava com a filha, nem a mãe com o filho, nem o irmão com a irmã. O pae, igualmente, não casava com a filha do irmão, embora casasse com a filha da irmã, explicando-se essa diferença de norma de proceder com o habito da *couvade*, que comprehende o grão de parentesco apenas na linha paterna, sendo o pae, na procreação, o elemento fecundador, o unico elemento criador do filho que vae nascer, enquanto

a mãe é o aparelho receptor, verdadeiro *saco*, na concepção do indigena, que não transmite ao filho nenhuma substancia de vida. "... A *couvade* é uma afirmativa orgulhosa da exclusividade masculina. O pae é o unico responsavel pela vida que acaba de surgir". (LUIZ DA CAMARA CASCUDO) (8). Aliás, o atual indigena da America, o indigena do Brasil, neste detalhe, está de acordo com o velho conceito universal. O macho é o elemento fecundador de todas as cousas. É dele que brota a vida, em todas as teogonias, em todas as filosofias. Entre os mais velhos povos, (sumerios, egipcios, arianos), entre os mais aproximados pela aculturação (hotentotes, negritos, ainos, polinesicos), esta é uma verdade que adquiriu força de dogma. Só o pae encarna o misterio do sêr, transmite a centelha da vida.

BRANDONIO, no "Dialogos das Grandezas do Brasil", explica que, quando acontece um guerreiro tomar por mulher ou manceba uma inimiga, preza de guerra, se esta vem a fugir e consegue chegar á sua tribu, " e vae prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o proprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a criatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de

(8) Uma interpretação da *Couvade-Separata* do vol. XXIX, da Revista do Archivo Municipal de S. Paulo, 1936.

seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada dela"; etc.

Na crônica magnífica dos "Dialogos" anotados pelo eminente historiador RODOLPHO GARCIA, no "Tratado Descriptivo do Brasil em 1587", de GABRIEL SOARES, no "Tratado da Terra do Brasil" de GANDAVO, na "Viagem ao Brasil", de STADEN, em "Les Singularitez de la France Antarctique, autrement nommée, & de plussiers Terres & Isles decouvertes de notre temps", do padre THÉVET, em "Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique", de JEAN DE LERY, reunem-se alguns dos melhores materiaes antigos para a nossa etnologia.

Neles recolhemos informações curiosas sobre a infancia do nosso paiz. No territorio da fantasia, no campo em que as atividades do afeto do homem, para com a mulher, envolvendo os interesses da continuidade da especie, se afirmam pelas conclusões a tirar da maneira dêles entre si procederem, o etnologo depara-se com uma sociedade que evolue da pratica da exogamia para a fundação do lar, poligamo e monogamo, de estrutura patriarcal, encontrando nessa gradação das formas basilares da familia os mais desencontrados costumes, os habitos mais em desacordo, não apenas com a moral cristã como também com as praxes adotadas por

outros povos ameríndios. A mulher entre eles só estava em condições de casamento depois da puberdade, sendo á menina dispensado o tratamento dado em geral ás creanças. A axorca, simbolo da virgindade, era uso comum a quasi todas as tribus. GABRIEL SOARES é claro a este respeito, "por nenhum caso se entrega a dama a seu marido emquanto lhe não vem seu costume; e como lhe vem é obrigada a moça a trazer atado pela cinta um fio de algodão, e em cada bucho dos braços outro, para que venha á noticia de todos. E como o marido lhe leva a flôr, é obrigada a quebrar estes fios, para que seja notorio que é feita dona, etc."

E o habito de conservar a virgindade na mulher, era tão respeitado, entre algumas tribus, que BRANDONIO, já citado, diz no Dialogo Sexto, a Alviano, "Pois tambem vos posso afirmar que com ser este gentio assaz lacivo por natureza, ha muitas donzelas entre eles, que amam sumamente a castidade, como são umas, que totalmente fogem de ter ajuntamento viril, pretendendo de se conservarem virgens, e para que o possam melhor fazer, se exercitam no arco e na flecha, etc."

A defesa destes sentimentos não impedia, entretanto, o costume, observado entre outras tribus, do tuchaua oferecer ao hospede, principalmente si era branco, "uma donzela ou filha sua por mulher, para que a tenha por tal emquanto ali estiver, que

não pode ser mais barbaro costume”, conforme escrevia o pitoresco luzitano, no seu falar seiscentista.

Igualmente em outros detalhes, a vida do indigena oferece elementos já reveladores de uma “cultura” acentuada.



Etnografia sul-americana. Cabanas de indios Patachos. Mudam as tabas no periodo de desova das tartarugas

(D'après D'Orbigny)

O indio é previdente, faz colheita da caça, da pesca, do mel, dos frutos e de outros produtos vegetaes, antes que os elementos ou as *pragas* o impeçam. Sabe conhecer o tempo pela disposição das nuvens e dos ventos e, igualmente, prevê a far-

tura ou a escassez da pesca e da caça. Ninguém o vence em destresa, nenhum animal, das águas ou da mata, escapa ao seu arremesso, quando lhe atira a flexa ou fere a ondulação da água com a azagaia. Sua habilidade em disfarçar-se na floresta é proverbial e, maior do que ela, só a acuidade de certos sentidos, que melhor do que entre outros povos, neles um uso constante desenvolveu.

O trabalho é para o indígena uma recreação, porque a terra se habituou a dar-lhe tudo, sem lhe exigir grande esforço. As matas são ricas de caça e as águas se deixam pescar durante todo o ano, sem intermitências de estações. Das praias de rios e lagos, retiravam bichos de cascos. As árvores davam as resinas perfumadas para a medicina nativa e o mel de abelhas para a alimentação. Extraíam de muitos frutos vinhos fermentados que produziam a embriaguez, de outros, compunham remédios, alguns tão valiosos, que foram mais tarde adotados pelos brancos em sua farmacopéia.

O índio é o indivíduo a quem a natureza, ofertando tudo, reservou pouco trabalho. Sua vida, displicente na mata, logo se modificava no convívio da gente branca. Revelava, algumas vezes, uma capacidade que surpreendia. A sua habilidade manual, servida por uma inteligência agíl, ficou notória entre os jesuitas, cronistas e exploradores. Os padres LORETO DO COUTTO, JOÃO DANIEL e CHARLEVOIS, não se cansam de elogiar a sua aguda inte-

ligencia, admiravel habilidade, profunda capacidade de aprender. O padre JOÃO DANIEL, depois de referir-se aos trabalhos que eles fazem na taba, escreve: "Onde, porém, realçam mais é nas missões e casas de brancos, onde aprendem todos os officios que lhes mandam ensinar, com tanta facilidade, destresa e perfeição, como os melhores mestres, de sôrte que podem competir com os mais insignes do officio, etc.". CHARLEVOIX, no "Jornal historico de uma viagem á America", citado por ROCHA POMBO, na "Historia do Brasil", vol. II, parte III, cap. II, pg. 388, assegura que os indios aprendem como por instinto, as artes a que se applicam. Basta mostrar-lhes uma cruz, acrescenta, um candelabro, um turibulo, e dar-lhes a materia de que esses objétoes se fazem, para que eles façam outro de tal modo semelhante, que seria difficil distinguir a sua obra do modelo que lhes fôra apresentado". E ainda: "Fazem e tocam muito bem todos os instrumentos; fazem orgams os mais complicados, e para isso foi bastante que vissem um; fazem da mesma sorte esferas astronomicas, tapetes á semelhança dos tapetes turcos, e o que ha de mais nas manufacturas, etc...." LORETO DO COUTTO, finalmente, excede-se aos cronistas, narrando inumeros casos de indios e indias, que revelaram, em pouco tempo, aptidões em todas as artes dos brancos, servindo-lhe para justificar o seu entusiasmo, "não só o que daqueles primeiros indios nos contam, mas a nossa quoti-

diana experiencia". Um outro cronista leigo, REBELLO e SILVA (9), assegura que os indios eram mais capazes do que os proprios europeus em tudo aquilo que faziam. E inumeros outros, da era de seiscentos aos nossos dias, se expressam nos mesmos conceitos, afirmando a capacidade do indigena para todos os generos de trabalho. Agora ha pouco, em 1935, o sr. HERBERT BALDUS, excursionando entre a tribu dos *Tapirapé*, da qual por minha vez já me occupei em 1912, descrevendo a excursão que a ela fez, nesse mesmo ano, o desbravador cearense ALFREDO OLYMPIO DE OLIVEIRA, estuda a questão do trabalho entre estes remanescentes *Tupy*, recolhidos aos altos sertões do Araguaya e escreve que: "Dizer-se que o indio é preguiçoso, demonstra falta de compreensão" e que os que assim pensam, ao verem o indio deitado na rede durante um dia ou dois, emquanto a mulher, sempre diligente, pisa o milho, fia, tece, cosinha, etc., não sabe que o homem tinha antes voltado de uma grande caçada (que geralmente duram varios dias), ou que, "durante uma semana, tinha abalado o chão dansando, e o ar, cantando".

E ainda uma observação do mesmo auctor: "As creanças indias aprendem brincando aquilo que constitue o trabalho dos adultos. Os meninos imi-

(9) THOMAZ DA COSTA REBELLO e SILVA, — Memoria sobre a provincia de Missões — Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo IV, pag. 79.

tam os homens, as meninas, as mulheres". O trabalho, entre os *Tapirapé*, como geralmente, entre todos os indios, é feito com alegria, com alacridade,



Etnografia brasileira. Indio Mundurucú, com a cabeça do inimigo em troféu. Homens altos, de 5 pés e 6 polegadas, musculosos, de peito largo, cobriam-se de pinturas a traço, cores vivas, que lhe davam uma fisionomia estranha. A mulher, é uma presa de guerra, de outro grupo.

(D'après D'Orbigny)

satisfação. O chefe toma sempre a responsabilidade da parte maior e mais rude ao seu encargo, mas todos os homens que o acompanham, dos mais

jovens aos maturos, o fazem num mesmo ritmo de força, agilidade, destresa, com um sentimento perfeito de solidariedade. O que acontece, sobre a verdadeira característica do trabalho do indio, é que este, diante do material superior, utilizado hoje por todas as tribus, porisso que as que não têm contáto com o branco recebem-n'os de outras, não sente, não póde sentir necessidade de dispender o mesmo esforço, que fazia anteriormente, quando sua arma exclusiva era o machado de pedra, para abater as arvores, fazer o roçado, cavar a canôa. Com o instrumento moderno, o indio consegue em poucas horas o que antes seria o trabalho de muitos dias. Tambem as tribus que hoje vivem pelo interior, já não estão naquela fáse de luta tenaz, de vida e de morte, em que os europeus do sec. XVI encontraram os seus maiores. As ultimas grandes tribus guerreiras desapareceram, como os *Mundurucu*, no seculo XIX, somente a tribo *Urubu*, pode dizer-se, acusou até poucos annos (1929-1930) o mesmo impeto de bravura sanguinolenta, que fazia lembrar a fereza de certas tribus dos primeiros tempos, as quaes, por motivos conhecidos, causas já estudadas, tiveram de apelar para os recursos da força, da insidia e do odio, afim de se defenderem da caçada impiedosa que o homem branco lhes deu.

Na etnografia indigena, um elemento de compreensão valiosa, é a organização do trabalho.

A divisão do trabalho entre varias tribus atuaes de Mato Grosso, referentemente ao homem e a mulher indigena (KARL VON DEN STEIENN, COLBACCINI) não está feita com o sentido de que a mulher venha a caber a parte mais pesada. Varia muito de tribu a tribu a qualidade do esforço ou cooperação que o homem se dá ou reserva á companheira. Em algumas tribus, muitos serviços são comuns, divididos numa perfeita equidade, enquanto noutras, realmente, a tradição como que indicou ao homem que a ele deve caber os mais rudes. Em geral, os homens se incumbem da caça, de cortar e lavrar a madeira, da construção da casa. Entre os *Borôro*, a mulher procura conseguir o alimento vegetal e grande trabalho executam para obtel-o. Deitam ao chão certas arvores, para colher as nozes e o mel das abelhas, excavam as raizes e tuberculos, trepam com agilidade as mais esguias palmeiras, recolhem os côcos e nozes, procuram os frutos que caem por maturação, etc. Alguns trabalhos, o fiar e o tecer a palha, entre certas tribus, é incumbencia tanto atribuida ao homem como a mulher. Outros, porém, limitam o campo das atividades, designam, demarcam a funcção que cabe a cada sexo. Esta divisão do trabalho, justamente, vem marcar a cultura do indigena, de maneira que, alteral-o subita-

mente, seria crear embaraços imprevisíveis á vida da tribu.

Os povos dos circulos de vida primaria encontram no trabalho, precisamente, a força que imprime o carater, delimita o destino do grupo; a sua divisão entre os sexos, demarca, em rigôr, a cultura. Recebendo a influencia da nossa civilização, pela posse dos instrumentos de ferro destinados aos serviços da tribu, o indio sofre um grande choque na sua organização, choque que se refléte sobre os habitos de toda a tribu e apressa a destruição do "clan".

Um dos episodios que se verificam na vida indigena, depois da presença do branco se fazer sentir em seu meio, é o da modorra, da acalmia que acomete os homens, reagindo, diretamente, sobre as fórmas exteriores da vida do grupo. No gôso do uso e vantagens do machado e do terçado de bom aço, o indio é levado a abandonar os velhos utensilios com que abatia as arvores e, como os novos instrumentos lhe facilitam as condições do trabalho, ele insensivelmente se entrega a uma menor atividade, generalizando-se, entre as tribus, essa excessiva passividade ou relaxamento da vontade, aparente preguiça. É nesse lamentavel estado que, geralmente, os viajantes vão encontral-o, porisso que as tribus pouco se deixam conhecer na vigencia das culturas da pedra lascada. Formam-se, assim, tomam vulto os apressados conceitos, que tentam explicar os refo-

lhos da alma do indio, blaterando em torno da falsa tése da sua incapacidade. Nasce desta incompreensão o fenomeno da sua indolência, de que alguns etnografos se tornaram apressados divulgadores.



Etnografia brasileira. India borôro de Mato Grosso,
muito joven.

(Foto Ehrenreich)

HERBERT BALDUS conta detalhadamente a historia daquele bôrôro, que os padres da Missão Salesiana do Sangradouro, (Matto Grosso) recolheram ainda menino, com doze anos, criaram e educaram

á nossa maneira, fizeram viajar pela Europa, visitar Roma e Paris, viver na intimidade de varias familias distintas. TIAGO AIPOBUREU, que é o seu nome, não suportou, entretanto, as saudades da terra e, tres anos depois de partir para a Europa, regressou ao Sangradouro, onde logo casava com uma india da sua tribu, e de inferior condição.

O episodio deste pobre TIAGO AIPOBUREU é de uma alta significação e do maior interesse, para uma interpretação do que ha de profundo no carater amerindio. Regressando á missão, os padres estimulam o sentido da civilisação que deve haver em AIPOBUREU e procuram utilizal-o como instrumento de propaganda entre os *Borôro*. Fazem-n'o professor; TIAGO repele o professorado. Dão-lhe outras funções de relevo; ele serve mal a todas. Entretanto, TIAGO era uma intelligencia colocada acima do vulgar, entre os homens que praticam as letras. Tinha maior preparo que alguns padres, sabia falar e escrever linguas européas. Estava aparelhado para vencer. Na sua carne e no seu sangue, porém, gritava a ancestralidade. Eram mais fortes que os elementos de influencia e de educação européa, as robustas raizes com que a raça o amarrava á terra. Serve, porisso, mal a tudo que nêle lembra a subordinação ao branco, e regressa á rudesza bravia dos seus iguaes. Toma novamente as occupações asperas do campo, vae ser, como os seus irmãos aldeados, trabalhador de enxada.

Melindrado por tudo, de uma sensibilidade excessivamente aguda, desconfiado e arredio, TIAGO AIPOBUREU refoge aos ultimos chamados da civilização. Na tribo, faz-se caçador, sem atentar no fato de que a civilização o corrompeu. Ele já não é um *Borôro* atleta, que caça e vence a onça, pela destresa e pela fôrça muscular. Agora, é o homem estragado pela influencia de outros homens diferentes, que lhe interromperam a formação, sem lhe trazerem elementos suficientes para uma completa substituição de cultura. Tinha desejado voltar a ser um Aipobureu, mas não atentava no veneno que a civilização branca lhe inoculara. E' indio, logo nele predomina o orgulho, e o chamado da terra faz-se ouvir. TIAGO AIPOBUREU não retomará a posse da felicidade. Vencido num e noutro meio, a tribo não o compreenderá, nem ele poderá dominal-a. Deixa de ser um indio forte, de corpo atleta, nú e belo, enfeitado de penas, como deixara por inadatação o colarinho, a gravata, as roupas de pano fino. Na tribo será um andrajoso, sem coragem de andar nú porque a carga de preconceitos da civilização branca não o permitirá, mas sem capacidade de utilizar o que aprendeu.

Esta é a tragedia obscura e dolorosa da America, que o homem branco, recém-chegado á terra, não teve alma para compreender. Os anceios do indio, as dôres suportadas em revolta surda, não

foram percebidas, nem nunca serão sentidas pelo invasor. Foi assim em toda a America, nosso Brasil inclusive. Só o jesuita o amou, na primeira hora, por humanidade, mas não teve plasticidade para entendel-o e respeitá-lo, como ele era.

Todos os europeus, na America, revelaram identica, absoluta incompreensão. Destruíram pela força, ou absorção. Destruíram pela força, ou absorveram o que havia de puro e virginal nessas tribus, algumas adiantadissimas, nas fórmãs de cultura que praticavam. Trataram-n'os sempre como um superior sem intelligencia tratará o vencido, isto é, dele procurando arrancar aqueles elementos de estrutura moral que são a propria alma do individuo. Esta incompreensão foi a maior fonte de males creada entre as duas raças. A mesma maneira de tratamento dispensada, muito mais tarde ao africano, ás populações inferiorizadas do interior da Australia, da Papuasias, pelos europeus, serviu aos portuguezes seiscentistas para darem inicio á penetração do litoral, brasileiro, como serviria, igualmente aos remanecentes brancos, mamalucos e mulattos imbuidos do mesmo espirito, nas fazes ulteriores de reconhecimento e conquista, que ainda hoje se processam nos altos rios de Mato Gróssõ e da Amazonia.

Foi esta incompreensão, repetimos, anulando, demolindo sem uma substituição racional, os proces-

sos do trabalho indigena, que destruiu as culturas do homem do novo mundo, sem verdadeiramente integral-o na posse de outras.



O indio brasileiro, como o indio de toda a America, tem a sua personalidade explicada pelos elementos da etnografia, completados com a contribuição dos etnologos. O etnografo incumbese do aspéto exterior da cultura, estuda a rigôr a civilização material do povo, enquanto o etnologo examina os elementos estruturaes da alma, incorpora os fatores moraes, age de preferencia sobre o territorio da compreensão.

As necessidades em função do individuo formam o elemento basico da cultura que, entre os indigenas, mergulha as raizes no humus da terra, penetra os elementos cosmicos, deles retira motivos inspiradores, imprevistos impulsos espirituaes.

Já entre os indios de quinhentos, os primeiros cronistas encontraram a posse de numerosas lendas. Creavam contos ou os transmitiam, recebidos dos seus maiores, aceitavam nessas historias singelas a presença de personagens extraordinarios, que lhe orientavam o destino.

No sub-conciente, o indio alimentava a convicção de que forças superiores guiavam a conduta dos homens. Amplo era o territorio da emoção,

variado e rico o seu poder de criar a fantasia, ple-tórica de lendas a reminiscência dos seus heroes. Os contos populares do Brasil são um atestado magnifico da riqueza espiritual dos amerabas. Velhas tradições encontradas entre os povos mais antigos, eram comuns aos indios. Sua presença está visível na similitude de contos, na permanência e constância dos assuntos, na fôrma e colorido da linguagem. Os primeiros cronistas portuguezes, que vieram ao Brasil e, ao lado deles, tantos quantos tendo por aqui passado mais tarde se lembraram de contar suas viagens e aventuras, deixaram farta e copiosa documentação, onde já aparecem, nas referências e alusões, nomes de varios mitos e episodios do fabulario.

Além dos cronistas citados, em outra parte deste ensaio, LERY (1556), THEVET (1558), ANCHIETA (1560), CARDIM (1580), HANS STADEN (1592), BENTO TEIXEIRA PINTO (1618), ACUÑA (1641), BARLEUS (1647), LAET (1648), ABBEVILLE (1622), SIMÃO DE VASCONCELLOS (1663) e, recentemente, do seculo XIX por diante, COUTO DE MAGALHÃES (1876), SYLVIO ROMERO (1879), HARTT (1885), BARBOSA RODRIGUES (1890), KARL VON DEN STEINEN (1894), MELLO MORAES FILHO (1894), JOÃO RIBEIRO (1913), KOCH-GRUENBERG (1917), ROQUETTE-PINTO (1917), BASILIO DE MAGALHÃES (1928), GUSTAVO BARROSO (1930), OSWALDO ORICO (1930), LUIS DA CAMARA CASCUDO (1934), HERBERT

BALDUS (1937), ANGELO GUIDO (1937), entre outros, têm coligido ou comentado velhas historias da mitologia indigena, prestando apreciavel serviço aos estudos da etnologia.

Contos de animaes, historias fantasticas de aves, narrações em que a figura central são tuberculos e vegetaes, lendas de bichos do fundo, episodios de *yaras* que seduzem os homens e Bôtos caçadores de flôres de cunhantãs, de passaros que dominam os companheiros da floresta, de moças que casam com bichos, de raizes que se transformam em virgens, alimentam a nossa tradição com uma graça, uma riqueza, uma frescura de imaginativa e de efabulação preciosas para o etnologo, como material da mais alta valia para a compreensão do indio.

Tanto em relação ao numero de lendas, como á espontaneidade, singeleza da emoção, graça na narrativa, o indigena brasileiro revela uma imaginação opulenta. Suas lendas são as mais belas, o material folk-loristico o mais rico. Não será preciso auscultar os produtos da mesma cultura, entre africanos, para estabelecermos comparações. Bastará um passeio pelos povos afins, será suficiente percorrermos algo da poesia, do conto, da dança dos povos polinesicos, para demonstrarmos a superioridade de efabulação, a graça e colorido dos indigenas.

ALFRED METRAUX (1937) estudando a adiantada civilização dos *Mangareve*, povo da Polinesia que constituiu um poderoso imperio nas ilhas do Pacifico, regista a dança e a musica como expressões maiores do genio creador desses nativos. Não regista, entretanto, entre eles, nenhuma literatura, nenhuma lenda que seja peculiar ou comum a outros povos oceanicos, parecendo, assim, que não seria das mais ricas a produção emotiva desses curiosos comedores de fruta-pão. A capacidade estética do polinesico, dava apenas para produzir a estrofe que acompanha a musica, uma e outra consideradas elementos indispensaveis para os ritmos da dança. Já o indigena do Brasil era sensivelmente diferente, deixou na tradição dos cronistas varias lendas recolhidas e posteriormente estudadas, onde ha belesa lirica, ao lado de muita solercia, de muita espertesa e manha, como nos contos dos ciclos do jaboti e da Raposa, nas historias do Bôto, para só falar nos bichos de maior prestigio entre as fabulas do indio.

Em outros contos, aliás os mais vulgarizados, ao lado puramente do elemento fantasista, aparece a contribuição mitologica marcando a ideologia, a compreensão da vida, atravez dos processos de aculturação indigena. Muitas dessas historias pitorescas envolvem uma significação que, á primeira vista, escapa ao nosso sentido, mas onde vamos descobrir quando insistimos em compreender o indio,

a fôrma simples, o envolucro singelo, com que ele soube vestir suas idéas.

O indigena sente a necessidade de interpretar o segredo que envolve as cousas, o misterio da criação. E dahi o encanto dessas narrativas desataviadas, de côr ingenua e episodios pitorescos, que são o reflexo de uma força criadora surpreendente.



Etnografia brasileira. Indigenas mascarados. Ceremonia e dança do culto de Jurupari. Indios Tecunas, do Alto Javary.

Mai pituna oiuguan âna, poema recolhido por COUTO DE MAGALHÃES, que quer dizer (em tupi antigo ou *nêêngatu*) *Como a noite nasceu*, tem alem da forte expressão lyrica, alguma cousa que evoca uma pagina creadora do Genesis, e devia ser, inevitavelmente, um fragmento da concepção cosmica dos indios.

A lenda, em resumo, assim se conta.

“A principio, não havia distinção entre os animaes, o homem e as plantas; tudo falava. Tambem não havia trevas. Foi quando a filha da Cobra Grande, tendo se casado, não quiz dormir com o marido, emquanto não houvesse noite sobre o mundo, assim como havia no fundo das aguas. E o marido da filha da Cobra Grande mandou buscar a noite, que lhe foi remetida dentro de um caroço de tucumã, bem fechado, com proibição de que o abrissem no caminho, porque quem o fizesse teria de perder-se, a si e aos seus descendentes, e a todas as cousas.

“No começo, os portadores do caroço do tucumã resistiram á tentação de abril-o; mas, depois, a curiosidade de saber o que havia dentro, ver o *qui-ri-ri*, o barulhinho que elle fazia, poude mais que a razão.

“E todas as cousas que estavam espalhadas pelo bosque, quando se abriu o caroço de tucumã e a noite sahiu, transformaram-se em animaes, em peixes, em passaros; o paneiro virou onça; a canôa e o canoeiro se metamorfozearam em pato.

“Quando a filha da *Cobra Grande* viu a estrela da manhã, disse ao seu marido, está vindo a manhã; vou dividir da noite o dia; enrolou um fio e exclamou: tú, *cujubi*, serás para cantar quando a manhã

vier; tú *inambú*, (10) serás para cantar tarde da noite; á meia noite, em noite alta, pela madrugada"...

Este, em resumo, o poema que inspirou a RAUL BOPP a pagina quente de *Cobra Norato*. Como ele, da mesma inspiração mística, alguns mais singelos, outros melhor construídos, todos, entretanto, cheios de finura, malícia, sutileza na compreensão dos mistérios, numa vã intenção de interpretar a vida, são as lendas do círculo do *Jaboti* (onze), as da *Moça que vai procurar marido*; (tres), as da *Raposa* (nove); as do *Uirapurú*; do *Urutaú*; do *Jurupari*; da *Uiara*; do *Curupira*; do *Saci*; do *Mboitatá*, etc. Incorporados á literatura universal, através de diferentes interpretações, ao sabôr da lingua, da tradição e do espirito dos povos, estes contos singelos são o melhor documento da vida mental do ameríndio.

O *Uirapurú*, p. ex., é um perfeito *totem*, ave sagrada, a quem o indígena tributa veneração, porisso que espera receber dela beneficios. Para o indígena, como para o povo, ele é um pequeno passaro feio, de canto harmonioso e belo. Reservou-lhe, porém, o destino a virtude de reunir e dominar, pela facinação, todas as aves e bichos da floresta. Isto

(10) Especie de jacú, de cabeça branca, pernas vermelhas, que canta de madrugada, classificado como *penelope cumanensis*.

muito embora a ciencia lhe recuse todas as qualidades de facinio, negando-lhe a propria existencia. Para o naturalista CARLOS ESTEVÃO, segundo leio em OSWALDO ORICO, ele é uma "tradição viva", não havendo em nossa avifauna nenhum tipo que possa ser distinguido com o nome de *Uirapurú*. "O que ha, diz o brilhante escritor, é que varios de nossos uíras, uns por sua belesa natural, como o *Cyanerpes Cyanea*, outros por seu maravilhoso canto, como o *Leucolepia Musica* e outros ainda por qualquer circumstancia interessante que caracteriza seu sistema de vida, como o *Pachisylvia Rubrifforms*, considerado pelo povo de Belem como o "verdadeiro", são purú, isto é, possuem o estranho dom do amuleto. Como é natural, diz CARLOS ESTEVÃO, qualquer passaro que possua aquela faculdade póde tornar-se conhecido como *Uirapurú*, o que por isso mesmo exclue a possibilidade de haver somente um com aquele nome. O *Uirapurú*, para o indigena, escapava, entretanto, a esta ginastica mental. Ele existia, era o passaro maravilhoso que exercia facinação sobre a selva.

Filiado por COUTO DE MAGALHÃES a *Guaracy*, genio a quem os selvagens atribuiam a criação dos sêres e das cousas, a missão do *Uirapurú* era presidir o destino dos outros passaros, o que obtinha com os acordes maravilhosos do seu canto. Para cantar, sobe ao mais emaranhado, a mais alta copa das arvores, disfarça-se na verde-escuridão da mata. A força misteriosa que dimana, vem diretamente da

facinação da sua voz. E a sua presença é marcada pela atração sobrenatural que exerce sobre todos os passaros, vindos de longe para ouvi-lo. Ainda depois de morto, será talisman maravilhoso, que distribue os bens terrestres e atrai a felicidade, de preferencia nos males do amôr.

Outro genio, igualmente de origem totemica, é o *Urutaú* ave que atemorisa, pelo som plangente da voz, deixa-se pouco vêr, porisso que é de vida noturna e, no Brasil, toma mais de um nome, *Jurutai*, *Ibijonguaçu*, etc. Etimologicamente, pode ser *Uiratab* (passaro fantasma), *jurutaí* (boca escancarada), o que dá motivo a versões correntes, entre contos indigenas da Amazonia, de que a boca do passaro tem a fôrma, a disposição da vulva. E' ave que espalha sombrio canto agoureiro por toda a região meridional da America do Sul. O *Urutaú* ou *Jurutai* interessa tanto o *Tupi-Guarani*, como o *Quichúa* e outras tribus do continente. Aqui bem proximo, no Paraguay, explica-se que o *Urutaú* vem de *urú* (guiar) e, segundo BECCARI, "en realidad, este pajaro amigo del hombre guia con su canto, según los indigenas, á aquel que está extraviado, en la selva, y lo aparta del peligro". E' ave que dorme escondida na arvore, aditada e disfarçada á extremidade de um galho, como se fôra o seu prolongamento.

O canto do *Urutaú* é mais um lamento, um agouro, que se ouve á grande distancia e tem dado

logar ás mais estranhas historias de assombrção. Talvez, mesmo, essa tristesa plangente haja concorrido para tornal-o ave de bom agouro, propiciatorio dos bens do amôr, infalivel para "ablandar el corazón de alguna mujer inaccessible a las protestas de un galán" (AMBROSETTI). Se isto acontece entre as tribus do Chaco, na Amazonia "os indigenas o têm como protetor da virtude das mulheres, pelo que, com suas penas, varrem o chão sob a rêde das donzelas, no inicio da puberdade, ou forram a mesma rêde com a pele, na crença de que para elas os homens serão indiferentes", segundo conta BARBOSA RODRIGUES. O *urutaú* exercia a magia de salvar das tentações as mulheres casadas.

Como todos os bichos da mitologia americana, o *urutaú* tem alimentado muitas lendas, algumas tiradas da suposição corrente, de que, quando dorme, no mais alto pau da floresta, indica, com a posição em que acomoda a cabeça, o caminho do sol.

Outro mito dos mais interessantes, como objeto da adiantada cultura indigena é o do *Jurupari*, figura contraditoria, que os velhos cronistas, SIMÃO DE VASCONCELLOS, d'EVREUX, CLAUDE d'AUBEVILLE, escrevem como simbolo ou força creadora do mal, opinião aceita, mais tarde, entre outros, por Alcide D'Orbigny. Redimem-n'o BARBOSA RODRIGUES, o padre TASTEVIN, STRADELLI; em tempo mais distante do nosso, o padre JOÃO DANIEL, talvez o primeiro,

cronologicamente, a negar-lhe os atributos do demonio.

Jurupari é o filho da cunhã, virgem que concebe por interferencia do sumo da cucura, que ela deixa cair inadvertida sobre o ventre e as côxas e



Etnografia brasileira. Índios Macuxis, tribo caraíba do Alto-Rio Branco, tecendo algodão

(Foto miss. Beneditina)

lhe humedece o sexo. Vem para modificar os costumes da terra, afim de que se possa formar um ambiente capaz de permitir o aparecimento da mulher-perfeita, aquela unica em condições de receber o Deus-Sol. Nasce numa região em que as mulheres

mandavam e o primeiro feito do *Jurupari* (11) será cassar-lhes esta força, fazendo reverter ao homem as qualidades e os atributos do mando.

Jurupari é um reformador. *Ceuci*, que o concebe, sofre esse castigo, por ter comido a fruta proibida às cunhãs antes da puberdade. Na tradição das tribus do Rio Negro, a fruta defesa ao paladar da virgem, fôra a cucura; entre os índios do Uapés, o pihican, ou segundo BARBOSA RODRIGUES, a fruta-de-Uacu, (*uacu iuá*); no Solimões, a purumã (pourouma cecropialtolia, Aublet). *Ceuci*, segundo STRADELLI, depois de ter dado á luz a *Jurupari*, não mais o viu, sente-o, porém, á noite, sugar-lhe o seio até se saciar. Vem aparecer-lhe, forte e lindo, muito mais tarde, aos quinze anos, tendo adquirido a fôrma humana, apto a exercer a direção da tribu. Aclamado *tuixaua*, instrue os homens no conhecimento da lei. Ensina-lhes ritos, festas e danças realizadas sem a assistencia das mulheres, para que

(11) Segundo leio, em *Vocabulario de Crendices Amazonicas*, de OSWALDO ORICO, entre as lendas e contos em que figura *Jurupary*, vale citar: *Jurupary*, versão *Dacé* ou dos *Tukano*, (rio dos Uaupés ou Ukairy); *Izi* ou *Jurupary*, lenda *Jauy* ou *Tariana*, (rio dos Uaupés); *Cunhan eta maloca*, a maloca das mulheres, (rio Branco); *Jurupary cunhan mucu eta iruno*, o *Jurupary* e o menino, (rio Solimões); *Jurupary camunducara irumu*, o *Jurupary* e o caçador, (rio Tapajoz); *Anhanga*, o *Anhanga* dos índios Maranos; *Mererena Jurupary*, o tinoso *Jurupary*, (Mau-naus).

eles aprendam a viver sem elas, se tornem insensíveis ás seduções, fiquem fortes e valorosos. Marca os preceitos fataes que os homens devem obedecer, na pratica do culto, recomenda sua celebração quando uma cunhã apareça deflorada pela lua, (primeira menstruação), quando uma virgem coma a fruta do pihican ou purumã, ou ainda, por ocasião em que, na tribu, sejam comidas certas caças, grandes peixes e passaros em tempo de vôos de hibernação.

O seu culto, do qual se originam algumas das mais belas lendas amazonicas, é comum a muitas tribus, (Uaupés, Tukano, Tariana, etc.), chega ao nordeste por aculturação, sendo encontrado entre os *Carnijó* de Aguas Bellas, segundo pitoresca descrição de MARIO MELO. E' um perfeito culto solar, que marca ao homem as diretrizes da vida, ensinando-lhe a sofrer e a se manter puro do contáto das mulheres, sem o que seu valôr, seu prestigio no mundo, desapareceria.

O mesmo conto do *Jurupary*, encarnando personagem diversas, surge em outros logares. *Poro-nominare*, p. ex., é a versão do *Jurupary*, na cultura dos indios *Barés*, tribu do Rio Negro, que coexistiu com a dos *Manaus*, no logar deste nome, na Amazonia.

Difere, no conto, a maneira da virgem, que concebe o Deus, ser fecundada, mas persiste a idéa central do heroe mitico, que vem orientar, encaminhar os destinos do povo, ensinar o uso do fogo, dar

as leis, determinar a conduta. Embora *Poronominare* seja filho da Lua e a mãe de *Jurupary* seja fecundada pelo suco da cucura, ambos são enviados celestes, produtos sobrenaturaes, que se destinam a uma alta missão. Segundo a versão de BRANDÃO DE AMORIM, a moça que vae ser mãe, conta ao seu velho pae:

— “Paíca, sonhei porção de cousas bonitas, são mesmo bonitas, por isso te vou contar.

“Sonhei que este filho que tenho dentro de mim eu tive em cima de uma serra grande.

“Côrpo dele era transparente, preto seu cabelo, veio falando.

“Quando eu o tive, os bichos vieram para junto dele alegral-o”.

Ao nascer *Poronominare*, conta a mesma lenda que o velho *paíé* (12) despertou, espantado com o barulho que se produziu, perguntando aos animaes:

(12) *Paíé* ou *Pagé*, segundo RAIMUNDO MORAES, é o sacerdote, misto de curandeiro e de santo, mago da tribu. Ninguem lhe discute as ordens, suas sentenças têm a força do dogma. Na floresta, representa um elemento semelhante aos genios das lendas celticas. Dá o bem e distribue o mal. Seus olhos têm a força eletrisante da serpente, suas mãos, o condão de destribuir graças e bens. Ao seu serviço, estão todos os animaes, fôlhas, troncos, cascas, cipós que se guardam na mata. Bichos e passaros, ventos e aguas, obedecem á sua vontade. Pelo menos, tanto faz crêr ao indigena, que nele vê o poder maior de que se pode socorrer, menor do que o de Deus, muito maior que o do feiticeiro.

— “Quê então está se passando no meio de nós?”

“Ao que todos responderam:

— “Nasceu *Poronominare*, dono da Terra, dono do Céu.

— “Onde?”

— “Em cima da serra do Jacamim”.

“O velho paié partiu para a serra do Jacamim, mas não pôde subir quando chegou na base, porque porção de animaes guardava a serra.

“Ele virou-se, contam, Jacuruarú, e subiu.

“Encontrou *Poronominare* sentado em cima da serra, dividindo a terra, mostrando a cada animal seu lugar...

“Assim, a noite cahiu; quando o outro dia appareceu, tudo estava calado na Serra do Jacamim, somente o jacuruarú grande estava encostado na pedra.

“Longe, para o lado em que o sol se deita, a gente ouvia que vinha vindo a voz da mãe de *Poronominare*.

“Contam que ela cantava, emquanto as borboletas a iam levando para o céu.”

Estes são trechos copiados, alternadamente, da lenda, que é grande, toda ela cheia de pitoresco e ingenuo lirismo. Em seu conjunto, deparam-se evidentes passagens, que mostram ter o conto um só

sentido, duas versões, faceis de autenticar, diante de episodios semelhantes, comuns ás duas.

A mãe de *Poronominare*, ao fugir da inundaçãõ, já pejada, sofre o ataque de um bicho que lhe rasga o ventre, detalhe semelhante ao do nascimento de *Jurupari*, na versãõ dos indios *Tucano*, variante da tradiçãõ guardada pelos *Tariana*, que é a seguinte:

“Uma cunhã, após tomar o *ipadú* com os velhos da tribo, sente-se grávida, sem ter tido relações com homem algum. Tempos depois, quando atravessava o rio, uma traira morde-lhe a barriga, nascendo por esse rasgãõ o filho, *Izy*, filho do sol, chamado tambem *Jurupari*, *Bocan* e *Maasangueró*.

“Quando *Izy* naceu punha fôgo pela cabeça, pelas mãos e pelo corpo e fazia tanto barulho, que amendrontava a floresta.”

Diferem as versões, desta e de outras historias colhidas de preferencia entre indigenas da alta-Amazônia, mas todas accentuam o processo de aculturaçãõ observado nas tribus, não só daquela regiãõ, como de largo territorio do continente sul-americano.

As variações morfológicas desses mitos, nem por serem curiosas, tiram o traço comum que os prende a todos. Entre certos indigenas do rio Uapés, a fruta cujo suco produz a concepçãõ é o *pihican*, noutras a fruta para o mesmo efeito, passa a ser o *purumã*, cujo caldo “escorre pelo corpo nú da

cunhã, desce até o “caminho das creanças”, fecundando a moça sem que ela conheça homem”, conforme conta esse delicioso escritor que é ANGELO GUIDO.

Ainda entre os *Tariana* do mesmo rio, recolhe BARBOSA RODRIGUES a lenda de que, uma horda de mulheres havia chegado ao Ukairy ou Ucaiari, fazendo-se acompanhar por alguns velhos que, pela idade, estavam impossibilitados de ser paes. Essas mulheres não tinham alegria, porque os homens eram inúteis; mas certo dia, ao se banharem no lago, Cobra Grande apareceu, e elas obtiveram o prazer de ter filhos. A atração, os encantos de Cobra Grande, seduziram as mulheres tristes, que foram fecundadas, nascendo muitos meninos e meninas; dentre estas uma se distinguiu pela extrema belesa, que mais se desenvolveu á proporção que seu corpo crescia. Fez-se moça assim bela e, certo dia, quando tomava o suco da fruta do uacu (*uacu iua*), defeso ás moças impuberes, concebeu sem saber, sendo conduzida para o alto de uma serra, afim de esperar a creança que ia nascer.

Esta creança, assim nascida por obra e graça do *uacu iua*, irá ser, por sua vez, um novo mito-condutor, um homem semi-deus, destinado a ensinar as cousas adiantadas, a esclarecer o povo, a realizar plenamente as funções do mito-*Jurupari*, do qual

encarna todos os poderes, apenas revestindo um antropomorfismo diferente.

Para algumas tribus, desse viveiro famoso de lendas, que é o rio Uaupés, o *Jurupari* é o mesmo *Izy*, um e outro aparentados dos *Jacamin*, que são um lindo passaro domesticavel, comum na Amazonia, passaro muito ligado aos ritos e aos costumes familiares da região.



Etnografia brasileira. Tipo de embarcação usado nos rios do Alto-Amazonas
(D'après D'Orbigny)

Ainda na Amazonia, outros etnologos recolhem o mito de *Dinari*, que vivendo reclusa numa comunidade de mulheres, (indicio de matriarcado), consegue fugir, saindo ansiosa á procura de marido. *Dinari* é a virgem desejosa de conceber um filho. Na fuga, ao afastar-se de casa encontra um jovem, forte e belo, do qual se apaixona, seguindo os dois, acompanhados de um sequito de guerreiros, para a casa do rapaz.

Em caminho, vão deparar-se com um largo rio, onde todos querem se banhar, mas ao sahir das suas aguas, *Dinari* e a sua comitiva vêm-se transformados em *Jacamins*, sob cujo disfarce fica *Dinari* até readquirir a fórma humana, graça que suplica e obtem mais tarde, do marido, pouco tempo antes de dar á luz a creança. Dois são os filhos que *Dinari* dá ao mundo, justamente um casal, sendo que a menina virá a ser *Ceuci*, mito ligado á astrologia, o Setestrela, vindo o menino considerar-se outro poder astral, ou seja a encarnação da constelação do Serpentario, tudo incorporando uma perfeita cultura totemica, na qual o *Jacamim* comparece como figura sagrada, animal-deus, beneficiador de todas as cousas.

Estas duas creanças, mais tarde, na ignorancia do bem e do mal, matam diversos *Jacamins*, sendo vitima dessa mortandade o proprio pae, episodio que vem transmitir ao povo, desde aquele momento, um profundo respeito pela ave, a qual irá exercer na tribu uma função sagrada, cousa na qual nenhuma força pode tocar.

A articulação do mito de *Dinari*, mãe de *Ceuci*, por sua vez mãe do *Jurupari*, na versão dos *Tariana*, será feita com o mito da *Cobra Grande*. *Pinon*, irmão de *Ceuci*, filho de *Dinari*, encarna-se na *Cobra Grande*, para procurar a mãe, que se transformou em peixe, num lago localizado muito alto, numa montanha, perto do ceu.

Pinon era um dos acedentes de *Jurupari*, e este mito — o *Jurupari* — só por ignorancia dos primeiros missionarios, atemorizados com as mascaras do culto — o *pucamucá* ou *macacaraua* — pôde ser confundido com o Diabo, como erroneamente se acreditava e ainda hoje aparece escrito entre autores de certa valia.

Jurupary, *Jurupari* ou *Izy* e *Poronominare* (Deus dos *Barés*) são mitos solares, deles se originam as sociedades patriarcaes, em substituição ao regimen do matriarcado, coexistente nas mais velhas culturas, inclusive no Brasil. Predominam na sociedade dos homens, em contraposição ás criações propriamente femininas, aos grupos de fundo matriarcal, nos quaes, repetimos, os mitos são lunares, neles não se venera o sol, sim a Lua, Grande Mãe, que entre varias tribus é a *Ci*, essencia intima, origem de todas as cousas. *Ci* exerce tal influencia que, entre algumas tribus, o *Tupi-Guarani*, p. ex., influe na grafia do nome do Deus solar. *Guara-ci*, mito solar dos *Tupi*, conserva a designação feminina, quer dizer — Mãe dos viventes. *Gaura-ci* é o sol, mas sofre a influencia do mito lunar. Está em relação direta com a lua, considerada imenso recipiente do licôr da vida e da fecundidade. Não preside, apenas ao germinar das especies e das sementes, porque é a propria fonte geratrix da vida, a *Iuacaci* de nossas tribus indigenas.

Outra pagina que encerra o mais belo misterio da alma indigena, tendo um alto significado de cultura, é a da *Uiara*, ou *Iara*, mito da proteção das aguas, belesa misteriosa cujo encantamento gera no espirito das populações ribeirinhas, os sonhos e as visões mais ardentes, para a vida contemplativa do indigena. Para GUSTAVO BARROSO *Uiara* é a deusa das aguas claras, dos rios mansos, mito lunar, ondina ou mãe-d'agua, sereia que se esconde nos lagos tranquilos das florestas. Face lirica da lenda da *Boiuna* ou *Cobra-preta*, genio traiçoeiro das aguas, a *Uiara* marca o perigo das aguas limpas e aprasiáveis, enquanto a *Boiuna* age de preferencia no êrmo, nas aguas sombrias, pelas noites escuras...

COUTO DE MAGALHÃES, sem dispor em seu tempo de elementos mais seguros para uma classificação de mitos, afirma que a *Uiara* era um sêr bi-sexuado, peixe-mulher, e peixe-homem, quando se transformava em *Bôto*. BARROSO contesta-o, mas a confusão existe. Acreditemos com o douto academico que os mitos são diferentes, mas toda a Amazonia está cheia de narrativas em que aparece o *Bôto*, dando muito que fazer á ternura compassiva das mulheres, especialmente quando virgens. E' o grande misterio desflorador dos segredos da alma e do côrpo das cunhãs. Sedutor irresistivel, age de preferencia nas noites de luar, quando as caboclas se banham nos rios.

Metamorfoseada em Bôto, COUTO DE MAGALHÃES apontava-a como o inimigo mais implacavel das moças da beira-do-rio, que, quando não queriam entregar-se, eram arrastadas pela correnteza ao *peráo*, de onde sumiam-se na voragem para as estranhas nupcias, no fundo das aguas.



Etnografia brasileira. Construção de canôa, a fogo, pela tribo dos Miranhas, no Alto-Japurá

(D'après D'Orbigny)

BARROSO contesta a coexistencia deste androginismo, separando perfeitamente os dois contos, que outros querem vêr ligados num mesmo circulo de lendas. Ao nosso ponto de vista, entretanto, que não estudamos o "folk-lore" apenas como elemento poetico de inspiração popular, mas de preferencia

procuramos vêr nele o mito de inspiração amerindia, vale a *Uiara*, numa e noutra fôrma, como elemento da capacidade mental do indigena, pelo que ha de pessoal, de caracteristico, na sua composição, de afirmativo, na sua cultura.

Os modernos etnologos têm dado vida a avultada colheita, variada e interessante, de fabulas indigenas, valendo a existencia de muitas lendas como autenticos produtos de aculturação. A lenda do "Homem com Veado" (*Aroe Gacoma-Pó*), recolhida por HERBERT BALDUS, entre os Borôro, parece-me uma delas.

Uma grande tempestade inundou toda a terra e poz termo á vida dos seus habitantes. Quando parou a inundaçãõ, só havia um homem, todos os outros tinham morrido; eis, sinão, quando entre os campos e florestas, encontrou-se esse homem com um veado mateiro (femea), sendo os dois os unicos animaes sobreviventes. Sosinho com a veada, o homem teve a idéa de povoar outra vez o mundo, por meio desse animal e começou a dar criaçãõ; porém, as primeiras crias sahiram totalmente animaes, e ele as matou, insistindo, porém, na reprodução. E as outras crias que vieram foram perdendo o pelo em todo o corpo e, finalmente, um homem perfeito e uma mulher perfeita apareceram, assim começando outra vez a povoar-se a terra.

Outra lenda do diluvio, também colhida por BALDUS ao borôro Tiago Aipobureu, pedimos venia para reproduzir:

“Um dia, ha muito tempo, haviam os homens armado as rêdes de pescaria feitas de taquara. Um deles, foi vêr si na sua havia peixe. Fixando o olhar viu dentro dela os espiritos *Jacomos*, (13), que eram tres: um amarelo, outro vermelho, o terceiro preto. Alvejando o amarelo, atirou a flexa e o feriu. Ao ser flexado o espirito, começaram a avolumar-se as aguas e a transbordar. Imediatamente se esforçou o homem para salvar-se, mas parecia que élas o perseguiam, porque, onde procurava refugio, mais se levantavam e o alcançavam.

“Fugindo sempre, encontrou-se com outros homens e aconselhou-os a que desaparecessem, pois, que as aguas não cessavam de crescer. Chegou finalmente á aldeia e exortou os habitantes a fugirem depressa porque as aguas já não davam tempo, assoberbavam tudô. Apoderando-se de um tição, o heroi começou a caminhar, em direção á montanha.

(13) Ha aqui, evidentemente, uma interpretação das lendas do Jacamin, que são comuns a varias tribus do Brasil e da America do Sul, situadas bem proximas da região a que o A. faz referencia.

“Ao aviso do companheiro, alguns tentaram fugir prontamente, mas não foram tão ligeiros que a agua não os alcançasse. Os que seguiram o homem que deu o avizo, perceram afogados, o mesmo acontecendo aos outros que, não crendo nas palavras do avisador, tranquilamente se deixaram ficar na aldeia, pois, sendo ela tambem destruida, foram todos envolvidos pelas aguas e morreram.

“Aquele, porém, que havia ferido o espirito, alcançou a montanha. Volveu os olhos por toda a parte e viu que os campos, as selvas, os desfiladeiros, as colinas, tudo estava coberto de aguas. Não avistou animal algum, porque todos haviam perecido. E as aguas cresceram sempre, até que alcançaram o homem, que, sentado no cume do monte, observava aquella estupenda inundaçãõ.

“Sentia-se perdido. Que podia fazer? Subito, obedeceu a uma inspiraçãõ. Com o fogo que trouxera, esquentou bem uma pedra, esmigalhou-a e atirou os fragmentos aos quatro lados, para que as aguas baixassem. E assim aconteceu.

“Abaixadas que foram as aguas, o sobrevivente desceu da montanha e correu ao lugar onde era a aldeia. Nada mais descobriu. Assobiou, assobiou para chamar os companheiros. Não obtendo respos-

ta, disse: Ai de mim! Estou só! Ninguém mais vive!

“Volvendo o olhar em redor, percebeu um rasto: era de um veado. Assobiou então novamente e o veado respondeu ao assobio. O homem seguiu o rasto e, ao chegar perto do veado, disse:

— “Foste tu que me respondestes?”

— “Sim, fui eu mesmo que respondi.”

“Observando bem o quadrupede, o sobrevivente reparou que era uma veada e logo lhe disse:

— “Serás minha mulher”.

“Daquele momento em diante, a veada esteve com ele e nunca mais se separaram. Com ele teve filhos. O primeiro, era um perfeito veado; o segundo, uma veada, mas não tão



Etnografia Brasileira. Índia Macuxi
tribo caralba do Alto-Rio Branco,
fiando algodão

(Foto miss. Beneditina)

perfeita como a mãe; tinha no corpo pelos, mas poucos. O terceiro filho, parecia estar entre o bruto e o homem, porque nasceu com cabeça, mão e pés de homem e tinha só alguns pelos de veado, aqui e ali, pelo corpo; o quarto guardava a aparência de uma menina, tendo apenas uma risca de pelos no peito e nas costas. Outros ainda vieram a nascer, sempre humanisando-se mais, até virem a ter a perfeita semelhança do homem.

“Juntando um dia toda a prole, dividiu-os em par, em *Tugareges* e *Cerae*, dando aos primeiros, por mulheres, as segundas e a estas os *Tugareges*”.

As duas lendas, evidentemente do mesmo circulo, são uma perfeita tentativa de concepção da formação do mundo, depois do diluvio, idéa encontrada, anteriormente, por COUTO DE MAGALHÃES, e, muito mais para atraz, pelos cronistas de seiscentos, que nos deixaram informações de onde é possível concluir que ha na persistencia dessas lendas uma perfeita aculturação.

Outro tanto será facil afirmar de varias tradições indigenas, coexistentes sob diferentes fórmias, entre tribus diversas.

São multiplos e variados os exemplos.

Ao mito lunar *Jaci* ou *Yaci*, dos *Tupy-Guarany*, se agregam outros, de carater domestico, inclusivé os do amor, grupados no circulo de *Rudá*, que é o mesmo *Perudá*, genio incumbido de promover a perpetuação da especie, de aproximar e facilitar a apro-

ximação entre os seres creados. COUTO DE MAGALHÃES figura Rudá representado num guerreiro belo e gentil, que reside nas nuvens e baixa á terra para incendiar de amôr o coração dos homens.

Mitos coletivos ou de intenção social, enriquecem igualmente a mentalidade *Tupi-Guarani*, como o do Diluvio, verificado pelos cronistas da era de quinhentos e seiscentos (CARDIM, THEVET, HANS STADEN, CLAUDE D'ABEVILLE, MARCGRAV, PISO, SIMÃO DE VASCONCELLOS, etc.) e desenvolvido na reminiscencia dos indigenas, que diziam ter-se salvo das aguas apenas um casal de *Tupinambá* e outro de *Tamoyo*, repovoadores do mundo.

Em tempos mais modernos, nos sec. XIX e XX, essa mesma lenda foi registrada entre tribus tucicas ou guaranizadas, como os *Chiriguano* e *Tembé*, que incluem na sua mitologia o conto da *Cheia Grande*, exatamente o mesmo do diluvio dos *Tamoyo* e *Tupinambá*. O etnologo BERNARDINO DE NINO colheu entre os *Chiriguano*, para a sua *Etnografia Chiriguana* (La Paz, 1912) valiosa contribuição, igualmente estudada e desenvolvida por ERLAND NORDENSKIOLD, em *Indianerleben* (Leipzig, 1912). Dos *Tembé*, fala modernamente sobre o Diluvio ou *Cheia Grande*, este incansavel COURT NIMUENDAJÚ, em *Lagen der Tembé-Indianer* (Zeitschrift für Ethnologie V. 47, Berlim, 1915), divulgando depois, em trabalho mais recente, a versão dos *Xipaia*, na qual,

como acontece entre os *Taulipáng*, estudados por KOCH-GRÜENBERG, á inundaçãõ da terra precede a açãõ devastadora do fogo.

Entre os *Guayaki* e os *Mboi*, do Paraguay, observa-se a mesma lenda da destruiçãõ dos homens pelas aguas, a qual vae reaparecer lá em cima, entre os *Tembé* do Pará e do Maranhãõ, os *Chamaoco* e os *Toba*, apesar da distancia, no tempo e no espaço, a separar os dois grupos.

A lenda do Diluvio é igualmente encontrada entre os *Kaxinauá* (CAPISTRANO DE ABREU), *Xiripá* do Alto-Paraná, tribus caraibas *Kuná* e *Taulipang*, (KOCH-GRUENBERG), *Apopocuva* (NIMUEN-DAJÚ), *Tapirapé* (ALFREDO OLYMPIO) (1912), *Gua-jajara* (H. SNETHLAGE,); etc., reincidindo em todas identicas remiscencias de bichos, tomando, algumas vezes, parte no episodio, ou provocando o incendio que, em algumas das historias, precede á invasãõ das aguas.

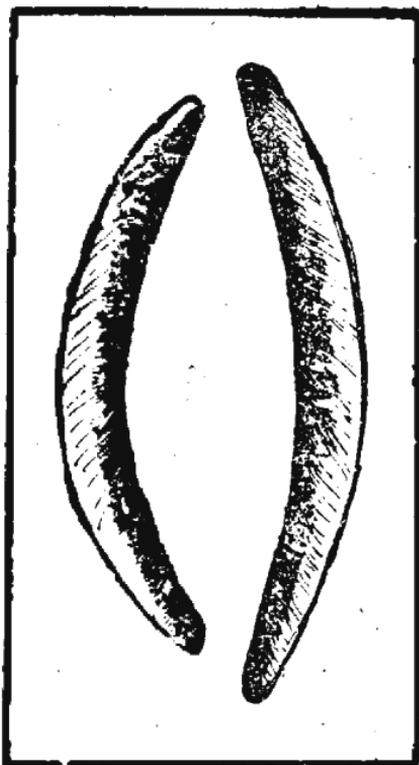
De um modo geral, lendas de bicho, de carater social, ou de finalidade educativa, eram comuns entre os indios e hoje estãõ divulgadas em varias linguas. Nelas figuram com evidente relevo, entre outros, os seguintes repersentantes da nossa fauna: A *Siriema* e o *Piriquito* entre os *Karajá*; o *Urubú-rei*, entre os *Taulipáng* (KOCH-GRUENBERG), os *Baikari* (KARL VON DEN STEINEN), os *Arowaks* da Guiana Inglesa (Padre C. VAN COLL), os *Warrau* (ROTH), os *Tembé* (NIMUEN-DAJÚ), os *Caxinauá*

(CAPISTRANO); o Sapo, o Mutum, o Jaburú, os peixes Pintados, Jaú e Pacú, entre os *Karajá*; o Sapo e o Urubú, entre os *Chiripá*, do Paraguay, e os *Gayurú* da Bolivia, os *Apopocuva*, os *Chiriguano*, os *Tembé*; o Sapo, o Jacú e o Mutum entre os *Tapirapé*; a Arara, entre os *Cauhari* do Perú; a Veada e o Jaguar entre os *Borôro*, formando parte integrante dessa privilegiada fauna, que os mitos ameríndios fizeram interferir na vida dos homens. O sr. MANOEL SANTIAGO enriquece estas lendas divulgando o mito do *Ticuan*, passaro amazonico, de canto agourento, que tambem aparece com o nome de *Xincuan*.

Não é nossa intenção reunir neste ensaio todas as lendas, todos os contos da mitologia ameríndia ou mesmo brasileira, entretanto, não devemos encerrar este breve relato, sem uma referencia ao heroi Macunaima, estudado por KOCH-GRUENBERG e divulgado num interessante poema ciclico por MARIO DE ANDRADE.

Macunaima immortaliza-se como o heroi sem vontade, caracter indeciso, intrigante e velhaco, mas sobretudo, travêso e brincalhão. Entre os *Taulipáng* e *Arekuná* KOCH-GRUENBERG descobre essa incrível figura, que faz a caça, promove a pesca e compõe os homens, repovoando a terra ensopada, comida pelas aguas. Apesar de construtor da vida, obreiro universal das cousas, Macunaïma é um deus frascario, povôa de tristesa os lares por onde passa, enche de luxuria a terra com a sua desmedida insa-

tisfação carnal. E' incestuoso, porque toma a mulher do irmão e pratica artes diabolicas, tudo com a intenção de amofinar os homens, como a querer que entre eles despertem as forças da vontade na



Bumerags australianos

resistencia e no cumprimento do dever, pervertido por ele. Não se contenta apenas com a posse da mulher do irmão mais velho, toma a mulher do irmão mais novo, e vae, de passagem, praticando atos maldosos de uma profundidade infinita, no

fundo revelando sempre o ardil e o espirito sedutor das creanças, muito embora este espirito só possa ser encontrado entre as creanças más.

* * *

Muitas seriam ainda as lendas a reunir para uma demonstração mais ampla de interferencia dos mitos na cultura das tribus brasileiras, especialmente amazonicas. Elas constituem uma filosofia ingenua, uma idéa rica de pitoresco e pobre de elementos morfologicos, onde o indigena veiu aprender a contemplar, compreender, "criar" ou definir o mundo. Já existiam, para a sua capacidade de apreensão, elementos sobrenaturaes, que transcendiam aos objetos materiaes, ou deles retiravam forças, principios misteriosos, de onde nacião as cousas. Eram historias ilogicas e facinantes, cheias de pitoresco, elementos espirituais que não podem ser separados uns dos outros, mas se reúnem, nas mais diferentes areas geograficas, em pontos longinquos, interdependentes entre si, explicados, entretanto, pelos conjuntos patrimoniaes ou ciclos de cultura primitiva.

Os mitos da cultura de BUMERAG, p. ex., estão perfeitamente definidos entre diversas tribus amazonicas. Aqui aparecem, com as lendas, os elementos fundamentaes, daquela cultura, a mesma econo-

mia, culto, fôrma de choça, utilidade dos instrumentos, armas, objetos destinados ao adôrno do corpo, que exercem uma facinação tão grande sobre todos os sêres, a técnica artistica, finalmente a estrutura social, sempre semelhante, entre tribus da Amazonia, entre tribus de Mato Grosso, entre tribus da California, etc.

Com os mitos do *Jurupari*, tão espalhados no Brasil, atravez de uma area imensa, pode-se fazer uma observação diferente. Neles predomina a velha tendencia dos povos exogamicos, ao passarem pelo matriarcado, ativando a capacidade de reação para integrar o homem no seu legitimo destino, elemento por excelencia criador, germinador, unico sêr que comanda.

No ciclo cultural das mascaras, coexistem, igualmente, varias tribus, antigas e atuaes do Brasil, situadas no centro de Mato Grosso e nos rios das duas margens do Amazonas. Nelas as danças rituaes, como as cerimoniaes de iniciação, são celebradas usando os participantes mascaras de animaes ou de monstros fantasticos, havendo nesses clans uma perfeita tendencia para a vida agricola, marcada por um incipiente trabalho do campo, como se depara entre os *Tapirapé*, *Karajá*, *Borôro*, *Tereno*, *Kaigang*, etc., para citar, apenas, tribus ultimamente visitadas, mas conservadas extremes de completa absorção pelos elementos civilisadores do homem branco.

Em todas elas se observam acentuadas modificações, com o abandono dos habitos matriarcaes para a posse do regimen patrilinear e completo predominio da organização de uma sociedade onde domina o pae.

* * *

Não são outros os elementos que constituem, no meu entender, o territorio por onde se distendem os limites da arqueologia brasileira. Para completar o quadro arqueologico, será preciso apenas juntar-lhe os materiaes carateristicos, a ceramica, as *parures*, os restos de armas, os objetos de adorno do corpo e da casa, os terens de que se cercavam os indios, e que os trabalhos de pesquisa dos arqueologos nos transmitiram.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — AMORIM (Brandão de) — Lendas de Nêengatu e em Portuguez — Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras. Vol. 154 — Rio, 1928.
- 2 — ANYONE COSTA (J.) — Introdução á Arqueologia Brasileira — S. Paulo, 1934.
- 3 — BOAS (Franz) — The Mind of the Primitive Man — New York, 1911.
- 4 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — O Muirakitan — I e II vol. — Manáos e Rio, 1899 e 1900.

- 5 — BARBOSA RODRIGUES (J.) — Poranduba Amazonense — Rio de Janeiro, 1890.
- 6 — BARROSO (Gustavo) — Mythes, Contes et Legendes des Indiens — Paris, 1930.
- 7 — COLBACCHINI (Antonio) — I Bororo Orientali — Torino, 1925.
- 8 — COLL (padre C. Van) — Contes et Legendes des Indiens de Surinam — "Anthropos", vols. II e III — 1908.
- 9 — COUTTO (padre Loreto) — Glorias do Brasil e Desagravos de Pernambuco — in — Ann. Bibl. Nac. — Rio, 1902.
- 10 — CHARLEVOIX (padre) — Jornal Historico de uma viagem á America.
- 11 — CAMARA CASCUDO (Luis) — Em memoria de Stradelli — Manaus, 1936.
- 12 — CAMARA CASCUDO (Luis) — Uma interpretação da Couvade — Separata do vol. XXIX da Rev. do Arq. Mun. S. Paulo, 1936.
- 13 — CAPANEMA (Barão Guilherme S. de) — Os Sambaquis — Ensaios de Ciência por diversos amadores — Rio, 1876.
- 14 — CAPISTRANO DE ABREU (J.) — A lingua dos Caxinauás — Rio, 1914.
- 15 — DANIEL (padre João) — Thesouro descoberto no rio das Amazonas — Rev. Inst. Hist. Geogr. Br., vol. III — Rio.
- 16 — EHRENREICH (Paul) — Beitrage zur völkercunde Brasiliens — Berlin, 1891.
- 17 — GUIDO (Angelò) — No Reino das Mulheres sem lei — Ensaios de Mithologia Amazonica — Porto Alegre, 1937.

- 18 — GARCIA (Rodolpho) — Diaríio do Padre Samuel Fritz — Introdução e notas — Rev. Inst. Hist. Geogr. Br., T. LXXXI, 1917.
- 19 — HARTT (Charles Fred) — Contribuição para a etnologia do vale do Amazonas — Arch. Mus. Nac. — Vol. VI — Rio, 1885.
- 20 — MAGALHÃES (Basilio) — Entre os Borôros — Rev. Inst. Hist. Geogr. Br. Tomo 78, parte II — Rio, 1916.
- 21 — METRAUX (Alfred) — Una antigua autocracia en la Polynesia — La Prensa — Buenos Aires, 1937.
- 22 — METRAUX (Alfred) — La Civilisation Materielle des Tribus Tupi-Guarani — Paris, 1928.
- 23 — METRAUX (Alfred) — La Religion des Tupinambá et ses raports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani — Paris, 1929.
- 24 — NORDENSKJOLD (Erlan) — Ars Americana — Paris, 1930.
- 25 — NINO (Bernardino) — Etnografia Chiriguana — La Paz, 1912.
- 26 — ORBIGNY (Alcide D') — Voyage dans la Amerique meridionale, T. III, partie historique — Paris, 1844.
- 27 — ORICO (Oswaldo) — Mitos Ameríndios — S. Paulo, 1930.
- 28 — ORICO (Oswaldo) — Vocabulario de crendices Amazonicas — S. Paulo, 1937.
- 29 — PALHA (frei Luiz) — Au Bresil: en pays caraja — "Les Missions Dominicaines", IX — Paris, 1930.
- 30 — ROMERO (Sylvio) — Etnografia Brasileira — Rio, 1888.
- 31 — ROQUETTE-PINTO (E.) — Conferencia pronunciada em 1913 na Bibl. Nac. — Rio de Janeiro, 1914.

- 82 — ROQUETTE-PINTO (E.) — Rondonia — segunda edição S. Paulo, 1935.
- 83 — REVILLE (A.) — Les religions du Mexique, de l'Amerique Centrale et du Perou — Paris, 1885.
- 84 — RODRIGUES PEIXOTO (D. J.) — Novos Estudos Cranio-logicos sobre os Botocudos — Arch. Mus. Nac. vol. VI — Rio, 1885.
- 85 — RIVET (Paul) — Les éléments constitutifs des civilisations du Nord Ouest et de l'Ouest sudamericains — Congrès Intern. des Amer. — Gotteborg, 1924.
- 86 — REYNAND (Georges) — Les Dieux, les Herós et les Hommes de l'ancien Guatemala — Paris, 1925.
- 87 — SAMPAIO (Theodoro) — Arqueologia Brasileira — Dic. Hist. Geogr. Etnogr. do Brasil, I vol. — Rio, 1922.
- 88 — SAMPAIO (Theodoro) — A nação Guianá da Capitania de São Vicente — Rev. Mus. Paul. I. vol. — S. Paulo, 1897.
- 89 — SALA (Miguel) — Historia del arte precolombiana — Barcelona, 1936.
- 40 — SERRANO (Antonio) — Arqueologia Brasileira — In — Rev. Arq. Mun. — S. Paulo, 1937.
- 41 — STEINEN (Kar Von den) — Divisão e distribuição das tribus do Brasil. — Rev. Soc. Geog. — Rio Jan. T. VIII, 1892.
- 42 — STEINEN (Karl Von den) — Entre os Aborigenes do Brasil Central — Rev. Arq. Pub. — S. Paulo, 1937.
- 43 — SIMÃO DE VASCONCELLOS (padre) — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil — Lisbôa, 1865.
- 44 — STRADELLI (Conde Ermanno) — Leggenda del Juru-pari — Bol. della Soc. Geog. Ital. — Roma, 1890.

- 45 — STRADELLI (Conde Ermano) — L'Uaupés e gli Uaupés — Bol. della Soc. Geog. Ital. — Roma, 1890.
- 46 — SALTO (Raphael Delorme) — Los aborigenes de America — Havana, 1894.
- 47 — SANTA ROSA (Henrique) — Historia do Rio Amazonas — Pará, 1926.
- 48 — SANT'ANNA NERI (F. J. de) — Folk-lore Brésilien — Paris, 1889.
- 49 — SCHULLER (R.) — A Couvade — Rev. Mus. Goeldi, vol. VI — Belém, 1910.
- 50 — SOUSA (Gabriel Soares) — Tratado Descritivo do Brasil — Rio, 1851.
- 51 — SERRANO (Antonio) — Arqueologia de las grutas de San Francisco de Paula — Rev. Chilena de Historia Natural — Santiago, 1938.
- 52 — THEVET (André) — La Cosmographie Universelle — Paris, 1575.
- 53 — WALLACE (Alfredo Russell) — A Narrative of Travels Amazon and Rio Negro — Londres, 1853.
- 54 — ZABOROWSK (S.) — El Hombre Prehistorico — Tradução para o castelhano da setima edição francesa — Barcelona.

O POVOAMENTO DA AMERICA E A QUESTÃO DAS MIGRAÇÕES

Trabalhos recentes dão ao homem de hoje uma compreensão mais clara sobre as origens dos povos da America. Á proporção que os estudos americanistas se desenvolvem, mais recuada vai ficando a idéa daquelas velhas tradições, que faziam rumar para o nosso continente os povos antigos do Mediterraneo. Hoje novos caminhos se deparam a quem quer conhecer o homem americano, diluindo-se á luz de rigorosas pesquisas as velhas lendas de que se tornaram divulgadores, na metade do século XIX, o padre BRASSEUR DE BOURBOURG, o filosofo e americanista HENRY ONFFROY DE THORON, entre outros, ambos, aliás, reforçando conclusões do velho cronista padre SIMÃO DE VASCONCELLOS. (14).

(14) Hipotezes do padre SIMÃO DE VASCONCELOS:

“(a) Que se deve a Ofir Indico, filho de Jetan, neto de Éber, personagem falado no Cp. X do Genesis, o povoamento da India Ocidental, de onde passara para a America, entrando pelo Perú e Mexico e daí irradiando em diversas

Na crónica da Companhia de Jesus, deixou SIMÃO DE VASCONCELOS indicados os roteiros que, para a sua mentalidade e o seu tempo, eram suficientes a explicar a existencia do homem americano.

São caminhos que agora ninguem segue, mas que satisfizeram por muito tempo á curiosidade dos homens.

O problema do povoamento americano está hoje definitivamente ligado á Asia e á Oceania. Será das aguas encapeladas do Pacifico, primeiramente visionadas por VASCO NUNEZ DE BALBÔA, das alturas de Quarequa, no istmo de Panamá, (1513) e, sete anos depois, sob o nome de Mar del Sur, (dia 28 de novembro de 1520), penetrado e percorrido por esse

migrações para o norte e o sul. Desta tradição, se derivara o nome de "indios" dado aos habitantes da America e da India Ocidental, tambem da mesma fonte resultára ser a America considerada a Ofir das sagradas escripturas; b) que "outros" supõem serem os povos da America aqueles de que fala o Capitulo XI do Genesis, edificadores da Torre de Babel, os quais se espalharam por diversas terras, inclusive a nossa, 2714 anos antes de Cristo; c) que "outros" disseram que os primeiros habitantes da America foram os hebreus, que costumavam viajar do mar Vermelho ao país de Ofir, opinião tambem aceita e defendida pelo dominicano GREGORIO GARCIA, no seu "Indorum Occidentalium Origines"; d) que "outros" pensam ter sido a America povoada pelos troianos, companheiros de Enéas, depois da queda e destruição de Troia pelos gregos, fantasia originada pela interpretação de estrophes de Vergilio; e) que "outros" presumem que a America foi povoada pelos cartagineses, depois da

ciclopico FERNÃO DE MAGALHÃES, que virá a explicação da incognita procurada ás tontas, ha mais de quatro seculos, pela cultura do ocidente.

E não foi facil á curiosidade humana poder chegar a semelhante conclusão. Tudo trabalhou contra ela. Circunstancias as mais curiosas se apressaram a baralhar os valôres de onde devia sahir explicado o problema do nosso primeiro povoamento, resultando essa controversia que comporta uma das mais numerosas e mais ricas bibliografias da actualidade, escrita em todos os idiomas.

Aqui, diante da questão do homem, todos os elementos embaraçaram o observador, que logo se deparou com uma verdade, a de que não existe um

destruição de Cartago pelos romanos, á semelhança da lenda de Troia; f) que "outros" atribuem a origem dos americanos ás dez tribus dos antigos judeus cativos no tempo do profeta Oséas, segundo a Historia de Esdras, livro 4.º, capitulo XIII, 724 A. C.; g) que "outros" afirmam ser os americanos antigos fenicios que, em alta antiguidade, segundo a opinião de DIODORO SICULO, saindo a navegar alem das colunas de Hercules, foram arrebatados pelos ventos e levados a terras distantes".

Varias dessas hipoteses se entrelaçam e provêm da interpretação dos textos biblicos, chamados a explicar o aparecimento dos povos americanos que, surgindo inesperadamente, á face da historia, vieram derogar os ensinamentos etnograficos do codigo hebreu. Em todas elas, porém, o espirito, por mais reverente que se manifeste, não deixará de reconhecer um fabulario talvez inspirado nas aventuras de Ulysses, que a mentalidade do nosso tempo condenou.

carater comum para definição das raças americanas, a não ser a côr da pele, cujo fundo é amarelo, mas permanente em todas. Fóra esse elemento, ha similitudes de cabelos negros, duros e corredios, ha o fraco desenvolvimento do sistema piloso, ás vezes o apertamento dos olhos, formando uma comissura junto do nariz, caracteristicos, entretanto, que não bastam para definir um tipo.

A permanencia da côr da pele, que parece contradizer a opinião corrente de que os americanos formam uma população da raça vermelha, é o denominador comum, na formação do



Ólho mongoloide de uma joven kalmuke, de Astrakan, de 19 annos de idade. D'après nature.

(Repr. de Denker)

tipo americano. Todas as populações da America apresentam esse traço epidermico, mesmo assim, profundamente variado, de povo a povo, de tribu a tribu, em virtude da miscegenação que, entre elas, de velha data, se processou.

A miscegenação vem refletir-se nas nuances produzidas na pigmentação, que podem variar do amarelo acinzentado escuro ao amarelo oliva ou palido. A côr amarela, assim como os cabelos direitos, comuns a grande numero de tribus, mas não a todas, segundo DENIKER, aproxima os americanos dos

mongóis e malaios, enquanto que outros caracteres, como o nariz proeminente, sempre convexo e os olhos direitos, os afastam, sensivelmente, daquelas raças.

A variedade de tons na pigmentação, acompanhada de desigualdades facilmente observáveis ao critério da antropologia, terá concorrido seguramente para a confusão que vai sendo feita na maneira de definir povos e raças, confusão que levou um claro espírito como JEAN BRUNHES, (Cf. *Races*, Paris, 1930, pag. 5), a assegurar "Peuples et races ne sont pas à coup sur même chose".

Na America, porém, essa continuidade de elemento assinalando a pigmentação e entrosando-a a troncos bem definidos e diferentes dos grupos raciais europeus, foi sempre o melhor material escolhido pelos antropólogos e etnógrafos, para compreender a explicar, sem fantasias geradas em velhas crenças religiosas, a presença das populações aborígenas em nosso continente.

* * *

O povoamento da America efetuou-se por obra de migrações, que se devem ter realizado na época quaternária (Cf. *Les Races et les Peuples de la Terre*, pg. 628 — DENIKER, Paris, 1926). E estas migrações fóra de qualquer dúvida foram efetuadas quando o homem já havia dominado os elementos,

sinão totalmente, pelo menos em proporção que lhe permitisse afrontar em barcos frágeis o terror da onda e o medo do infinito, que o mar sugere.

Não podem ter sido obra de períodos mais velhos da historia da terra, porque neles o homem se achava desaparelhado de elementos ou instrumentos para dominar a natureza e, entre estes elementos, o mar foi aquele que maior resistencia sobre ele exerceu.

E seria irrisorio apurar unidades de etnias entre povos afeitos tão cedo ás lides do mar, como não se explicaria que, com a fixação na nossa terra, as circunstancias do meio fisico determinassem modificações profundas na sua estrutura, alterações sensíveis na sua morfologia. O homem foi aqui, respeitadas as influencias mesologicas, o mesmo sêr emigrado da Mongolia, da Malaia ou da Polinesia. E esta certeza se obtém á luz dos elementos linguisticos, antropologicos e etnologicos, que estudam ou explicam o homem na America. "L'appartenenza; escreve BENIGNO FERRARI, em *Della natura della lingua Qhexwa* (Cf. T. II, pag. 245 de Actos e Trabajos Cientificos del XXV Congresso Internacional de Americanistas, Buenos Ayres, 1934), di molté genti americane alla razza mongolica, del resto, é un fatto ormai fuori di discussioni; il passaggio dall'Asia orientale all'America attraverso lo stretto di Behring, é pure accettata dai piú autorevoli americanisti, quindi la linguistica ora verrebbe a raffor-

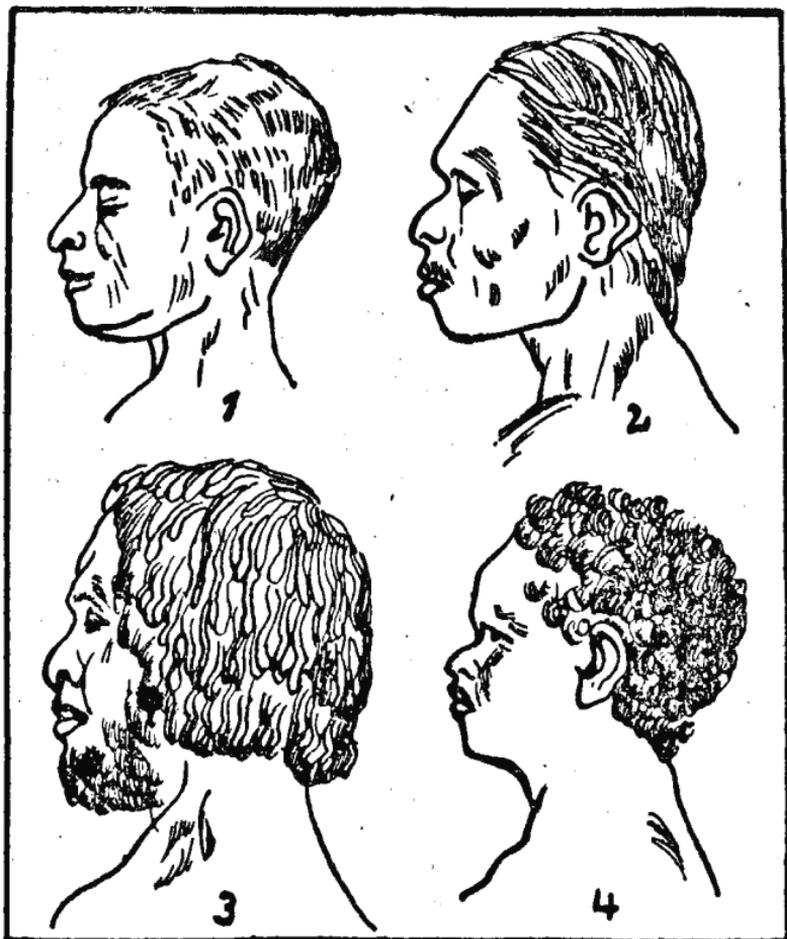
zare con le sue conclusioni, quelle degli antropologi ed archeologi già emesse nella stessa direzione e ben note ai competenti ai quali si dirige questo saggio di ricerche che stó compiendo su alcune lingue sud-amicane”.

Esta certeza de que o homem americano vem do tronco amarelo, já inspirava a DENIKER (Cf. *Les Races et les Peuples de la Terre*, pg. 650) o conceito de que “Les peuples qui composent le groupe Maya paraissent être venus aux temps pos-quaternaires (par mer?) et avec une civilisation déjà assez avancée dans le presque-ile de Yucatan. De lá ils se repandirent dans le Guatemala et les régions environnantes du Salvador et du Honduras, où ils forment encore aujourd’hui la masse principale de la population”.

E ainda a convicção de que esse homem que povôa a America não descende de um tronco só, nos vem da desigualdade de monumentos (15) que a arqueologia conserva. Observando os documentos arqueologicos das Americas do Norte e Centro, verifica-se a diferença, a desigualdade de cultura dos homens que ali primeiramente apareceram. A oeste das montanhas Rochosas, p. ex., já não existem

(15) A palavra — monumento — a empregamos sempre com o significado que a arqueologia lhe dá: qualquer objeto, resto, pedra, coluna, frontal, cousa em condições de possibilitar um estudo, numa reconstrução do passado.

mounds, que são substituídos por outros monumentos, construções em pedra e habitações trogloditas, escavadas nas rochas, construções que evidentemente foram trabalho de outros homens.



Fatores da miscigenação americana: 1.º Indígena da Nova Guiné; 2.º Insulino da ilha de Tond, estreito de Torres; 3.º Tasmaniano adulto; 4.º Tasmaniano joven.

(D'après Deniker).

Nos grandes vales do Rio Grande do Norte, do Colorado, do São João, estradas para o golfo do Mexico, a arqueologia apresenta aos estudiosos monumentos evidentemente feitos por povos, que devem ter sido os troncos das tribus *Moqui* e *Zuni* e de outros primitivos povoadores dos *plateaux* do Arizona, do New Mexico, etc. Já em região mais distante, além do territorio da Costa Rica, BRINTON, por exemplo, estudando zonas de cultura diferente, explica que a fronteira politica desse paiz é o limite ethnologico da America do Sul. Na afirmação do eminente americanista, outros homens tiveram a responsabilidade do primitivo povoamento daquelas terras.

Mas é o momento da contribuição trazida pelos fatores linguisticos alterar o conceito de BRINTON. E os trabalhos do sabio PAUL RIVET, de CYRUS THOMAS e J. R. SAWANTON, entre outros, são exponents chamados a fixar a indicação de nova linha de povoamento, linha que, a partir do ponto em que a fronteira de Honduras toca o golfo ou bahia do mesmo nome, faz a fronteira linguistica projectar-se para sudeste, em linha quasi direta, procurando o ponto mais oriental do lago de Nicaragua e, infletindo dahi na direcção do sul, até o fundo da bahia de Nicoya. Todas as terras que se encontram a éste desta linha irão pertencer ao dominio linguistico e provavelmente ethnico da America do Sul, vindo a constituir, sem discrepancia, povos

de origem diversa, produto de migração diferente, a migração que se efetuou pelo extremo meridional do continente, segundo a teoria desenvolvida pelo eminente americanista.

Neste setor da etnografia americana, é inegável a importancia da contribuição trazida pelos elementos linguisticos, entrozados á contribuição da ar-



Cultura de "mounds-builders" — De Nadaillac e C. Thomas.

queologia, através da antropologia, da etnografia e de outros elementos igualmente auxiliares dos estudos americanos.

No seu magnifico e valioso trabalho "*Estado actual del Estudio de las Lenguas Indigenas, Buenos Aires, 1936*" o doutor ANTONIO PORTNOI, escreve á pag. 178 "El desenvolvimento realizado por RIVET de las correlaciones de grupos linguisticos de nuestro continente con otros grupos de Oceania ha sido

robustecido por abundantes pruebas etnograficas, antropologicas, etc., expuestas por el mismo RIVET y por SERGI, KOPPERS, GUSINDE, LABELZETER, FRIEDERICI, IMBELLONI y otros autores. De los estudios del eminente autor frances se desprende que el camino metódico que debe seguirse no es ya la búsqueda desordenada y simultanea de analogias linguisticas



Grupos de "mounds" sepulcrais. — De Nadallac e O. Thomas.

en toda la extension de America, sino el estudio de aquellos grupos que la etnografia ya nos ha puesto en condición de classificar, sobre la base de su patrimonio mental, del que, em definitiva, forma parte la misma lengua. Por ultimo, las analogias etnograficas y linguisticas deben ser confirmadas por el vinculo racial, revelado por la somatologia".

O fator antropologico, o fator etnografico, o fator arqueologico, o fator linguistico, fornecem, pois,

elementos para afirmar-se que o homem americano é aqui um produto de migração, vindo das terras da Asia e da Oceania.

* * *

Posta a questão nessa equação, de que o homem americano surgiu das velhas terras da Asia e da Oceania, reponta para as necessidades da nossa cultura o imperativo das hipóteses indicadas, unicas que permitirão explicar as origens do homem do Brasil.

Terra de muitas aguas e de grande fartura alimentar, o homem cedo veio viver no Brasil. Aqui se lhe depararam bacias e vales de grandes rios, o maior deles, o Amazonas, suficiente para abrigar muitos povos. Havia mais o imenso litoral, sem costas cavadas, sem enseadas, sem golfos, mas igualmente sem abismos, baixo e arenoso, bom de andar e bonito de ver, litoral onde em todos os logares chovia com fartura, exceção do nordeste, região de quedas pluviometricas irregulares. E ainda o rico planalto central, terra mais antiga do Brasil. Foi nesse territorio, desmesuradamente amplo, que, procedendo de varios pontos, as nossas primeiras migrações apareceram.

— Seriam homens descidos do alto-massiço andino? levas chegadas diretamente de outros continentes distantes? Povos do Orenoco, do Magdalena, das terras remotissimas de onde baixaram os tol-

teca e os *maya* para o Yucatam? Individuos habituados aos ocios sedentarios ou afeitos aos perigos da vida da agua? Tribus alofilas, povos navegadores já no conhecimento da vela? Tripulantes de *planken-boat* polinesicos? Tasmanianos fugindo aos frios intensos do continente Antartico?

Vale refletir e situar o Brasil na geografia da America, para depois ouvir MONTANDON, o grande professor de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris (Cf. *La Race Les Races*, Paris 1933, pag. 189) :

“Un problème qui a vivement excité l'attention ces dernières années est celui de l'existence du type australoïde à l'extrémité sud le l'Amérique du Sud. Si l'on adopte la thèse ologénétique absolue, la constatation du type australoïde ailleurs qu'en Australie est un fait normal, mais nous allons nous placer dans la situation où le peuplement du Nouveau-Monde se serait opéré uniquement par l'effet de migrations venant de l'Ancien-Monde. Comme le problème a été souvent mêlé au problème linguistique des connexions extra-américaines de l'Amérique, nous les évoquerons tous deux, pour bien montrer du reste qu'il pourrait s'agir de deux problèmes distincts”.

Ainda a seguir, MONTANDON desenvolve melhor seu pensamento. “Si donc les parlers en question ne se sont pas avancés de proche en proche, c'est qu'ils ont abordé l'Amérique par mer. Il n'est peut-

être pas nécessaire de demander aux géologues partisans de WEGENER si le passage d'Australie à la Terre-de-Feu, par l'Antarctique, fut encore possible il y a quelque mille ans, ou si le mouvement d'harmonica que JOLEAUD veut imprimer à l'Amérique l'a suffisamment rapprochée à cette époque pour permettre d'enjamber le Pacifique. Les géologues nie-raient ces possibilités et l'on est obligé de se dire que Polynésiens-Papouasiens et Australiens usèrent de la navigation par voie directe.

De la part des *Polynésiens*, cela ne devrait pas étonner. Les Polynésiens sont des navigateurs hors ligne et l'étaient autrefois peut-être encore plus qu'aujourd'hui. L'influence polynésienne, du point de vue ethnographique, sur les tribus de la côte canadienne du Pacifique (Tlinkit, Haïda, etc.) est un phénomène connu; on a des raisons de croire que ces tribus amérindiennes possédaient autrefois le canot à balancier, création malayo-polynésienne par excellence. Les Polynésiens ont donc abordé l'Amérique du Nord et l'on peut parfaitement concevoir qu'ils aient laissé plutôt des vestiges ethnographiques sur la côte canadienne et plutôt des vestiges linguistiques sur la côte californienne."

Esclarecido assim, em parte, o problema do homem da America, Montandon não chega a explicar a presença do sêr humano, em diferentes grãos de civilização e em varias regiões do nosso continente, pela altura do tempo em que as caravelas de

Hespanha e Portugal nos encontraram. Reconhece, apenas, que ele veiu.

Ouçamos outras vozes.

O eminente antropologo MENDES CORREA refere que os australianos teriam passado da Australia á Terra do Fogo, pelo continente Antartico, em virtude da conexão antiga desta terras, segundo o geologo WEGENER, e da existencia de um clima diferente, que permitiria viver, ou, pelo menos, utilizar a Antartica, como territorio de transito. E' uma hipóteze perfeitamente aceitavel, diante das afirmações da geologia, muito bem construida, facil de convencer a quem acompanhe, diante de um mapa, a marcha dos polinesios, atravez dos esclarecimentos fornecidos pela linguistica e pela antropologia.

MONTANDON é chamado novamente a esclarecer melhor o seu ponto de vista, pag. 195 da obra citada: "Certaines îles de la Polynésie témoignent, par les ruines de monuments cyclopéens, d'une civilisation plus développée et plus puissante que celle des insulaires actuels; c'est le cas, en particulier, de l'île de Pâques, isolée en plein océan, á distance à peu près égale d'autres îles polynésiennes et de l'Amérique. Cependant, aucune preuve ne peut être donnée d'un changement de la population, de sorte que les constructeurs des monuments cyclopéens doivent avoir été les ancêtres directs des Polyésiens. Ces monuments, ainsi les colossales statues de l'île de Pâques, présupposent une organisation sociale avec des direc-

teurs de travaux, des sculpteurs et des manoeuvres. Ces derniers étaient vraisemblablement des esclaves. Or, plutôt que d'en prendre parmi eux-mêmes, pourquoi les Polynésiens, comme d'autres peuples, ne les auraient-ils pas cherchés parmi leurs voisins plus frustes? Pour ces excellents navigateurs polynésiens, ce devait être un jeu de se rendre en Australie, et la conclusion à en tirer est la suivante: *les Australiens ont navigué jusqu'à l'île de Pâques et jusqu'en Amérique sur les pirogues polynésiennes et ils y auraient pris place en qualité d'esclaves.* Les Australiens sont en effet, par rapport aux Polynésiens, exactement dans la même situation physique et intellectuelle d'infériorité que les Nègres nilotiques par rapport aux Abyssins, qui font de ceux-là des esclaves. Les Polynésiens de la périphérie peuvent fort bien avoir recruté des Australiens en Nouvelle-Zélande, si ceux-ci y ont habité autrefois (les Maori ou Polynésiens de la Nouvelle-Zélande sont dolichocéphales par opposition avec le gros des Polynésiens, et ont des cheveux plus bouclés que ceux de ces derniers), et sur la côte voisine de l'Australie. (16).

(16) Nota de La Race Les Races:

“Depuis la première publication de notre supposition tout hypothétique, les descentes de Polynésiens en Nouvelle-Galles du Sud, c'est-à-dire en face de la Nouvelle-Zélande, ont été prouvées par la découverte d'instruments lithiques en quelques points de la côte; voir *Fürer Haimendorf dans Anthropos 1932*”.

Les Polynésiens allaient vraisemblablement chercher les matériaux nécessaires en Amérique, sur la côte occupée par les Tchono et les Fuégiens (plus au Nord, les Amérindiens à civilisation supérieure s'y seraient plus facilement opposés). Au déclin de la civilisation polynésienne, quelques Australiens seraient restés sur la terre américaine; ou peut-être, avec l'aide éventuelle des Fuégiens, se sont-ils soulevés un jour. Ils auraient ainsi fondé une colonie australienne, tout fondue somatiquement et socialement dans la masse fougienne, mais qui aurait transmis partie de son vocabulaire.

Ce qu'on sait de la craniologie de l'île de Paques ne parle pas contre cette hypothèse. Il n'est que d'examiner une collection de crânes pasqualiens, comme celle du Muséum de Paris, pour se convaincre de l'extension du type australoïde à travers le Pacifique."

E ainda a palavra de RENÉ VERNAU, (Cf. *Les Anciens Patagons-Contribution à l'étude des races Précolombiennes de l'Amérique du Sud* — Monaco, MCMIII — pag. 364): "Em resumé, le peuplement des contrées australes de l'Amérique s'est effectué par voie de migration. Les deux groupes ethniques numériquement les plus importants que nous avons trouvés en Patagonie se rattachent très étroitement aux vieilles races dont les ossements gisent dans

les anciennes cavernes du Brésil. L'une de ces races tout au moins, celle de Lagoa Santa, s'est perpétuée sur place, ainsi que le prouvent les caractères céphaliques des Botocudos, des Goytacazes et des Coropos. Mais, à un moment donné, une partie de ses descendants a émigré dans différentes directions et l'une des branches de la migration a fini par atteindre les régions situés au sud du Rio Negro. Il en a été de même pour les éléments brachycéphales dont la route est jalonnée par de nombreux petits groupes qui se sont arrêtés en chemin.

D'autres courants sont partis des hauts plateaux des Andes et même du versant du Pacifique. De ce côté, les voies de communication étaient moins faciles et le nombre des émigrants venus du nord-ouest s'est trouvé, par suite, beaucoup plus restreint.

Arrivés en Patagonie, tous ces éléments se sont amalgamés dans une certaine mesure, des mélanges se sont opérés et le milieu a fait sentir son action sur les nouveau-venus; mais aucune de ces causes n'a été suffisante pour faire disparaître entièrement les différences originelles. A défaut d'histoire et de traditions, l'anthropologie nous a permis de reconnaître des races bien distinctes dans les débris que les vieilles sépultures ont livrés aux explorateurs et d'apporter un peu de lumière au

milieu d'un chaos qui, à première vue, paraissait inextricable."

Perto de nós, na Argentina, estudando com um grande amôr essas questões, IMBELLONI, referindo-se aos *Ona, Haush, Iagana e Alacaluf*, da Terra do Fogo, em "Culturas Indigenas de la Tierra del Fuego", vol. I da "Historia de la Nacion Argentina", pag. 651, Buenos Aires, 1936, chegou á conclusão de que, em relação aos dois grandes grupos indigenas que a povoam, "Los indios pedestres de la Tierra del Fuego y los indios conversos sonen resumen-grupos raciales independientes uno del otro, cuya historia somatica se formó lejos del habitat actual. Ambos representam el afecto de una segregacion mecanica en el extremo de las tierras habitadas, pero, es evidente que la prioridad cronologica responde a los canoeros. Estos, junto con los habitantes de la costa maritima brasiliana y los prehistoricos de Arica y Coquimbo, constituyen los ultimos superstites de una formacion humana tasma-noide que subrió un tiempo gran parte del continente".

Vemos assim se defrontarem, no povoamento do Brasil, asiaticos e polinesicos, estabelecendo remotas cruzas, que radicaram na nossa terra a mestiçagem, muito antes dos portuguezes aqui chegar...

Tasmanoides-melano-polinesicos.

E' minha opinião, que estes remotos tasmanianos, a que se juntavam polinesicos, tangidos pelos agrestes invernos do sul, teriam subido á procura de regiões temperadas, de menor frio e mais farto sustento. E chegados á America, descreveriam essa magnifica linha ascendente deixando para traz as planicies geladas da Terra do Fogo, vindo á procura de meio mais brando e compativel com as condições do sêr humano. Traziam de mistura elementos emigrados da Australia, egressos das pradarias e desertos, fugidios e errantes. Uns e outros, batidos pelos mesmos infortunios, rumaram pelo Antartico até alcançarem os climas melhores da America do Sul.

Mas para chegarem até lá, as estradas percorridas foram confusas e ofereceram embaraços quasi intransponiveis. Penso que dois grupos tasmanoides-melano-polinesicos devem ter enfrentado a travessia, com o animo de vencer as distancias. Um deles, o mais oriental, talvez tomando como deslizador as aguas da corrente marinha que tem o nome de Corrente-Australiana Oriental, prosseguiria pela Contra-Corrente Equatorial que faz seu percurso na latitude do Equador, dirigindo-se de Oeste para Leste e bifurcando-se na altura da Colombia, de onde se distende um braço que vae banhar as costas da America Central, descendo o outro na direção do Perú. Este foi o grupo de predominancia melanesica (vide



Etnografía sul-americana. — Joven india Itamanakar
Hipa, fueguina — Yagana. Talhe. 1m40; índice
cefalico, 79,7. — Foto Mission Sc. Cap. Horn.

(D'après Deniker)

MONTANDON), emquanto aquele que conduziria as levadas batidas do sul da Australia, da Polinesia e da Tasmania, tomaria a Corrente Australiana do Sul, aproveitando os ventos favoráveis que sopram na região durante o mez de julho, passaria a navegar na Contra-Corrente Antartica e, facilmente, alcançaria o continente deste nome que, por esses tempos recuados, ainda não oferecia as condições de congelamento atuais. Do Antartico, sem maiores empecilhos, seria atingida a Terra do Fogo pelas ilhas que a circundam, das quaes a ascensão pelo nosso continente se tornaria apenas uma caminhada realizada por faceis etapas, embora demoradas, ao sabor das necessidades de aclimação dos grupos e do seu desenvolvimento em familias.

O sabio RIVET, estudando as linguas faladas por diversos grupos indigenas da costa ocidental da America, justamente as que se fundaram com os elementos vindos da Melanesia, pôde comparal-as com diferentes grupos da costa oriental brasileira, os *botocudo*, p. ex., tirando da similitude de raizes filologicas e da confirmação de dados antropologicos, nesses dois povos, seguras ilações sobre o tronco comum. RIVET, entretanto, oscila diante da insuficiencia de meios de locomoção daqueles tempos. Si nos ativermos, porem, ao uso e desenvolvimento dos *planken-boats*, canoas polinesicas descritas, recentemente, por etnologos alemães, verifica-

remos a possibilidade de se terem dado as migrações.

Os *planken-boats* são embarcações construídas com grandes taboas preparadas a fogo e a machado lítico, oferecendo maior área e resistência do que a *dalca*, que dela se originou. Tão perfeitos, e avançados, como meio de transporte marítimo, se apresentavam, que FINSTERBUSCH, (Cf. *Las Dalcas de Chiloe y los Chilotes*, Santiago, 1934, pg. 4) observando-as, escreve que, "para tel-as inventado, fazia-se preciso uma preparação mental idêntica a dos Vikings", que o mesmo autor considera os construtores navaes mais avançados do mundo. O *planken-boat* era impellido a remo, e a vela de couro, as mesmas velas utilizadas mais tarde pelas *dalcas* pre-hispanicas.

Com o *planken-boat*, foram feitos pelos povos oceanicos as longas travessias, ficando para a *dalca* a difusão pelo litoral, na conquista do continente.

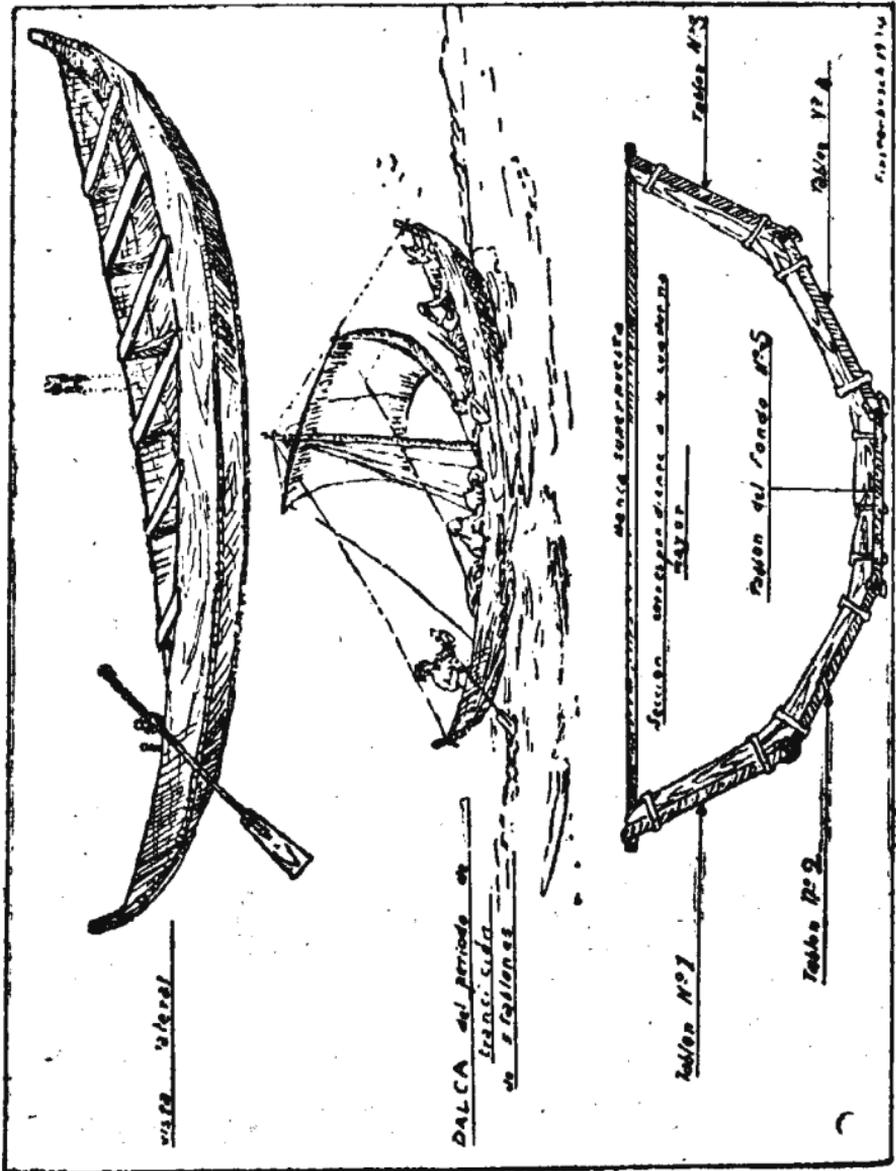
Viajando nos *planken-boat*, mais pesados e mais amplos, sentiram os oceanicos a necessidade de construir barcos leves e ageis para suportar as travessias de pouco vento e aguas paradas, comuns no meandro de bacias, enseadas, golfos e estreitos da Terra do Fogo. Foram assim pouco a pouco modificando o tipo primitivo até o simplificarem na *dalca*, *skiff* de madeira costurado com fibra, encontrado em uso, no lado americano do Pacifico, por

ULLÔA, em sua viagem de exploração ao estreito de Magalhães, em 1553, e justamente entre os Chono.

A extranha embarcação, de capacidade e estrutura perfeitamente absurdas para o navegador europeu, que tripulava as admiráveis galeras do século XVI, foi vista, pela primeira vez, no Golfo dos Coroados hoje de Reloncavi e, a primeira referência que lhe é feita, se encontra na narração deixada por GOICUETA sobre a viagem de CORTÉS OJEA, em 1557-1558. GOICUETA diz que as avistara em "muchas cantidades" e que elas eram igualmente usadas pelos naturaes do Golfo dos Coroados e do Cabo dos Tres Montes.

Como a *dalca* haja exercido um grande papel na historia da conquista do nosso continente, porque seria nela que esses remanescentes tasmaoides-fueguinos viajavam, vale a pena conhecê-la em seus detalhes. Constituia um perfeito bote de tres taboas, (tipo anterior á influencia européa), uma fazendo de fundo e as outras de lados, todas costuradas com resistentes cordeis feitos de fibra. Dela deixou o padre ROSALES a seguinte descripção, detalhada e convincente: "Las fabrican de sólo tres tablas cosidas y cortan las tablones del largo que quieren la piragua y con fuego y unas estaquillas las van encorvando lo necesario para que hagan buque, popa

y proa, y el uno que sirve de plan levanta la punta de adelante y detrás más que los otros para que



1.º — Dalkas prehistóricas em uso no Pacífico no sec. XVI

tados; con que forman um barco largo y angosto, juntando unas tablas con otras y cosiendolas con la corteza de unas canas bravas que llaman *culen*, machacadas de que hacen une soguillas torcidas, que no se pudren en el agua. Y para coser las tablas abren con fuego unos agujeros en correspondencia y despues de cosidas las calafetean con unas hojas de arbol llamado *fiaca* ou *meoca* que son muy viscosas y le sobreponen corteza de *maqui*, y de esta suerte hacen piraguas capaces para doscientos quintales de carga. Llevan uno en la popa que la gobierna con una pala ou canaleta y ocho o diez remeros y uno que va siempre dando a la bomba o achiando con una batea porque siempre hacen agua. Cuando hay viento favorable, tienden una vela, a vela y remo vuela sobre las espumas sin que la ofendam las hinchadas olas de aquellas tempestuosas mareas”.

* * *

Os mongois.

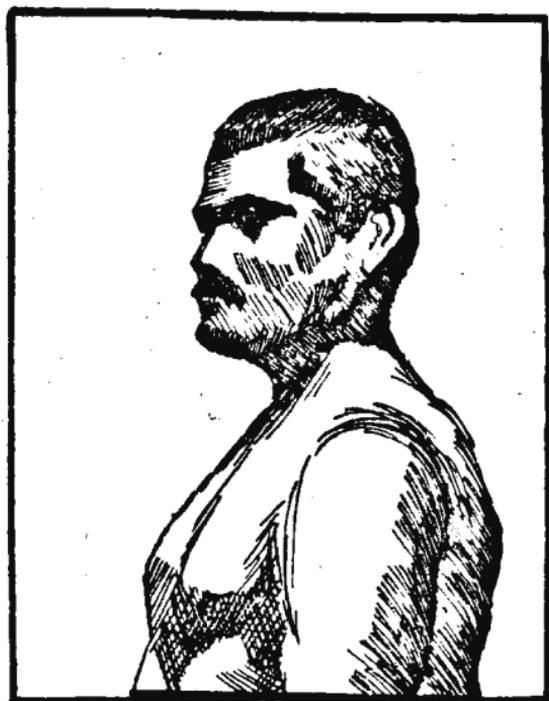
Outras levas, novas migrações, provindas de troncos diferentes, desceriam mais tarde do centro da Asia, em direção a America, tomando um sentido norte-oriental. Eram os mongois, de velhissimas raizes no continente, que sairiam, por sua vez, em caminhadas compactas, demandando as

regiões de florestas da zona temperada, fugindo ás tundras, procurando o litoral, na direção que leva ao estreito de Béring.

Na extensa e demorada peregrinação, fizeram das ilhas Aleutas uma ponte para facilitar a travessia e atingiram os territorios do Alaska e do Canadá. Os mongois por esse tempo já eram senhores de extensas regiões da Asia e refluiam de suas terras, á procura de outras mais fartas, conduzindo sobre os hombros os seus escassos bens. Viajavam por terra, descendo o curso dos rios, evitando as esteppes, refazendo-se nas zonas de mata, onde se abasteciam, abatendo os animais cuja pele aproveitavam para se defenderem do frio. Antecipavam-se, na asperesa da luta contra o destino, aos seus irmãos, outros amarelos, que muitos seculos depois, já em pleno apogeu da epoca historica, calamidades diferentes jogariam sobre as terras do oriente europeu.

As viagens dos mongois foram facilitadas pelo fenomeno dos congelamentos eventuais do quaternario e, da marcha executada por esse povo, no velho continente, veiu servir de prova, milhares de annos mais tarde, o encontro dos "kurganes", tumulos antigos da Siberia, examinados, minuciosamente, em nossos dias, pelo archeologo e antropologo HRDLICKA, actual diretor do Museu Nacional de Washington.

Da migração realizada pelos mongoes, poucas duvidas conservam os etnologos. A similitude de culturas, a aproximação do tipo humano do asiatico com o de varios povoadores da America Setentrional e Ocidental, tambem visivel em alguns tipos mon-



Etnografia americana. — Indigena mixteco.
(Col. Mus. Hist. Nat.)

goloides do Brasil, permitem vêr-se nessas velhas caminhadas a porta por onde entraram as primeiras levas de povoadores dessa imensa zona continental.

Ha uma perfeita demarcação de zonas de penetração, desses dois grupos maiores, o que parte da

Mongolia e o que vem pelo caminho austral reunindo os elementos da Polinesia. Aceitando a fronteira politica do norte da Costa Rica, como limite etnografico da America do Sul, reconhece-se implicitamente esta verdade remarcadora da zona de dispersão de oceanicos e asiaticos. Bem razão tinha D'ORBIGNY, em sua primeira tentativa de compreensão dos povos da America (Cf. *L'Homme americaine sous les rapports physiologiques et moraux*, Paris, 1839), ao dividir as populações da parte meridional do continente em tres grupos, que evidenciam essa dispersão: ando-peruano, pampeano, e brasilio-guarany, subdivididos em trinta e nove ramos nacionaes entre os quaes fez distribuir as respectivas linguas e dialetos, procurando-lhes a filiação em encadeamentos geograficos, por analogias lexicas.

Muito embora daquela epoca para os nossos dias novos elementos marcassem caminhos de classificações mais exatas, mais aproximadas da verdade scientifica, pelo menos aqueles que se fixaram no dominio da linguistica, a distribuição geral de ALCIDE D'ORBIGNY é racional diante do documento humano por elle observado, dentro da escassez de recursos com que a antropologia e a etnologia contavam.

Por outro lado, embora ainda não esteja perfeitamente definida a origem dos primitivos forma-

dores dos *mounds-buildings*, da America do Norte e do Canadá, a que se dava uma antiguidade milenar, nem a das populações proto-historicas do Mexico, não será temeridade ligal-os aos migradores mongois, que em dia que a cronologia não guardou se abalaram das suas terras e vieram aclimatar-se na America.

Ainda hoje o quadro de povos povoadores do norte da America acentua uma profunda desigualdade antropologica, revelando mescla, confusão, mistura de raças, realizada em epocas anteriores á historica. E embora na maioria desses povos não se acentuem as carateristicas dos mongois, não será difficil verificar, no meio deles, pronunciados indicios, mais do que isto, traços rigorosos, a acusar a predominancia deste sangue, que justamente parece ter sido o que maior infiltração sofreu. Talvez conduzido pela necessidade ambulatoria que o sacudiu sobre as terras do norte, o mongol haja descido e se multiplicado, cruzando com os outros povos, chegados ao continente mais ou menos pela mesma epoca, e projectando os seus traços, atravez de misturas em que superou sempre a constituição globular dos seus vasos sanguinios. E nesses cruzamentos não chegou a perder duas ou tres qualidades fundamentais da sua morfologia, ainda hoje acentuadas, apésar das confusões etnicas verificadas entre as populações da America.

A *mancha* mongolica é um signal que está patente no tecido epidermico de milhares de individuos do proprio Brasil, que a teriam recebido pela herança, pelas leis de hereditariedade explicadas por Mendel. Não esqueçamos que o Mendelenismo é hoje a chave para facilitar a compreensão de fenomenos que, ainda ha cincoenta annos, eram apenas interpretados ou compreendidos diante das leis evolucionistas, que subordinavam o homem, directamente, ás influencias do meio.

* * *

Os malaios.

Um terceiro grupo de povos migradores, a meu vêr, uma verdadeira fuga precipitada, que muda de terra em pequenas levas, toma, igualmente, o destino da America. Ela parte do Grande Oceano, vem das ilhas de clima quente, humido e hostil, fugindo aos movimentos teluricos, que sacodem extensa area do Pacifico. Os malaios navegam em barcos a vela de couro, escalam por outras ilhas. Seguem a corrente maritima do Kuro-Siwo que, originada nos mares do Sul da China e da Malaia, se dirige na orientação do Alaska, de onde é compelida pela corrente fria a misturar suas aguas com a Corrente Equatorial do Norte. Comem peixe e sugam o caule das plantas, que lhe mitigam a sêde. Atingem o nosso continente, onde como alimento principal en-

contram o milho (17), dele fazendo seu sustento. Espraiam a vista pelo litoral do Pacifico, do qual tomam posse, descendo até o Perú.

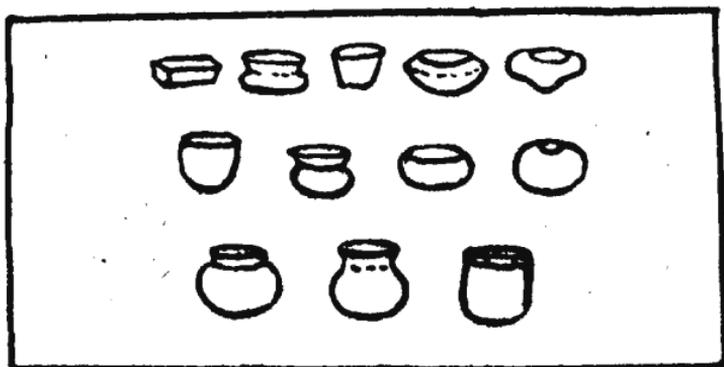
Abandonam o seu tipo de barco, que passa a ser substituído pelo pau cavado, de uso mais tarde comum entre as tribus da America, muito mais resistente, construído em madeira rija e que, entre os *tupi*, tomou o nome de igara. Depois internam-se, em varias direções, pelo Continente. Adatam-se á terra. Tomam as designações confusas com que irão, em levadas sucessivas, povoar e cruzar com os mongoes os vales dos grandes rios interiores, de onde subirão em periodo mais proximo de nós os caminhos e desfiladeiros que levam ao planalto de Anáuac.

Descendentes de mongois e malaios serão os povos que, fixados ha centenas de annos na nova terra, esquecidos das suas antigas tradições, inteiramente absorvidos pelo ambiente dominador da America, os hespanhois irão encontrar na primeira metade do seculo XVI. As reminiscencias do ultimo dos Montezuma são claras neste sentido. Interpelado pelo venturoso Cortez, ele responde que seus ancestrais tinham vindo de longas terras do norte

(17) O milho era conhecido, no mar das Antilhas e nas terras do isthmo, pelo nome de *maïs*; entre os *Tupi-Guarani* e outras tribus do Brasil, davam-lhe o nome de *abati*.

de onde eram originários. Apenas, não explica que haviam chegado há dezenas de séculos e que, no novo ambiente, teriam atingido uma adiantada civilização, muito semelhante àquela das terras remotas dos seus avós, na Ásia e nas ilhas do Pacífico.

A tradição era bem pouco viva na memória desses azteclas, que quasi nada sabiam contar de suas velhas origens. Não tinham uma cronologia

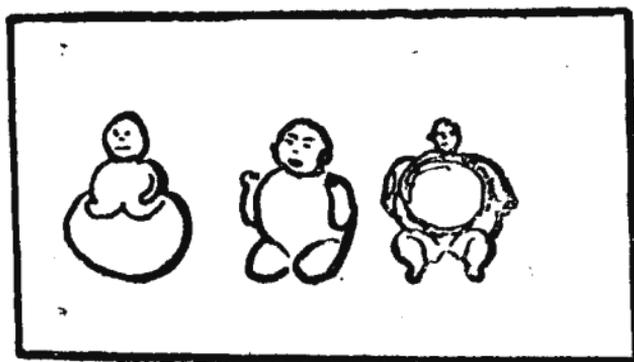


Cultura dos "mounds-builders". Peças de utilidade doméstica de Cerâmica dos "mounds" do Mississalpe.

(D'après Holmes).

certa para narrar os feitos da sua própria e adiantadíssima civilização. Estavam como esses povos dos vales americanos, os "mound-builders", p. ex., que deixaram os *mounds* sem roteiro, cronologia ou história. Aliás, talvez fossem do mesmo grupo, ramo que se adiantasse e atingisse á alta cultura do planalto. Tendo alcançado uma região de clima equilibrado, terras férteis, eles que ao partirem das

ilhas, tundras e taïgas (18) de origem, haviam domesticado os animaes, puderam cultivar a agricultura, desenvolver as plantações de milho, que para o indigena era o pão, a bebida principal (cerveja de milho, *chicha*), o legume, a planta forrajeira, etc., cultivar a coca, o cacau, a mandioca, o algodão, a quina, plantas alimenticias de importancia reduzida como feijões, tomates, algumas tuberosas e



Cultura dos "mounds-boulders". Grupo de prováveis ídolos. Peças de cerâmica dos "mounds" do Mississipi.

(D'après Holmes).

solanaceas, etc.; no massiço andino, souberam domesticar a llama e a alpaca, entre os poucos animaes de grande porte, e o cachorro, o coelhinho da India e algumas aves. Igualmente fizeram extrair certos metaes. Trabalharam o ouro, a prata, o cobre, utilizando-os em varias serventias.

(18) Taïgas, florestas septentrionaes.

Já não eram puros de cruzamento ao descerem do Mexico, para o istmo e para o cabeço do planalto andino. Basta relacionar as varias tribus que rumaram para o planalto em epoca de facil verificação historica. Tanto os Otomecas, como os Olmecas, Mixteco-zapotecas, Totonecas, Tarascos, Acolhuas, Toltecas, Azteclas, propriamente ditos, seriam o produto de ibridismo, tipos de fermentação de povos cujas raizes devem ser procuradas no continente asiatico e nas numerosas ilhas do Pacifico.

Aliás, a propria civilização *maia*, que foi a mais importante de quantas se formaram no continente, antes da chegada do europeu, constitue um elemento de miscegenação altamente consideravel, a projetar-se por larga extensão da America. O professor RODRIGO DE TRIANA, das universidades de Guayakil e de Quito, em estudo firmado sob o titulo *El arte maya en la isla de Pascua*, (Revista Municipal de Guayakil, abril de 1937), escreve a proposito, embora chegando a conclusões que não perfilho: "La civilizacion Maya, nascida luego de una larga evolucion al sur de Mexico y en Guatemala, extendió un brazo hacia el norte, poblando la costa de California, cuando aun no aparecian los precursores de los aztecas, y hacia el sur, fué captando por toda la costa del Pacifico, especialmente Ecuador y Perú, hasta Chile".

Seguramente, não pudemos ainda dizer das origens certas desse grupo cuja irradiação RODRIGO DE

TRIANA acompanha através de zona tão extensa do continente, mas se nos defrontarmos com o problema dos Chibchas e dos Quechuas, para não argumentar sinão com os de maior adiantamento cultural, chegaremos a uma certa compreensão sobre a velha mistura que esses grupos raciaes incorporam. Já hoje uma perfeita identificação de dialetos permite reunir, sob um mesmo parentesco, grupos disseminados em amplas areas territoriaes. "L'identification des dialectes a permis de réunir sous une même dénomination, des groupements fort éloignés les uns des autres et de rattacher aux Chibchas du plateau de Bogota en Colombie, certaines tribus équatoriennes, les Cunas de la province d'Antioquia, les habitants du Chiriqué (Panamá) et jusq'aux Guétares du Costa Rica", conforme escreve RAOUL D'HARCOURT, Cf. "Les civilisations Disparus-L'Amérique avant Colombe", Paris, 1925, pg. 21, palavras perfeitamente compreensivas, denunciadoras dessa miscegenação. Taes populações, como os Quéchua, os Araucano e varias tribus do Brasil, são productos que acusam pronunciada mistura sendo que os ultimos evidentemente estão ligados ás migrações de polinesicos e tasmanianos.

O historiador de "L'Empire Socialiste des Inkas", LOUIS BAUDIN, no capitulo *Les Origines des Indiens Americaines*, traduzido para o castelhana por GUALBERTO ARCOS, em "La Revista Americana", Buenos Aires, julho-agosto, 1937, estudando o esta-

belecimento dos asiaticos e australianos na America, explica: "Esta lenta invasión humana no ha seguido simplemente las orillas del Pacifico, en Sur America, per lo menos. Los grandes centros de civilization en Centro América han radiado en todas direcciones y en fechas diferentes".



Etnografia sul-americana. — Joven caribe da Guiana Holandesa, tambem comuns ao Brasil; frente e perfil.

(Col. Mus. Hist. Nat. Paris)

Chegadas com intervalos mais ou menos curtos ao nosso continente, as raças da Asia e da Oceania desde logo se movimentam, não se detêm na beira do oceano nem no primeiro pouso que o planalto lhes oferece. Internam-se pelas terras, grimpam as montanhas, descem os vales, sobem os cursos dos rios, localizam-se nas regiões de bom clima.

Possivelmente as ribas andinas teriam muito cedo recebido grandes levas, que facilmente ahi se aclimataram e desenvolveram, porque os Andes não tinham a sua climatologia atual. Em tempos remotos, foram menos elevados e deixavam passar nuvens carregadas de agua, refrescando e humedecendo trechos do Perú, atualmente resequidos, onde agora o homem se espanta de encontrar outros homens.

Aliás, este mesmo elemento fornecido pela geologia explica que só em periodo mais proximo de nós, tenha sido a Amazonia povoada. LOUIS BAUDIN esquece que esta é uma terra nova, novissima, de aluvião, cuja formação se elabora aos nossos olhos, quando afirma que primeiramente ela se povoou e mandou para o alti-plano Andino as levas que foram fundar as grandes civilizações.

Nada disto resiste a uma critica, diante da formação daquela bacia fluvial, atualmente ao alcance de qualquer estudioso. Precisamente a sua formação joven garante a teoria de que só tempos depois a Amazonia serviu de *melt-poting* ás tribus atraídas de varias procedencias ao nosso continente.

* * *

Estão ahi expostos os caminhos que a ciencia considera, ao situar o homem na America. A eles procurei trazer a minha cooperação, afirmando que

o *planken-boat* polinesico era o tipo de barco preciso para esses navegadores poderem chegar á America. E afirmando mais que as corrente marinhas não podiam deixar de ser o elemento facilitador dessas navegações.

Agora si fizermos uma referencia á chegada de elementos chins e niponicos ás costas do nosso continente, segundo Beuchat, arrastados em consequencia de naufragios de juncos pesqueiros, isto, aliás, em tempos proximos, teremos detalhado as mais provaveis hipóteses constituidas para explicar o povoamento do Novo Mundo.

Assim, recapitulando, é minha opinião que:

1.º) As maiores migrações se deram pelos dois extremos do continente, subindo pelo Antartico os povos polinesicos — australianos — tasmanianos e descendo pelo estreito de Behering, as levas de mongoes;

2.º) Duas outras migrações, e bem menores, numericamente, ocorreram. Uma foi constituida por grupos de melanesicos e polinesicos, sob o dominio destes ultimos; a outra, veio da Malaia, talvez anteriormente aos polinesicos.

3.º) Chegados á America, asiaticos e oceanicos não se detiveram, procuraram conhecer a terra, bifurcaram-se pelo continente, cruzaram-se entre si, de maneira que, ao chegarem, muitos seculos depois,

os portugueses ao Brasil, já encontraram a nossa terra dominada por uma mestiçagem, na qual não era facil reconhecer grupos puros, inteiramente a coberto de qualquer miscegenação.

4.º) A epoca exata em que essas migrações se efetuaram, não pode ser estabelecida, reconhecendo-se a inexistencia de elementos capazes de permitir uma cronologia certa.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ADAM (Lucien) — Etude sur six langues americaines — Paris, 1878.
- 2 — AMEGHINO (Florentino) — La Antiguedad del hombre en el Prata — Buenos Ayres, 1880.
- 3 — ANGYONE COSTA (J) — Introdução á Arqueologia Brasileira — São Paulo.
- 4 — ANGYONE COSTA (J) — Civilisaciones pre-Colombianas en el Brasil — Rev. Geo. Am. — Buenos Ayres, 1935.
- 5 — ANGYONE COSTA (J) — A ilha da Páscoa no caminho das migrações Americanas — Rio, 1934.
- 6 — BOULE — Les Hommes fossiles — Paris, 1923.
- 7 — BIASUTTI (R) — Studi sulla distribuzione dei caratteri e dei tipi antropologici — Memorie Geografiche, — Firenze, 1912.
- 8 — BEUCHAT (H) — Manuel de l'Archeologie Americaine — Paris, 1918.

- 9 — CARVALHO (Alfredo) — Prehistoria Americana — Recife, 1910.
- 10 — CHARMAY (Desiré) — Cités et ruines americaines — Palenque.
- 11 — CASO (Alfonso) — Reading the Riddle of Ancient Jewels — Reprinted from Natural History (The Journal of the American Museum of Natural History) — Vol. XXXII, — New York, 1912.
- 12 — CHARLOT (Jean) — Los Bajo Relieves del Templo de los Guerreros — Inst. Carnegie — Washington, 1931.
- 13 — CIPRIANI (Lidio) — Sobre Inscripciones Rupestres de Africa. — Rev. Geo. Amer. — Julho — Buenos Ayres, 1936.
- 14 — DENIKER (J) — Les Races et les Peuples de la Terre — Paris, 1926.
- 15 — DE NADILLAC — L'Amérique pre-historique — Paris, 1883.
- 16 — D'HARCOURT (Raoul) — Les Civilisations disparus — L'Amérique avant Colombe — Paris, 1925.
- 17 — FINSTERBUSCH (C. A.) — Las Dalcas de Chiloe y los Chilotes — Santiago, 1934.
- 18 — FEBVRE (Lucien) — La Terre et l'Evolution Humaine — Paris, 1922.
- 19 — GOURY (G) — L'Homme des Cités lacustres — Paris, 1932.
- 20 — GUSINDE (Martin) — Los Onas o Selk'Nam de la Tierra del Fuego — Extracto de la obra: "Die Fernerland Indianer", por el Dr. Aureliano Oyarzun, Director del Museo H. N. de Chile — Santiago, 1933.
- 21 — GARCILAZO DE LA VEGA — Historia de los Incas.

- 22 — HRDLICKA (Ales) — Early Man in South-American Bureau of American Ethnology, Bull. 52 — Washington, 1912.
- 23 — HADDON (A C) — The Races of Man and their distribution — Cambridge, 1924.
- 24 — IMBELONI (J) — Culturas Indigenas de la Tierra del Fuego — Buenos Aires, 1936.
- 25 — JACQUEMART (A) — Les merveilles de la ceramique — Paris, 1868-1879.
- 26 — KLAATSCH (H) — Die Aurignac — Rasse und ihre Stellung im Staumbaum der Menschheit — "Zeitschrift für Ethnologie" — 1910.
- 27 — KATZER (Dr. Friedrich) — Geologia do Estado do Pará — in Bol. Mus. Par. — Belem, 1933.
- 28 — KILDER — (Dr. A V) — Los Mayas de la Region Central de America — (Inst. Carnegie de Washington), 1934.
- 29 — LA BLACHE (Vidal) — Principes de Geographie Humaine — Paris, 1912.
- 30 — LUNARI (Monsenhor) — El Macizo Colombiano — Rio, 1934.
- 31 — LUNARDI (Monsenhor) — La vida en las tumbas — Arqueologia del macizo colombiano — Rio, 1935.
- 32 — LANARI (Cassio U) — Ossadas humanas fosseis.
- 33 — LESPAGNOL (G) — Geographie Generale — Paris.
- 34 — LANDA (Diego de) — Relacion de las cosas de Yucatan.
- 35 — MORRIS (Ann Axtell) — Las pinturas del Templo de los Guerreros. (Inst. Carnegie de Washington) — 1931.

- 36 — MORDINI (A) — Un Manuscrit de 1690 sur la Guyane Française par le Jonkheer L. C. van Panhuys, etc. — "Sonderabdruck aus den Verhandlugen des XXIV. Internationalen Amerikanisten — Kongresses Hamburg — 7. bis. 13. September, 1930.
- 37 — MORDINI (A) — Les cultures précolombiennes du Bas Amazone et leur développement artistique — Sonderabdruck, idem, idem — Hamburg, 1930.
- 38 — MORRIS (Earl H.) — El Templo de los Guerreros (Inst. Carn. Wash.) — 1931.
- 39 — MORGAN (Jacques de) — L'Humanité préhistorique — Paris, 1933.
- 40 — METRAUX (Alfred) — La Religion des Tupinamba — Paris, 1928.
- 41 — MENDES CORRÊA (A A) — A posição do esqueleto de Combe Capelle — Porto, 1933.
- 42 — MENDES CORRÊA (A A) — Hommo — Coimbra, 1926.
- 43 — MENDES CORRÊA (A A) — Da Biologia á Historia — Porto, 1934.
- 44 — MONTANDON (George) — La Race, Les Race —
- 45 — NORDENSKIOLD (Erlan) — Exploration Scientifique au Perou et en Bolivie — Bul. Soc. Geog. Paris, n. 5 — Paris, 1905.
- 46 — NETTO (Ladisláo) — Investigações sobre a arqueologia Brasileira — Arch. Mus. Nac. n. VI — Rio, 1885.
- 47 — OROSCO y BERRA — Historia antigua y de la conquista de Mexico, 1875.
- 48 — OBERMAIER (H) — El hombre fossil — Madrid, 1925.
- 49 — OYARZÚN (Aureliano) — Cultura aborígen de Chiloe — Santiago, 1935.

- 50 — FARODI (Lorenzo R) — Agricultura prehispanica — Buenos Aires, 1935.
- 51 — PERROT (George) — et Chipiez (Charles) — Histoire de l'Art dans l'Antiquité — Tomes IX e X — Paris, 1911 — 1914.
- 52 — PERICOT (Luis) — La America Indigena — Barcelona — 1936.
- 53 — PITTARD (Eugéne) — Les races et l'Histoire — Paris, 1924.
- 54 — PORTNOY (Antonio) — Estado actual del Estudio de las Lenguas Indigenas — Buenos Aires, 1936.
- 55 — RESTREPO — Los Chibchas, 1894.
- 56 — ROSNY (Leon) — Les documents écrits de l'antiquité americaine — Paris, 1882.
- 57 — RUGE (Dr. Sophus) — Historia da Epoca dos Descobrimentos (Trad. e notas de Manoel d'Oliveira Ramos — Lisboa.
- 58 — REINACH (Salomon) — Esquisses archeologiques — Paris, 1892.
- 59 — RIVET (Paul) — Le peuplement de l'Amérique pre-colombienne — "Scientia" — Bologna — 1926.
- 60 — RIVET (Paul) — Les éléments constitutifs des civilisations du Nord Ouest et de l'Ouest sudamericain — Congrès Intern. des Améric — Gotteborg, 1924.
- 61 — SERRANO (Antonio) — Arqueologia e Etnografia Argentinas — Los primitivos habitantes del territorio argentino — Buenos Aires, 1930.
- 62 — STEERE (J B) Narrativa of a visite to Indian Tribus of the Purus (Annual Report of the Smith. Inst. for 1901, Wash. 1902).

- 63 — SCHMIDT (W.) — Kulturkreise und Kulturschichten in Südamerika.
- 64 — SERGI (G) — Le Origine Humaine — Torino, 1913.
- 65 — SERGI (G) — La più antica umanità vivente — Torino, 1930.
- 66 — SCHRADER (F.) — et PRUDENT (F.) — et ANTOINE (E.) — Atlas de Geographie Moderne — Paris, 1911.
- 67 — SOARES (João) — Atlas Historico Geografico — Lisboa, 1934.
- 68 — TOPINARD — Anthropologie Generale — Paris, 1885.
- 69 — THORON (Onffroy) — Voyages des vaisseaux de Salomon au fleuve des Amazones — An. Bib. Arch. Pub. Pará — Belem, 1905.
- 70 — TRIANA (Miguel) — La civilisacion Chibcha.
- 71 — TIRADO (Ernesto Restrepo) — Ensayo Etnografico y Arqueologico de la provincia de Los Quimbayas — Sevilha, 1929.
- 72 — VERNAU (R.) — Les origines de l'Humanité — Paris, 1926.
- 73 — VERNAU (R) — Les anciens patagons — Monaco, 1903.
- 74 — VERNAU (R) — L'Homme, races et coutumes — Paris, 1931.
- 75 — VENTURINO (Augustin) — Sociologia primitiva Chile-indiana (Con comparacione Mayas, Aztecas e Incasicas) — Barcelona, 1927.
- 76 — VALCARCEL (Luis) — Apuntes para una filosofia de la cultura incaica, — Lima, 1935.
- 77 — ZABRE (Alfonso Teja) — Historia de Mexico — Una moderna interpretacion — Mexico, 1935.

O HOMEM DE MARAJÓ

Estamos no Brasil. E seguimos o caminho do povoamento, que outro não foi senão a estrada marítima e a esteira líquida dos rios. Aqui não se poderá firmar a tésse de que a floresta equatorial seja um empecilho ao desenvolvimento do homem. Baqueam os precusores da antropogeografia, de THOMAS BUCKLE a GOBINEAU, para se fortalecerem os postulados de BRUNHES, na verificação de que as civilizações indigenas do Brasil vieram se desenvolver na clareira, que assim pode ser classificada, no mapa fitogeografico da região, a ilha de Marajó.

Colocada á entrada, no delta mesmo do grande rio, formada segundo uns pelo acumulo de sedimentos junto ao grés ferruginoso que ahí aflora, segundo outros, (LOUIS AGASSIS), destacada, desmembrada do continente, o que me parece mais rasoavel, Marajó embora em condições de dar agasalho a muita gente, não suporta confronto com outras terras da região. Mesmo assim, foi preferida por um numerooso povo em fuga, que em data desconhecida,

nela se estabeleceu. Não edificou monumentos, de carater historico ou proto-historico, que, como referimos acima, eles não existem aqui; não construiu templos para celebrar os deuses; não erigiu centros de defesa; não cultivou os preparativos belicosos; mas viveu uma vida adiantada, praticando as artes da plumagem, do trançado, da ceramica e do desenho linear.

Dois ou tres seculos antes dos europeus aportarem á Amazonia, já estes ceramistas habitavam Marajó. Eram do tronco *nu-arauk*, possivelmente da tribo *aruan*, senhores de uma cultura vinculada ás culturas do norte. Tinham descido dos altos rios e florestas andinas, expandindo-se no momento em que as tribus de influencia *Maya-Quiché* entravam em regressão, consequente á decadencia do segundo imperio *Maya*. Com as lutas internas que dividiram as populações do istmo, a admiravel civilização de Yucatan desmoronou-se, não resistiu á pressão das belicosas tribus vizinhas, e, em poucos annos, substituindo a adiantada organização, restavam apenas, localizados ao norte, na região do planalto de Anáuac, os valorosos Aztecas, ricos e emprehedores, melhor organização de Estado politico encontrada pelo europeu na America.

A dissolução do imperio *Maya-Quiché*, marca a dispersão desse povo. Os remanescentes da civilização de Yucatan, fracionados e agressivos, espalharam-se pelas terras do sul, chegaram ao massiço

Colombiano, infiltraram-se pelos vales do Equador e da Venezuela, velejaram as Antilhas. Já então, semelhavam populações degradadas, tribus errantes, de fraca belicosidade, que apenas conduziam o segredo de duas ou tres utilidades, trabalhavam toscamente os metaes, de preferencia a prata, o ouro e o cobre, pintavam e teciam o algodão, faziam estatuas grosseiras, fabricavam louça de barro cujo sentido estético perderam, a tal ponto que os primeiros exploradores europeus não puderam disfarçar sua surpresa diante dos tóscos exemplares encontrados.

Dominados por uma tendencia ambulatoria, em pouco tempo os remanescentes *maya* espalhavam-se pelo norte da America do Sul, tinham contáto com as tribus atrazadas que por essas terras vagavam, a elas transmitindo o conhecimento das suas utilidades manuaes. Ensinaram a ceramica, o desenho linear, a arte de moldar figuras no barro e compol-as com o desenho, bem assim o sentido e a pratica de outras melhorias integradas nas culturas do norte.

Por esse tempo, segundo referem os cronistas do seculo XVI, que se ocuparam do feito de Colombo, viviam as tribus *nu-arauk* sob a pressão dos *caribe*. Eram os *caribe* considerados o terror do mar das Antilhas e tinham sahido do interior do Brasil tripulando possantes pirogas, nas quaes subiram o curso dos rios do centro de Matto Grosso á Amazonia. Passaram da Hiléa brasileira ás Guianas

e ao Orenoco, surgindo, já em pleno dominio da vela, nas costas do Mar Antilhano, conhecido pelos hespanhoes como Mar de Caribe, em face dos processos violentos de luta que essas tribus empregavam.

E antes de defrontar-se com o europeu, cujas airoas caravelas as velozes pirogas enfrentavam, os *caribe* combateram o *nu-aruaik*, povo de outro grupo, senhor de uma lingua diferente, ao qual negavam quartel. Fugindo á perseguição, os *arwak* desceram por diferentes caminhos, vieram á foz do Amazonas, em cuja grande ilha se detiveram.

* * *

Em Marajó, as condições do meio fisico operaram uma salutar reação sobre as tendencias da tribu em fuga. Ali puderam eles deter-se, viver e trabalhar muitos annos. Estudos e valiosas monografias, (STEERE, FERREIRA PENNA, DERBY, LADISLÁO NETTO, NIMUENDAJÚ, QUADRONNE, MORDINI, etc.), têm esclarecido pontos obscuros da cultura marajoara, mas vale reconhecer que ainda estamos longe de adquirir toda a verdade sobre a vida extranha dos oleiros que lá se refugiaram.

Uma certesa, entretanto, expontaneamente se impõe. A ceramica marajoara foi o trabalho produzido no melhor momento da cultura *nu-arawk*, não sendo possivel assegurar-se qual tenha sido, a



rigôr, a tribo que a construiu. Estudos realizados de 1852 aos nossos dias, indicam o *aruan* como o melhor artifice da ilha, girando em torno dele as mais consistentes hipóteses. O deposito mais conhecido é o Pacoval ou *mound* do Arari, de que me ocupo na "Introdução á Arqueologia Brasileira". Não foi nele, porém, exclusivamente, que a arte desses oleiros se firmou. Por muitos outros lugares repontam, igualmente, os comoros valiosissimos, *mounds* e *tesos*, que valem para a arqueologia marajoara o mesmo que os *zigurates* para a Mesopotamia caldaica.

São eles numerosos, não precisando sair-se da area intercalada entre os rios Ganhão, Cururú, lagos Mututi e Assapão, para encontrarem-se *tesos* ri-

Etnografia brasileira.
Mulher guarani, adulta.

(Col. Muséum Hist.
Nat.)

quissimos. Tal é a sua abundancia, que só o trabalho de muitos homens e de algumas gerações poderia tel-os provido da grande variedade de peças ali guardadas. Basta lembrar, nesse territorio, o *Teso do Severino*, o *Teso do Gentio*, o *Teso do Menino Deus*, o *Teso de Panellas*, o *Teso do Matafome*, o *Teso do Ananatuba*, o *Teso do Cururú*, o *Faz Café*, os sete *tesos* menores da fazenda do Cajueiro, relacionados por MORDINI. E ainda aqueles que foram minuciosamente estudados por DERBY, BARNARD, STEERE, etc., aos quaes me reportei, minuciosamente, naquela obra citada.

E outra observação o espirito elucidado do arqueologo não deixará de fazer: esses *tesos* e *pacovaes* ou *mouds*, eram edificados, igualmente, com intenção religiosa. Não foi evidentemente o acaso que os reuniu e agazalhou na mesma area. Eles tinham para o nativo uma perfeita intenção totemica, facilmente observavel. Sua construção fazia-se em uma fórmula ovoloide com orientação intencional.

Em "Les Cultures Pré-colombiennes du Bas Amazone et leur développement artistique" (Sonderdruck aus den Verhandlungen des XXIV. Internationalen Amerikanisten-Kongresses Hamburg — 7. bis 13, September, 1930, pag. 62, escreve MORDINI: "On connait dans l'ile plus d'une centaine de tertres artificiels parmi lesquels le célèbre d'ille do "Pacoval do Arary", celui de "Teso do Severino", ceux renfermés dans le territoire délimité par les

fleuves Ganhão, Cururú et les lacs Mututi et Asapão et qui sont nommés: Serra-Teso do Gentio — Menino Deus — Panellas, plus une serie de 7 petits tertres construits l'un prés de l'autre sur le chemin qui va de Cajueiros á Faz Café. Tous ces tertres sont en forme ovoïde et orientés á ce qu'il parait intentionnellement dans la direction E-O; d'autres de la meme forme tes que Pacoval do Cururú, Matafome, Ananatuba ont une orientation N-S", etc.

Acrescentemos a esta observação o imperativo da fórmula zoomorpha do *mound* ou pacoval do Arary, a qual, embora contestada pelo mesmo MORDINI, na sua vigem a Marajó (1926-1927), causou tão viva impressão a LADISLÁO NETTO (1872), que dele chegou a fazer um desenho (Arch. do Mus. Nac. vol. VI), e não poderemos negar que essas construções funerarias são um trabalho adiantado de antecipação espiritual, na vida do *aruan*. As tribus marajoaras eram donas de uma crença, veneravam os mortos, dispensavam uma grande importancia aos seus ritos funerarios.

Um exame interpretativo das peças de ceramica, dos idolos, das "tangas", dos discos chatos a que LADISLÁO e FERREIRA PENNA chamaram *offer-torios*, etc., deixa evidentemente denunciado o estado de vida animica das tribus *nu-arwak*. A estilização antropomorfa das *tangas*, recolhidas no *teso* do Severino e discrias por MORDINI, pertencentes á

coleção CARLOS ESTEVÃO DE OLIVEIRA, segundo aquele autor, oferece novos elementos de convicção, trazem outros argumentos para a minha interpretação de Marajó.

* * *

Marajó recolheu o melhor das culturas oleiras do istmo-centro americano. Diante dos diferentes achados, observando-se os variados tipos em que a cerâmica se enriquece de fôrmas e desenhos os mais variados, apresentando peças de perfeito acabamento e outras de técnica evidentemente inferior, não temos duvida em afirmar que nos encontramos em presença de uma mistura de diversas culturas de um mesmo grupo etnico, chegado á ilha por vias diferentes, os vales e rios Uapés, Negro, Rio Branco, alto e medio Amazonas, litoral das Guianas, etc.

E tambem nenhuma duvida pode prevalecer sobre a sucessão de tribus *arwak*, na posse da ilha, sucessão feita em sentido decrescente. Os primeiros povoadores, foram os mais cultos, aqueles que guardavam mais vivas as tradições recebidas dos povos do istmo; os ultimos, já eram tribus atrazadas, que haviam esquecido suas melhores tradições. Não viveram proximos do seculo XVI, nem tiveram contato, na ilha, com o portugûes, o *caribe* ou o *tupy* que, por aquele tempo, (os dois ultimos), já infestavam a Amazonia. Nenhum traço da cultura, de uma ou de outra dessas tribus, foi ali encontrado,

não tendo o *tupi*, aliás, conseguido dominar a margem esquerda do Amazonas, que apenas vislumbrou.

A Amazonia recebeu, desenvolveu e conservou a melhor cultura indigena, tomada ás tribus estabelecidas no planalto andino, e irradiada depois por outras areas da America do Sul. Ela não transmitiu as culturas ao planalto, como quer LOUIS BAUDIN, mas dele as recebeu. Já o ambiente fisico nos Andes reunia condições suscétiveis de utilizar e desenvolver as condições do sêr humano e a Amazonia era ainda uma região nova, inhabitavel, onde o homem mal poderia sustentar-se sobre as estacarias construidas nas terras mais altas. Si a pobreza de material referente ás estearias ou palafitas, poderá ao primeiro exame fazer crêr que a minha asserção não repousa sobre base segura, um conhecimento da formação geologica da planicie transmite convicção contraria. Quando os Andes emergiram, a planicie amazonica, muito mais jovem, era mar. Sua evolução foi mais demorada, no sentido de permitir a formação e desenvolvimento das especies. O massiço andino já se erguia, construido e utilizado pela vida animal, quando parte da região que HUMBOLDT classificou de Hilléa, ainda era um vasto lençol de agua doce, onde as camadas de humus iam encharcando e elaborando lentamente a formação de um solo movediço e inconsistente, que só o trabalho de milhares de annos permitiria sobre ele podesse vir o homem a habitar. Não são

da mesma idade as duas terras. E as primitivas ondas humanas que, vindas do sul, terão se encontrado com os homens do norte e centro, mongóis e melanesicos, passaram, provavelmente, do planalto-



Etnografia sul-americana. — Indigena Miranha do Rio Japurá. — Fot. Crevaux.

(Col. Soc. Antrp. Paris)

central do Brasil, por Matto-Grosso, á Bolivia, de onde galgaram a cordilheira e foram concorrer para a elaboração dos primeiros povoadores do Chile, sinão dos proprios *araucano*.

Ajustada em bôas fontes a geologia da região,



a arqueologia e a etnologia se incumbirão de explicar as origens do homem marajoara, cujos troncos mergulham num territorio confuso. E o primeiro caminho será acompanhar a marcha dos grupos que desceram a Amazonia, alguns seculos antes da descoberta, trazendo uma adiantada compreensão da arte oleira. Mas ou porque a região oferecesse um excedente de humidade, numa abundancia atordoante de florestas, ou ainda, porque o solo na imensa varzea fôsse coberto de paúl, o certo é que, na Amazonia, como aliás em todo territorio do Brasil, nenhuma grande civilização floresceu. Tudo ficou no estagio elementar das culturas oleiras, sendo que nenhum povo ultrapassou o *nu-arwk*, estabelecido em Marajó.

Surprehede a escolha da ilha, diante do panorama geografico da região. E' que Marajó pouco representa como superficie, em relação á extensão da Amazonia. Acha-se, porém, colocada numa situação geografica especial, que lhe permitia servir de refugio aos *aruaks* acoçados pelos inimigos que, muito de perto, o vigiavam, *caribe* e *tupi-guarani*. Os primeiros, em tempo mais distante, deviam ter descido os rios do lado esquerdo do Amazonas e marginado o Oceano, fazendo pousos transitorios nas ilhas da costa (Maracá) as segundos, em periodo mais proximo á chegada dos portuguezes, fariam pressão sobre eles, afinal afastados da ilha, que te-

ria sido presa das tribus *tupi-guarani*, nos ultimos tempos ulteriores á conquista.

A fixação do *nu-arwak* a Marajó explica-se pelas facilidades que o meio fisico oferecia: clima quente humido, mas temperado por uma permanente viração, rios e lagos piscosos, renovação de chuvas em periodos seguidos, florestas para possibilitar o fogo, fornecer o esteio, assegurar a confecção do trançado, fruto e caça abundantes, tabatinga para confeccionar a ceramica.

Preso á oca pelos asperos e prolongados invernos, o marajoara ficava dias inteiros junto ao fogo, amassando o barro, preparando, com paciencia, sua melhor tabatinga. Os artefatos feitos em barro cosido exigiam perfeição técnica, amadurecimento de capacidade creadora. Não eram o produto de um esforço eventual, seriam a expressão amadurecida de um povo que recebera influencia, ensinamentos diretos, de tribus adiantadas. Não podiam ser o trabalho de improvisação de um povo em transito, dependiam de uma prolongada existencia anterior e, pelo numero e quantidade de peças existentes nos depositos funerarios, deviam ter exigido igualmente uma demorada estadia no lugar.

A radicação do *nu-arwak* á ilha e sua irradiação pelo continente, são um acontecimento etnografico confirmado não só pela posse em que ele estava, do conhecimento e uso de objetos liticos (o machado de diorito, p. ex.), como pela difusão que

dahi alcançou a cerâmica artística por ele trabalhada. Dela são encontrados os mais belos modelos e os utensílios mais diversos. LADISLÁO NETTO, que excavou em Marajó vinte machados de diorito, material cuja existencia é ali completamente desconhecida, estava senhor desta verdade. Explicava que a materia prima de que eles se faziam vinha de muito longe, de jazidas situadas distantes das margens e da foz do Amazonas. E também que a variedade morfológica da cerâmica, marcava na sua trajetória o longo itinerário percorrido pela tribo.

Várias peças de cerâmica, de uso comum entre os povos do istmo que une as duas Américas, foram excavadas em Marajó. Os *maracás* de argila, objetos de intenção religiosa, empregados no ceremonial das tribos centro-americanas, tinham aplicação corrente entre o povo *nu-arwak*, o mesmo podendo dizer-se dos ídolos falomorfos e das peças triangulares feitas em barro cosido e admiravelmente desenhadas, conhecidas pelo nome de *tangas*.

A coexistência desses objetos e o seu encontro nas jazidas funerárias, nos chamados *mounds* marajoaras, testemunha o estado de uma consciência animica altamente desenvolvida. Os *nu-arwak* ou seu ramo *aruan* haviam atingido um pronunciado desenvolvimento mental. Estavam no período do totemismo, construíam com a idéia do sobrenatural, levantavam o pensamento para as forças capazes de guiar o homem, amparal-o nas vicissitudes, socor-

rel-o nas dores, favorecel-o na caça e pesca. A *tanga*, p. ex., não era outra coisa senão um artefato integrado no ritual, utilizado em certas oportunidades do culto, pelas mulheres. O povo *nu-arwak* provinha de uma organização matriarcal e talvez ainda estivesse na fase de transição. Os seus contos e lendas, recolhidos modernamente entre varias tribus da alta Amazonia, localizadas dentro e fóra do Brasil, de alguns dos quaes em outro ensaio deste mesmo livro me ocupo, não deixam em meu espirito nenhuma duvida. O culto com a presença e o prestigio das mulheres, existira entre eles. A *tanga* será precisamente o testemunho exato deste culto.

A *tanga* era usada nas cerimonias religiosas. Basta pensar na conformação do corpo humano, distinguir a delicada contextura da epiderme feminina, especialmente em certas regiões anatomicas, como no terço superior da côxa, para concluir que a *tanga* não podia ter um uso demorado, não devia ser trazida como utilidade de habito comum e obrigatorio, nem mesmo em certas ocasiões em que teria função resguardadora e higienica, porisso que o material de que era feita, a sua estrutura dando-lhe bordas cujo contáto provocaria, na maciez da pele, inevitaveis escoriações, não permitia mais que seu emprego em rapidas cerimonias liturgicas, convicção que se afirma no fato de serem elas as peças mais belas e melhor preparadas da ceramica e, ainda, na observação, facil de verificar, da persis-

tencia de um mesmo ornato em 92 % das *tangas* até agora encontradas.

Não pode prevalecer a suposição de que as mulheres deixavam de tomar parte no culto, por não ser este uso praticado entre outras tribus. Ao contrario das mulheres *Gé, Tupy, Caribe*, etc., elas eram um elemento componente dos cerimoniaes e deve ver-se nesta pratica a intermitencia de contato com as civilizações mais distantes de onde haviam descido. Em Yucatan e no Mexico, exerciam uma grande ascendencia na comunidade, frequentavam casas de educação, achavam-se integradas na vida social, desfrutavam os direitos de igualdade. A *Cruz de Palenque*, de um claro e evidente simbolismo religioso, relativo ás forças que governavam os quatro pontos cardeaes, é ladeada por duas figuras em attitude de veneração: á direita, um homem, á esquerda uma mulher, ambos revestidos de paramentos semelhantes, voltados numa perfeita veneração para o simbolo, o que tudo demonstra que, diante do culto solar dos *maya*, o homem e a mulher se equivaliam. No Perú, na adiantada civilização dos *Inca*, os *Quechua* tiveram a instituição das Virgens do Sol, ou *aclla*. A respeito, escreve RAOUL D'HARCOUT, (*L'Amerique avant Colombe*), já citado, pag. 57, "Ces jeunes filles vivaient á demi-cloitrées pendant quelques années dans les sortes de convents. Elles y entraient parfois dés l'âge de huit ans. On les répartissait

en trois catégories, selon qu'elles étaient recrutées dans la famille royale, chez les curaca et hauts fonctionnaires, ou dans le peuple. Sous la direction de matrones appelées *mamacona*, elles entretenaient, véritables vestales, de feu sacré que était renouvelé chaque année dans les temples au moyen de celui sur le quel elles veillaient; elles préparaient certains aliments pour les grandes fêtes et confectionnaient les vêtements de l'Inca et de la Ccoya".

As tribus *nu-arwak*, que tão pronunciada dispersão sofreram pelo continente, conservariam como elemento predominante da sua cultura, ainda ao tempo em que eram donas de Marajó, reminiscências pronunciadas da fase matriarcal.

Nenhum exagero ha no raciocinio. E' sabido que as civilizações do Mexico, do istmo e do Peru, ofereceram aos primeiros viajantes que percorreram esses paizes, com espirito de observação scientifica, as surpresas mais espantosas e menos explicaveis, do ponto de vista da cultura. ALCIDE D'ORBIGNY que, depois de HUMBOLDT, foi dos primeiros que percorreram a America e estudaram a civilização dos *Inca*, revela-se surpreendido diante da simultaneidade de aspetos, que lhe deram a impressão de que uma sucessão de culturas muito de perto tinha-se feito sentir. Viajando o Peru em 1805, viu e comentou-lhe os dislates. Ao lado de grandes construções, palacios, templos, estradas, outras reminiscências de uma adiantadissima civilização,

encontravam-se juntamente com ótima cerâmica, peças muito grosseiras, de inferior acabamento e sem nenhuma preocupação de arte, o que deixava nos espiritos a duvida sobre a coexistencia de varias culturas simultaneas, uma inferior ás outras, produzindo tudo uma extrema confusão.

D'ORBIGNY confessa-se espantado diante do que viu, CARLOS LENORMANT, que estudou o conjunto desta civilização, chegou ao mesmo desapontamento, JACQUEMART, comentando-a, faz suas aquelas duvidas. E interroga: "Ces choses sont-elles contemporaines? proviennent-elles d'un même peuple? répondent-elles aux memes idées? Questions delicates, presque insolubles aujourd'hui". Questão que, até agora ainda não teve solução.

Os *nu-arwak* trouxeram essas idéas, assim como a pratica de outros habitos, da sua longa convivencia no norte. Ao descerem e se fixarem em Marajó, haviam evoluído no dominio da crença, estavam evidente e sensivelmente mais avançados que todas as tribus que com eles habitavam o Brasil. Não vale como argumento contrario, o fato de serem mais fortes, militarmente, que eles, as tribus de cultura inferior encontradas no paiz. Tambem os povos *maia-quiché*, expressão mais alta que atingiu a familia amerindia, senhora de uma invejavel civilização material, eram de um extrema deficiencia militar, tanto que não resistiram, já não diremos ao euro-

peu, mas a outras tribus do seu tronco, os *noahuatl*, p. ex., que lhe destruíram o primeiro e florescente imperio, jogando-os para as terras baixas e humidas da peninsula de Yucatan.

Ao atingirem Marajó, os *nu-arwak* haviam alcançado uma consciencia animica singular. A religião, ato de comunicar com um Deus, cria o rito, e o rito estabelece a necessidade do oraculo, da imagem, do santo da veneração, que para o *aruan* ou *nu-arwak*, eram o boneco falomorfo, os idolos femininos onde o sexo se acusava, e a *tanga*, representações materiaes que se conjugavam com velhos cultos solares da India.

Trabalhados com esmerada perfeição artistica, o *falus*, os idolos femininos e a *tanga*, coexistiam como simbolos divinificados em seu culto, não eram *tabús* e sim *totems*, adorados pelo marajoara.

Os povos de cultura adiantada que se sucederam na ilha, achavam-se em plena etapa de um aninismo evoluido para o fetichismo (SALOMÃO REINACH), o que se verificava pelo costume de enterrarem com o morto os objetos de uso. Como acontece entre a maioria dos povos de identica cultura, o *nu-arwak* conduzia na *igaçaba* mortuaria as utilidades principaes de que se cercava em vida, os enfeites, a comida, numa transição cultural, aliás, comum a outras tribus do Brasil. Não levavam as esposas para o tumulo, como os *Quimbaia*. Neles havia acentuadamente manifestada a sobrevivencia

do velho fetichismo prehistorico, o animismo dos mais longiquos antepassados.

Foram magnificos oleiros, porque as condições do meio fisico lhe imprimiram esta direção. A cerâmica desenvolveu-se, entre eles, de acordo com as circunstanicas do ambiente e as exigencias da vida. Retratavam, alguns dos seus modelos, a expressão da propria terra. Tudo que lhes era peculiar, vivia um pouco na sua dependencia. Ela revestia as mais variadas utilidades e resultava da circunstantia de haver em Marajó bôa argila. Aliás, esta singularidade, é comum a toda margem do rio Amazonas, da sua larga e desmedida boca, até os Andes.

Os marajoaras misturavam á tabatinga diferentes pós, a que associavam resinas de plantas oleaginosas, para produzir consistencia e ligação. A resistencia e duração resultavam dessa mesma técnica que, para crear bons modelos, ia depender da qualidade da argila e da especie do material adicionado para dar plasticidade ao barro e tornal-o resistente á queima. Geralmente, as peças menores eram as melhor trabalhadas, verificando-se a um exame minucioso, que a parte substancial, isto é, a estrutura do vaso, era geralmente cosida em barro comum, enquanto a parte da decoração ou complemento, como sejam alças, orelhas, ornatos em geral, fazia-se com a tabatinga mais pura e fina.

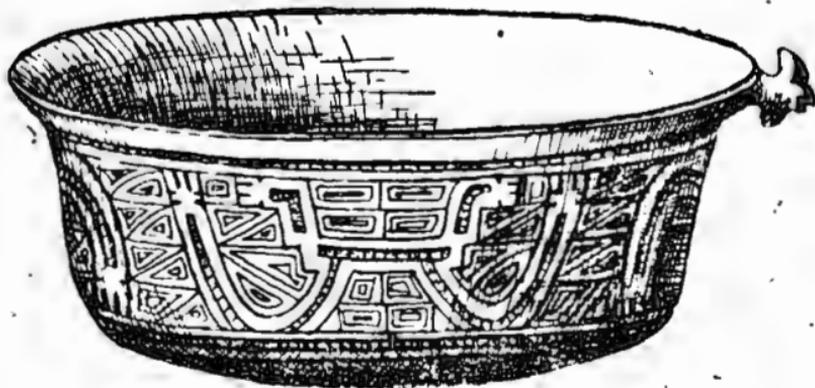
Os *nu-arwak*, porem, em certo dia que a arqueologia não demarca, foram forçados a deixar a ilha de Marajó. Tribus inimigas, pertencentes ao grupo *Tupi-Guarani*, ofereciam-lhe combate, desenvolviam-lhe perseguição. Muito melhor afeitos á luta guerreira, com o espirito inclinado para a conquista e o dominio violento pelas armas, os agressores não encontraram forte resistencia. O campo foi abandonado pela melhor gente, substituidos os *aruan*, presumiveis construtores da bela ceramica, por tribus inferiores. A sucessão de camadas de louça, nos depositos da ilha, mostra precisamente essa regressão. Depois dos grandes oleiros, é que vieram as tribus construtoras da ceramica de inferior qualidade, tribus a que os *tupi* chamavam *neengaiba*. Elas proprias, porém, não ficaram muito tempo em Marajó.

Abandonadas certas regiões do delta, foram os *nu-arwak* deixar vestigios de sua passagem em centros distantes da Amazonia. APARICIO observa a presença do *nu-arwak* na *cuenca* do Paraná, relatando o encontro de um fragmento de ceramica na zona insular proxima á cidade de Diamante, Republica Argentina, encontro que ele não oscila em vincular a "la conocida alfareria de tipo *Arawak*, con decoracion pintada".

E este é o momento de falar na imensa dispersão das tribus desse tronco. A ceramica por aquele etnologo descrita, é de evidente vinculação amazo-

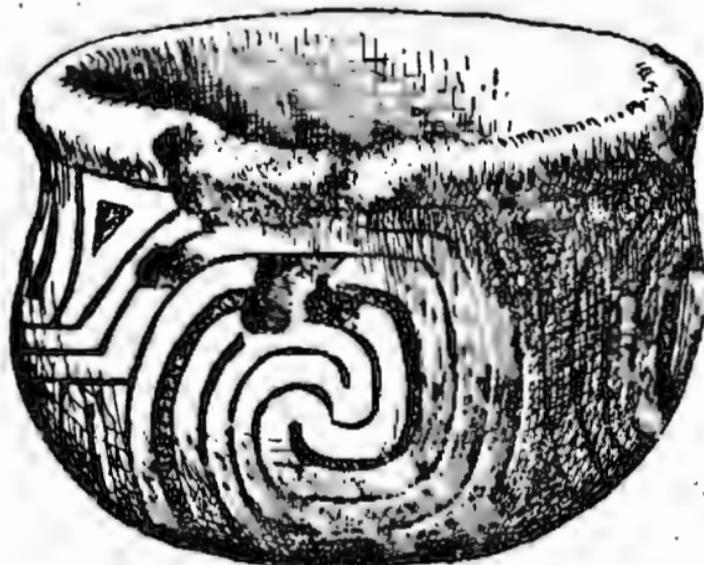
nica, corresponde á parte superior de um vaso, o que nós chamamos *beijo* de alguidar ou jarra, e apresenta uma decoração feita a tres côres: o vermelho, o pardo e o negro, sobre um fundo branco, ligeiramente avermelhado. Pelo estilo, é facil verificar que a peça encontrada em Diamante é de ampla difusão na America do Sul, tendo sido achada igualmente em diversas regiões da bacia amazonica e em varios logares do litoral atlantico, a curta distancia da embocadura do rio.

Estas peças marcam a presença da tribu. E estão em muitos logares. MAX UHL encontrou no Equador quatro formosissimas jarras, — tres urnas antropomorfas, provavelmente funerarias e um vaso, — abandonados nos barranco do rio Napo, pouco acima da embocadura do Aguarico, urnas que o eminente etnologo, o grande sabedor de cousas americanas, não oscila em considerar vinculadas a Marajó, vendo nelas uma “intima relacion estilistica con los hallazgos de la isla de Marajó, con los cuales forman representantes de un mismo estilo, del mismo periodo y carácter”. ERLAN NORDENSKIOLD, outro grande sabedor de arqueologia e etnologia da America, acrescentou por sua vez, com os seus achados no oriente Boliviano, ás pesquisas de *Ars Americana*, Paris, 1931, novos testemunhos, seguras confirmações da irradiação *arwak*. Não será possivel negar que as formosas decorações, que ilustraram o ultimo trabalho de NORDENSKIOLD, são perfeitamente



Peça marajoára, coletada na Fazenda Laranjeiras —
Marajó — pela Prof. Emilia Monteiro. E' inédita.

Desenho de Manoel Pastana.



Peça marajoára coletada no teso do Severino —
Marajó — Pertence á col. do Dr. Carlos Estevão.

E' inédita

Desenho feito e cedido por
Manoel Pastana.

identificaveis com os desenhos marajoaras. As peças da ceramica de Mòxos, na Bolivia, são outro documento desta vinculação. Aliás, na hipoteze, não ha somente a qualidade da ceramica para testemunhar as atividades ambulatorias do *arwak*. O proprio local onde ela foi encontrada, fornece á arqueologia outro elemento de convicção. Mòxos é um *mound* de typo semelhante ao do pacoval do Arary, está perfeitamente integrado nessa classificação feita na carta arqueologica da America. Por singularidade, a propria formação do terreno, em Mòxos, é muito semelhante, sinão igual, ao terreno de aluvião de Marajó.

Os *nu-arwak* tiveram uma irradiação extraordinaria, que compreende quasi toda a area da America do Sul. E uma afirmação não poderá deixar de ser feita, com os elementos actuaes: Marajó fez-se campo de dispersão, lá foram encontrados os vasos de desenho mais perfeito e de melhor acabamento, ao lado de peças da mais variada morfologia, inclusive as *tangas*, que lhe são peculiares, das quaes me ocupei paginas atraz, e que só aparecem na ilha.

O detalhe de culturação mais pronunciado de um povo, quando começa a entrar em decadencia, é encontrado nos centros de povoamento onde as suas atividades se desenvolveram em virtude de uma estação prolongada. O que ele tenha edificado de mais belo, o que a sua capacidade haja criado ou produzido de melhor e mais perfeito, ficará no terri-

torio onde a sua presença atuou, onde ela se fez sentir por mais tempo. Fóra da area em que floresceu, a produção será sempre inferior, só os produtos menores serão encontrados. Isto acontece a todos os povos, o que não invalida a certesa, entretanto, de que a ilha deve ter recebido diversas levas, vindas em varias ocasiões e umas mais adeantadas que outras. Nota-se esta diferenciação nos vazos da mesma técnica, mas que acusam evidente inferioridade, comparados com outros retirados do mesmo "mound" ou ceramio (19).

Outro traço seguro da presença do *nu-arwak*, será sempre o desenho da "grega" justaposto na ceramica por ele deixada, servindo, igualmente, para justificar a afirmação de que Marajó foi o centro onde esse desenho se fixou e desenvolveu-se melhor. E' na ceramica escavada ou encontrada naquela ilha, que a "grega" aparece traçada com maior perfeição. Fóra do desaguadouro amazonico, ela só será vista distante, na Argentina, p. ex. O tortuoso da sua marcha, dá-me a impressão de que a "grega" vem aqui marcar o mesmo caminho seguido na civilização da Grecia arcaica. A principio, surge como o ornato mais belo das lindas anforas, das jarras para diversos misteres, que enchem as casas daqueles gregos das ilhas do Egêo, onde a civilização

(19) Ceramio, palavra proposta por FERREIRA PENNA, para designar os depositos sepulcraes de Marajó.

helena começa a se confundir com a da Asia Menor; depois, á proporção que o genio creador vae se exteriorizando em trabalhos mais ricos de composição, com o advento da figura humana no desenho, a "grega" foi sendo tratada despreocupadamente, com menor carinho, enquanto o espaço que lhe era dedicado passava a ser ocupado por outros elementos mais ricos de decoração. A monumental "Histoire de L'Art dans l'Antiquité", de GEORGES PERROT e CHARLES CHUPIEZ, acentua esta evolução da cerâmica, mostrando exatamente que as peças melhor trabalhadas são o produto dos centros de civilização maiores e mais estaveis. Aliás, argumentando com o mundo classico, o mesmo será possível afirmar acompanhando a evolução da cerâmica etrusca, os vasos mais belos marcam precisamente os centros mais cultos.

* * *

Os espiritos descrentes da atividade ambulatória dos *nu-arwak*, particularmente no que diz respeito a sua expansão, não poderão negar, diante do mapa da America do Sul, olhando a superficie onde aflora a melhor cerâmica, que pelo menos um intenso commercio naturista se estabeleceu entre elles e as numerosas tribus fixadas em distantes regiões do continente, por onde agora, em nossos dias, a arqueologia começa a descobrir "monumentos", no estrito

sentido arqueológico, deixados pela cultura *arwak*. A própria natureza desses “monumentos”, artefactos de cerâmica artística, às vezes reduzida a pequenos cacos, como no caso do encontro da cidade argentina de Diamante, já referida, vem demonstrar, ao lado da dispersão, uma regressão muito rápida, logo no segundo século da conquista europeia, segundo relatam os cronistas. Tribus de nível diferente, como os *tupi-guarani*, ao norte e os *gé*, ao centro e sul, vieram a exercer influência sobre eles, trazendo-os ao seu baixo nível cultural.

Dessa aculturação dá notícia recente o valioso documento encontrado pelo ilustre americanista A. MORDINI, (1926) em S. George de L'Oyapoc, do qual me dá conhecimento em comunicação gentil, que me faz de Luca, na Itália. Trata-se de um precioso MS. de fins do século XVII (1690), que aparece agora publicado com a seguinte legenda: “*Un manuscrit de 1690 sur la Guyane Française par le Jonkheerr L. C. van Panhuys (Gorinchem — Pays Bas) le Prof. Dr. M. J. Herskovits (Evanston Ill. U. S. A.) le Nob. A. Mordini (Barga, Italie)*”. A publicação é da *Sonderabdruck ans den Verhandlungen des XXIV. Internationalen Amerikanisten-Kongresses Hambur — 7 bis 13. September 1930*.

Pela sua leitura, verifica-se que, infelizmente, o MS. está incompleto, é um evidente fragmento, que

começa á pg. 25 e termina á pag. 94. Dele se deduz que os *arwak* naquele momento se achavam em lamentavel estado de regressão, dada a discrição que, da sua "indumentaria", si assim podemos chamar ao uso das tintas com que se pintavam, faz o referido documento. Do texto logo se conclue que eles andavam, nessa epoca, quasi completamente nús, eram poligamos, praticavam a antropofagia ritual, exatamente como os *tupi-guarani*, com quem estavam em bôa camaradagem. Cobriam tambem o corpo com desenhos ou, mais propriamente, com camadas compactas de tinta de varias côres, dando a cada membro um tom ou côr e trocando a colocação dessas côres, p. ex., si um braço era vermelho, o antebraço era negro, obedecendo a uma coloração diversa a pintura do outro braço, e assim por diante.

Ao meu vêr, taes modificações e habitos são diretamente copiados do *Tupi-Guarani*, familia com quem o *arwak* depois de seculos de luta, acabou por transigir e, naquele momento, estava em perfeita comunidade de interesse, verdadeira politica da "bôa vizinhança", como se diz agora. E só assim se explica a aquisição daqueles habitos, feita por um povo de costumes sobrios, segundo as referencias que sobre eles deixaram os cronistas. Os *nu-arwak* não foram dados a poligamia, nem aos combates de agressão, nem ao uso da antropofagia. Eram de habitos moderados, ativos no trabalho, habeis nas

industrias. Tinham uma organização de família e adoravam objetos antropomorfos. Entre *aruan* e *neegaiba*, tribu ao que parece do mesmo tronco, a quem cederam a posse da ilha, já em tempo próximo á chegada do europeu, não é possível ainda, no estado atual das pesquisas, estabelecer distinções, assinalar, no tempo e no espaço, profunda diferenciação.

E' costume um povo de civilização mais adiantada, mesmo quando vencido, impôr seu regimen de vida ao vencedor. Na hipotese, porém, a praxe não prevaleceu. O *arwak* foi dizimado, os que sobraram, retiraram-se da ilha, os que ficaram, sucumbiram, abastardaram-se, degeneraram. Cahiram na extrema degradação em que se encontram hoje os seus descendentes em certos rios da Amazonia.

Avistei alguns deles, os *paumari*, em minha viagem aos afluentes do alto-Purús, em 1914. De baixa estatura, amarelos e barrigudos, comidos pelas febres, andando pelos barrancos do rio, mal alimentados, dormiam ou moravam em especies de "fôjos", ou sejam pequenos ranchos onde caberia uma pessôa, feitos de ramos, com uma entrada apenas, que dá acesso ao individuo deitado, arrastando a barriga no chão.

Estes ranchos não permitiam, pela sua pequena area, que uma pessôa ficasse neles de pé. Eram em

numero reduzido e estavam disfarçados pelo mato, dando a impressão de que os *paumari*, que ahi viviam, seriam poucos, uma duzia, quando muito. Fui informado de que outros grupos identicos, espalhavam-se por outros logares, no mesmo rio. Estavam em contáto com os seringueiros exploradores daquelas "estradas de borracha, igarapés e "furos", o que logo se observava pelos frangalhos imundos, de pano de algodão, que traziam sobre o corpo. Não pareciam pertencer á mesma tribo visitada, em 1873, por STEERE. Eram eles, naquela ocasião, muito numerosos. Distribuiam-se pelas duas margens do Purús. Então, viviam uma vida feliz. Magnificos canoeiros e nadadores, alimentavam-se da pesca e da apanha da tartaruga. Mais tarde, em 1901, quando o mesmo americanista JOHN BEAL STEERE ali voltou, já velho, seus olhos se depararam com um povo em pleno estado de regressão.

Os *paumari* avançavam por um rapido declinio, o mesmo declinio que mais se acentuou e os levou á decadencia em que os avistei, nos ultimos dias do primeiro ano da Grande Guerra, decadencia e obscura miseria que causaram em meu espirito uma impressão tão dolorosa, que, mais de vinte annos depois, ainda me emocionam, podendo eu reproduzil-as sem usar de qualquer artificio de linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — APARICIO (Francisco) — Un resto de Industria Amazonica en el Paraná inferior — Buenos Aires, 1931.
- 2 — D'HARCOURT (Raoul) — Les Civilisations disparus — l'Amerique avant Colombe — Paris, 1925.
- 3 — FERREIRA PENNA (Domingos Soares) — Apontamentos sobre os ceramios do Pará — Arch. Mus. Nac. Vol. IV — Rio, 1881.
- 4 — FEVRE (Lucien) — La Terre et l'Evolution Humaine — Paris, 1922.
- 5 — LINNÉ (S.) — Archocological field work in Chirique, Panamá — in Ethnos, n. 4, 1936 — Stockolm.
- 6 — MORDINI (A.) — Un Manuscrit de 1690 sur la Guyane Française par le zonkheer L. C. van Panhuys, etc. — "Sonderabdruck aus den Verhandlugen des XXIV. Internationalen Amerikanisten — Kongresses Hamburg — 7. bis. 13 — September, 1930.
- 7 — MORDINI (A.) — Les cultures précolombiennes du Bas Amazone et leur développement artistique — Sonderabdruck, idem, idem. — Hamburg, 1930.
- 8 — NORDENSKIOLD (Erlan) — Ars Americana — Paris, 1930.
- 9 — NETTO (Ladisláo) — Investigações sobre a Arqueologia Brasileira — Arch. Mus. Nac. Vol. VI — Rio, 1885.
- 10 — PERROT ET CHIPIEZ (George et Charles) — Histoire de l'Art dans l'Antiquité — Paris, 1911, 1914.
- 11 — TIRADO (Ernesto Restrepo) — Ensayo Etnografico y Arqueologico de La Provincia dos Quimbayas — Sevilha, 1929.
- 12 — WINKELMANN (Johann Joachim) — Histoire de l'Art chez les enciens — Paris, 1802.



INDICE DE ASSUNTO

A

- America 2, 3, 4, 18, 21, 35, 36, 46, 47,
54, 56, 58, 59, 96, 106, 110,
122, 124, 162, 163, 165, 166,
167, 168, 171, 172, 174, 175,
176, 181, 189, 192, 193, 194,
199, 200, 201, 209, 220, 223,
227,
- America do Sul 1, 19, 26, 33, 35, 64, 170, 171,
174, 176, 181, 191, 210, 227,
232.
- America Central 21, 36, 168.
- America do Norte 1, 68, 192.
- Americano, ista 1, 4, 5, 162, 164, 236.
- Amerindio, ia 5, 11, 17, 22, 23, 26, 30, 32,
39, 40, 41, 50, 62, 63, 78,
82, 84, 89, 133, 136, 138, 139.
- Ameraba 125.
- Amazonas, onia 11, 19, 23, 26, 30, 32, 39, 40,
41, 50, 62, 63, 78, 82, 84, 89,
133, 136, 138, 139, 141, 150,
200, 211, 214, 217, 221, 226,
227, 235.
- Antropologia, ista 55, 57, 59, 75, 79, 87, 91, 92,
93, 94, 166, 171, 172.
- Antropologo, ogico 75, 76, 97, 100, 105, 167, 172,
176, 189, 192.
- Argentina 11, 58, 141.

Arqueologia	4, 5, 15, 32, 40, 76, 81, 87, 90, 91, 100, 101, 103, 157, 168, 170, 212, 218, 228, 230.
Arqueologico	4, 36, 76, 77, 107, 157, 168, 172, 189.
Arte	1, 2, 7, 22, 23, 29, 42, 43, 44, 46, 53, 54, 67, 69, 72, 73, 75, 76.
Arte do trançado	1, 22.
arte ceramista, oleira	33.
arte da pre-historia	77.
arte da plumagem	1.
arte rupestre ..	51, 52, 62, 63, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 78.
arte dos utensilios liticos ..	1.
artistas	22.
arquitetura	22.
Alentos	189.
Australia, ana	177, 181, 183.
Asia	69, 163, 173, 188, 189, 195, 199.
Asia Menor	32.
Alaska	189, 193.
argila	7.
Andes	200.
andino	200.
animal, animaes	37, 145, 196.
abrigo	58.
area, area cultural	46, 89.
agua	145, 147, 148, 153, 184.
antoctonismo	96.
adorno	156, 157.
adobe	23.
argila	226.
Africa	48, 54, 55, 56, 69, 75, 79.
Antilhas	31, 32.
abrigos	37.
animal totémico	66.
Anhanga	135
aculturação	136, 150, 233.
Antropogeografia	208
Androginismo	84,
Aves	130, 132, 133, 143.

Avifauna	46,
Antropomorfo	235.
Atleta	72.
Antropofagia	234.
Assombração	78.
Auroque	106.
Axorca	67, 111.
Animismo	138, 226.
Autóctone antoconismo ...	58, 96, 97.
Alfabeto	80, 82, 83, 84, 85.
Artefatos, artefatos arqueo- logicos	22, 219, 233.
Anforas gregas	24.

B

Bari	41, 44.
Brasil	3, 5, 19, 21, 30, 33, 38, 39, 43, 45, 47, 49, 51, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 69, 70, 75, 77, 81, 90, 91, 92, 93, 97, 101, 107, 110, 114, 125, 127, 132, 143, 172, 173, 179, 190, 192, 193, 194, 202, 210, 218, 221, 224, 225.
Belesa	8, 23, 55.
barro	9, 19.
berloques	21, 29.
bandêjas	29.
brinco	28, 29.
broches	28, 29
bobinas	21, 29.
belas-artes	22.
bacias	29.
bouba	40, 43, 45, 46, 48, 49.
bisão	53.
bicho	126, 130, 133, 137, 138, 152.
blocos calcareos	38.
baixos-relevos	38.
bôto	126, 127, 144, 145.
Bocan	139.
Boiúna	144.
bumerag	154, 155.

Brotos vegetaes	2.
Batraquios	21.

C

Cavernas	51, 53, 54, 56, 57, 91, 95, 98, 100, 101.
caraipé	10, 12.
cauichi	12.
cinza	11.
Colombia	25.
cuia, cuipeua	13, 15, 19.
ciclo	5, 9, 67, 77, 91, 156.
ciclo do ouro	42, 67, 127.
Canadá	192.
craneo, craneologia	99, 105, 178.
cabeça	19, 42.
Ceral	150.
Ciencia	43, 94, 100, 105, 131.
ciencias naturaes	51, 87.
ciencias-sociaes	87.
culto, culto solar	79, 222.
Companhia de Jesus	1.
Codigo hebreu	164.
cultura	1, 2, 3, 5, 6, 7, 19, 35, 36, 54, 56, 68, 69, 70, 87, 90, 105, 107, 108, 119, 124, 126, 146, 155, 164, 170, 171, 209, 215, 216.
cultura rupestre	64.
cultura de Marajó	25.
cultura primitiva	1.
cultura indigena	79.
civilização, ões	1, 4, 5, 8, 9, 37, 67, 79, 119, 121, 122, 127, 176, 195, 198, 199, 200, 208, 209, 218, 223, 224, 231, 232.
calota	60, 99.
ceramica	1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 66, 157, 209, 211, 215, 219, 220, 221, 223, 226, 227, 230, 231, 232, 233.

ceramica marajoara	4, 22, 23, 30.
ceramica indigena	10, 21, 22, 34.
ceramica arcaica	35.
ceramista	16, 17, 20, 21, 23, 24, 30, 33, 209.
Couvade	108, 109.
congelamento	106.
cucúra	134, 137.
Continente Sul-Americano..	81.
curupira	130.
Ceuci	135, 142, 143.
cunhã, cunhantã	126, 145.
cronica, ista	9, 162.
Conquista, conquistadores ..	32, 36.
Cobra-Norato	130.
Curandeiro	137.
cronologia	195, 202.
carajú	19.
China	23.
céo	80.
Ci	143.
circulo cultural exogamico.	64.
circulos concentricos	70.
circulo de vida privada....	70.
clan	156.
Cristo	34.
Colorado	170.
coca	196.
cacau	106.
Cobra-Grande	129, 140, 143.
cujubi	129.
congelamentos	189.
corrente maritima	193, 201.
conchas	62, 102.
curupira	76.
climatologia	200.
chicha	196.
Chaco	78.
Couvade	107, 108, 109.
Cuneiforme	67.
Costa Rica	170.

D

desenho	7, 31, 32, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 77, 83,
doença	40.
desbravadores	32.
diprótomo	99.
dança	156.
Dinari	141, 142, 143.
diluvio	141, 142, 143, 147, 151, 152.
dalca	184, 185, 186, 187.
dialéto	104.

E

etnologia	87, 91, 93, 100, 126, 191, 228.
etnologia ameríndia	87, 174, 218.
etnólogo	93, 100, 124, 126, 141, 146, 151, 166, 183, 190, 228.
etnografia íco, s.	41, 44, 47, 87, 91, 93, 94, 107, 112, 116, 118, 120, 124, 128, 134, 145, 149, 166, 170, 171, 172, 175, 182, 191, 212, 217.
elementos morfológicos	155.
etnia	167.
Europa	25, 54, 79, 96.
evolução, evolução da ce- ramica	23, 232.
Estados Unidos	25, 53, 54.
Egito	67.
épocas-geológicas	79.
Exogamia, agamo	110, 156.
espírito	42.
empingens	46.
espinhas	46.
especies	107.
estações, estação pre-histo- rica	38, 53.
erosões	82.
escrita	80, 81, 83.
Equador	109.
explorações arqueológicas .	71.

escultura	59.
epigrafia	82.
elementos corantes	18.
esqueleto	107.

F

Fator linguistico	172.
fator arqueologico	172.
fator antropologico	172.
fator etnografico	172.
fogo	5, 11, 13, 15, 29, 149, 152, 184, 188, 219.
fálus	26.
familia	108.
flora	30, 79.
folha flabeliforme	30.
fauna	79, 152, 153.
folk-lore, folk-loristico	126, 146.
forma ideografica	36.
Figura	27.
figurações	46.
Fenicia	82, 83.
fenicios	80, 82, 84, 85, 86.
flexa	113.
fosséis, fosséis humanos ...	91, 95, 96, 98, 100.
fabulario	125.
floresta	7, 108, 113, 126, 130, 133, 137, 139, 144, 146, 189, 208, 218, 219.
femur	98, 99.
feitichismo, feitiço, feiticeiro	138, 226.

G

Guatemala	168.
grupo, grupos etnicos	166, 183, 216.
gravura	17, 18, 22, 23, 24, 31, 57, 58, 76.
grega	23, 24, 34, 35, 36.
Galera	185.
Gavea	81, 82, 83.

gruta	53, 68, 73, 99.
geologia	67, 85, 92, 95, 218.
geologo	82, 97, 176.
genesis	128, 162.
Guaraci	130, 131, 143.

H

Homem	2, 3, 5, 7, 32, 42, 51, 52, 53, 54, 67, 68, 69, 77, 85, 87, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 105, 106, 107, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 140, 147, 150, 151, 156, 162, 163, 167, 170, 173, 175, 193, 200, 208, 213, 216, 217, 218, 220, 222.
homem de ciencia	57.
homem primitivo	54.
homem americano	173.
humanidade	42, 67, 69, 87, 98, 123.
hereditariedade	193.
historia	42, 55.
historia nosologica	40.
historia natural	42, 43.
Hieroglifos	81.
Holoceno	95, 107.
Hiléa	210.
Honduras	170.

I

Iara	83.
indios, indias	21, 22, 31, 46, 59, 60, 63, 76, 81, 99, 100, 104, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 134, 135, 149, 157, 180, 182, 198.

indigena	10, 11, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 30, 45, 59, 64, 68, 71, 77, 80, 91, 93, 109, 113, 118, 124, 126, 127, 128, 133, 139, 140, 144, 146, 150, 151, 169, 180, 183, 196, 217.
indigena brasileiro	9.
investigações arqueológicas.	9.
industria	11,
igaçaba	13, 17, 18, 20, 24.
istmo	17.
ídolos	25, 66, 214, 225.
ídolos falomorfos	25, 220.
idioma	164, 171.
inscrição, ões	59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 82.
inscrições rupestres	51, 63, 67, 76, 79.
inscrições bochimanas	56.
inteligencia	90, 113.
idéa	54, 60, 67, 69, 85, 107, 155.
ideografia	53, 67.
ideologia	60.
inanbú	130.
Ibijonguaçú	132.
ipadú	139.
Izi	139, 143.
Iuacaci	144.
igaçaba	24, 27, 225.

J

Jutaicica	15, 17, 18, 23.
jarras	19, 24, 231.
jabotí	30, 66, 130.
jaburú	153.
jaguar	24, 153.
Jurupari	133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 156.
Jurutauí	132.
Jacamín	138, 141, 142, 147.
Jucuruaru	138.

Jacomos	147.
jasida	107, 220.

K

Kuro-Siwo	193.
Kurganes	189.
kjoenkkmoendding	101, 106.

L

Lendas	121, 152.
louça	9, 10, 11, 15, 29, 30, 227.
litoral	10, 62, 66, 99, 101, 143, 194.
lues venerica	43.
lues indica	43.
lingua	86, 183.
linguagem escrita	45, 236.
literatura	127.
linha réta	52.
linha sinuosa	52, 53.
linha ondulosa e curva	53.
litóglifos	60, 61, 64.
letra, letras	82, 83.
lendas	127, 135, 141, 144, 146, 147, 150, 153, 155, 162, 221.
Lagoa Santa	94, 97, 98, 106, 179.

M

Menhirs	68.
Migrações	162, 171, 173, 183, 188, 190, 198, 201, 202.
miscenações	3, 106, 165, 169, 197, 202.
Melanesia	183.
monumentos	4, 101, 168, 169, 232, 233, 234.
monumento arqueologico ...	3.
morfologia	16, 22, 32, 192.
mancha mongolica	193.
moud, moud-builder	192, 195, 213, 214, 220, 230, 231.

monogamia, oganso	110.
Muséo	79, 105.
mulher, mulheres	9, 11, 26, 108, 109, 110, 111, 116, 118, 133, 134, 135, 141, 145, 147, 154, 221, 222.
Marajó	5, 9, 11, 22, 23, 26, 28, 30, 32, 34, 35, 67, 130, 132, 134, 137, 138, 139, 140, 208, 209, 211, 218, 219, 220, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231.
moquem	29.
mineral	30.
mamiferos fossilizados	95.
mastabas	34.
mutuca	153.
medicina	29.
maïs, milho	194, 195.
mapas	30.
mamouth	37, 53, 106.
materiaes do Cromagnon ..	38.
maloca	135.
monticulos	102.
Maracás	220.
Malaia	193.
mito	125, 143, 144, 153, 155, 156.
mitologia indigena	126, 151.
Mboi, mboitatá	130, 152.
macacarãua	143.
Massangueró	139.
Mãe	108, 109, 150.
Mãe d'Agua	144.
Muirakitan	103.
Macunaima	153.
Matriarcal, matriarcado ...	141, 156, 157, 223.
morfologia	97, 167, 230.
Machado lítico	184.
Mexico	170, 197.

N

Naturalista	43, 100, 102, 131.
Nova-Zelandia	177.

Natureza	2, 7, 19, 32, 43, 90, 102, 105, 106, 111, 167, 233.
Neolítico	5.
Nervuras	82, 83.
Nosografia	40.
Neengatú	128.

O

Oleiro, s.	7, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17; 19, 20, 22, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 211, 212, 215, 226, 227.
ofertório	214,
ostreiras	62, 101.
Ôlho, ôlho mongoloide	165.
Oceania	171, 173, 199.
objétos líticos	135.

P

pucamucá	143.
Pre-colombiana	4,
Paleolítico	73, 92.
paleozoico	57.
povoamento americano	162, 163, 164, 166, 170, 180.
porcelana	9.
Pacífico	163.
Patagonia	178, 179.
pigmentação	166.
Paraguay	87.
pesquisa étnografica	2.
pesquisa etnológica	2.
pesquisa historica	2.
planície	2.
paraderos	3.
plantas	129.
pó, s	11.
pintura	14, 22, 31, 57, 74, 77.
Pará	17, 87.
pápula pruriginosa	33.
plumagem	20.

Purús	143.
penas de passaro	22, 30.
peças de ceramica	7.
pérão	145.
pêlos de macaco	30.
piramides	34.
pae	108, 109.
Perú	25, 136, 137.
piroga	211.
pagés, payés	42, 137, 138.
patologia tropical	30.
piã	45, 46, 48, 49.
planken-boat	99, 183, 184, 201.
poligamia, ogamo	111, 234.
paletnografia, ico	101, 102.
paleontologia	87, 96, 99.
pucaros	29.
puberdade	79, 111.
pre-historia	5, 36, 98.
Finon	143.
pleistoceno	58.
povos, povos amerindios ...	93, 125, 162, 166, 167, 173, 193, 194, 209, 219, 224.
pratos	29.
paleolítico superior	44.
Poronominare	136, 137, 138, 139, 143.
pluma	36.
pihican, purumã	136, 140.
pitécantropus	64, 105.
Perudá	150.
protomo	60.
pedras	85, 110.
penedias	53.
petroglifos	60, 61, 67, 70, 71, 73.
pitografias	54, 68, 72, 73, 74, 75, 78.
pintura, s.	62, 72, 77, 79.
povoadores	133.
pacoval, aes	213.
povos oleiros	56.
pesquizas arqueologicas ...	38.

Polinesia, ico	167, 175, 176, 177, 178, 191
palha	70.
penas de passaro	20.
Pelos de animal	20.
polpa de cipó	20.

Q

Quaternario	56.
Quelonio	16, 18, 21, 53.

R

Regressão	143.
Rudá	5, 150.
rupestre	79.
Região, regiões tropicaes ..	9, 10, 73, 180.
relações ou contátos cultu- raes	36.
reno, a.	53.
refugios	53.
rito	141.
raça	56, 96, 97, 98, 121, 165, 166, 177 192.
raposa	130.
rede	133, 147.

S

Salvador	168.
shell-mound	3.
sambaqui	91, 101, 102, 103, 104, 105, 106 107.
sol	13, 81, 83.
São João	170.
solidão	10, 36.
saurios	18.
Santarem	17, 23.
sexo	27, 28, 119, 134.
seculo	163.
sêr humano	108, 133, 181, 216.
silex	53.

selva	93, 131, 148.
seriema	152.
saurio	21, 53.
sinais rupestres	80.
simbolo, ismo, ogia	19, 27, 62, 63, 81, 82, 83, 84, 222.
sapo	153.
Salinas	63.
saci	130.
Setestrela	142.
sonho	83.

T

Tundras	189, 196.
Taba	112.
terra	3, 8, 19, 121, 122, 124, 146, 152, 166, 170, 173, 176, 180, 192, 194, 199, 208, 216, 217, 225.
terra-cota	10, 21, 58.
tartaruga	12, 22, 30, 66, 112, 236.
Terra do Fogo	180, 181, 183, 184.
taquara	147.
tabatinga	7, 9, 10, 11, 12, 15, 29, 219, 226.
tribus	1, 9, 15, 19, 60, 66, 105, 107, 108, 111, 117, 118, 119, 122, 134, 139, 144, 145, 147, 150, 151, 155, 156, 165, 194, 197, 200, 209, 211, 212, 214, 215, 216, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 233, 234, 236.
Tifinares	67.
técnica	4, 9, 24, 33, 226.
tanga	25, 26, 27, 35, 214, 220, 221, 22, 225, 230.
troglodita	169.
tabú, s.	138, 101, 225.
tetraprotómo	98.
triprotómo	99.
Tugareges	150.

tipo, tipo humano	91, 165, 194, 197.
tuichaua, tuixáua	111, 135.
tecer	70.
tucuman	129.
Totem, tomismo, totemico..	21, 213, 225.
teso	211, 212, 113.
ticuan	153.
Tasmania	183.
tundras	196.
taigas	196.
Tijuco	19.

U

Universidade	11, 46, 79, 97.
urucú	19.
urnas, urnas antropomorfás	20, 27.
Urutaú	130, 132, 133.
Uirapurú	130, 131.
Ucaiari	140.
Uacu ina	140.
Uiara	130, 144, 146.
Urú	132.

V

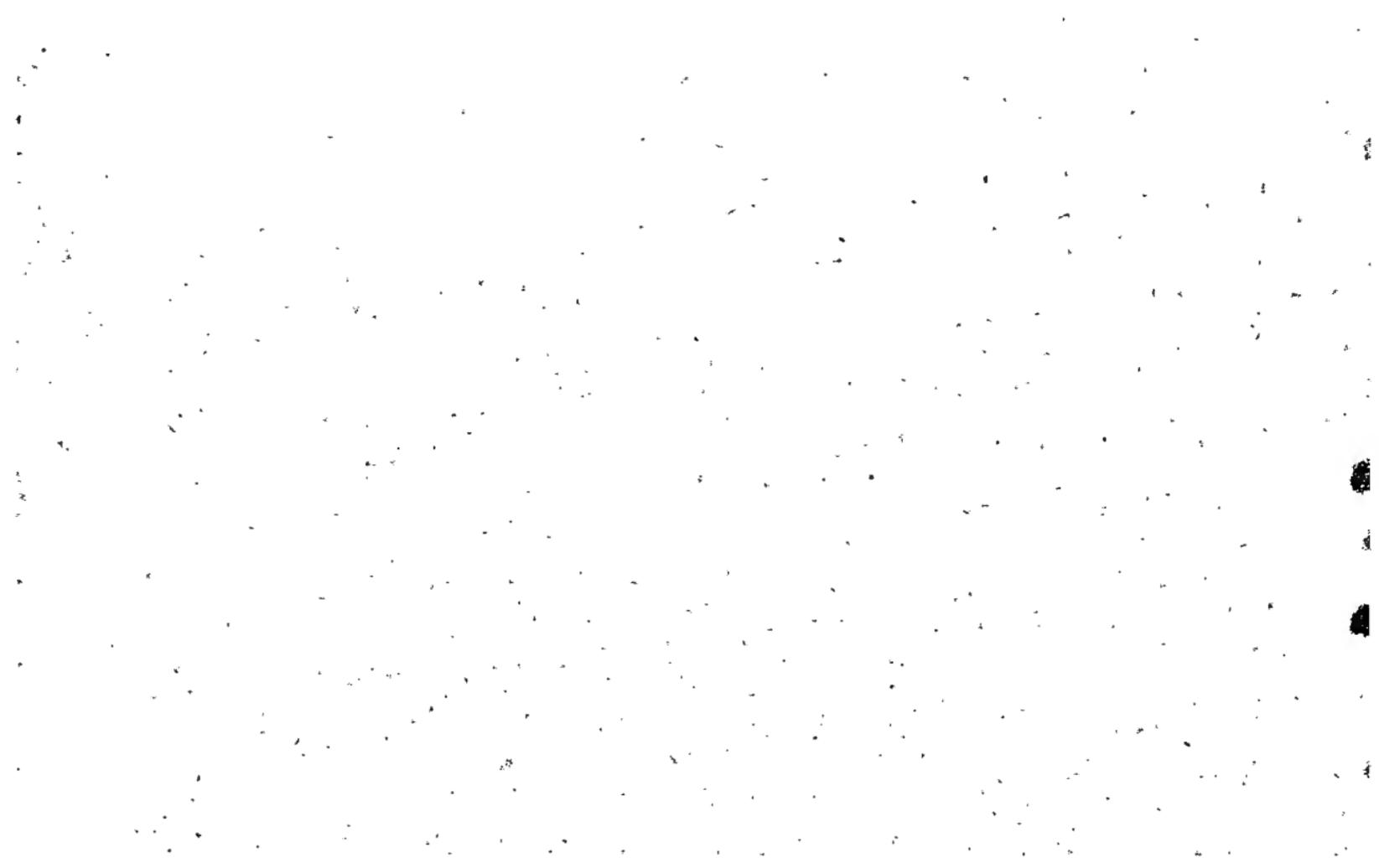
Vazos	12, 13, 15, 16, 18, 230.
Vida	64, 94, 107, 109, 113, 119, 130, 144, 153, 209, 211, 226, 236.
Virgindade, virgens	111, 126, 134, 142, 145, 222.
ventre	134, 139.
Veado	146, 149.
Velas, velas de couro	184, 193.

X

Zona	96, 170, 189, 190, 191, 198.
Zigurates	212.

Y

Yucatan	136, 138.
yara	126.
yaci	150.



INDICE ONOMASTICO

A

Alfred Metraux	127.
Arthur Neiva	40.
Austregesilo	43.
André Thêvet	46, 47, 48.
Alencar	XVI
Alencar Nogueira	61.
Angyone Costa	14 17.
Antonio Serrano	36, 100, 104, 105, 107.
Ayres do Casal	61.
Ambrosetti	71, 133.
Ameghino	98.
Aguiar Miranda	104.
Angelo Guido	126, 140.
Alviano	111.
Alfredo Olympio de Oliveira	115, 152.
Anchieta	125.
Acuña	125.
Abbeville	125, 137, 151.
Antono Mordini	26, 104, 211, 213, 232.
Antonio Portnoi	171.
Alcide D'Orbigny	47, 112, 116, 133, 141, 145, 189, 223, 224
Ana Biro de Stern	78.

B

Bouyssome (padre)	58.
Bontius	40, 43.

Bernardino de Nino	151.
Baptista Caetano	46.
Brasseur de Bourbonnais	162.
Bourlon	57.
Beccari	132.
Breuil (padre)	57.
Barbosa Rodrigues	XV, 61, 125, 133, 135, 140.
Barnard	213.
Branner	61.
Bompland	69.
Barclay V. Head	85, 86.
Baena	100.
Brandonio	49, 107, 111.
Bento Teixeira Pinto	125.
Barleus	125.
Basilio de Magalhães	125.
Bleyer	100.
Benigno Ferrari	167.
Brinton	170.
Beuchat	199.
Bhering	99.
Bernardo Silva Ramos	83.
Brandão de Amorim	37.

C

Cabral	40.
Cyrus Thomas	170.
Charlevoix	113, 114.
Carlos Lenormant	224.
Chas Scaeffler	10.
Carlos Fred Hartt	10, 25.
Capistrano de Abreu	XVI, 152, 153.
Chapot Prevost	43.
Christy	57.
Capitan (Dr.)	56, 57, 59.
Cunha Mattos	61.
Coudreau	61.
Castelnau	61.
Corrêa Telles	63.
Carlos Estevão	63, 130, 215.
Carlos Bruch	71.

Contenau	81.
Ch, Linden	103.
Calixto	104.
Colbachini	41, 44, 118.
Couto de Magalhães	125, 128, 131, 144, 145, 150, 151.
C. van Coll (padre)	152.
Charles Perrot	20, 21, 33, 35.
Cortês Ojea	185.
Charles Chipiez	20, 31, 33, 35, 231.
Christo	34.
Colombo	210, 212.
Crevaux	216.
Champolion	81.
Contenau	82.

D

Domingos Jaguaribe	63.
Doello-Jurado	76.
Dart	75.
Donnelly	78.
Duncan Wagner.....	35, 36, 37.
Diodoro Siculo	164.
Deniker	165, 166, 168, 169.

E

Eusebio Martins Costa ..	40.
E. Lartet	57.
E. Massenat	57.
E. Cartilhac	57.
E. Rivière	57.
Ehrenreich	61, 94, 120.
Emilio Wagner	35, 36, 37.
Esdras	162, 164.
Enéas	162.

F

Fernão Cardin	100, 125, 151.
Ferreira Penna	XV, 103, 211, 214, 230.
Francisco de Apparicio .	9, 227.

Franchet	57.
Feaux	57.
Francisco Corrêa Telles de Menezes	61.
Felippe Rey	63.
Felisbello Freire	63.
Felicio dos Santos	63.
Freycinet	69.
Felix F. Ôutes	70.
Froes Abreu	104.
Fernão de Magalhães	164.
Friedirici	172.
Finsterbusch	184.
Frederico Lunardi	52.

G

Goeldi	106.
Guilhermo Piso	40, 42, 43, 45, 48, 151.
Gandavo	110.
Gabriel Soares	48.
G. Chauvet	57.
Gonçalves Tocantins	61.
Gustavo Barroso	61, 64, 68, 70, 74, 75, 77, 125, 144.
Guilherme S. de Capanema	99.
Gaspar da Madre de Deus (frei)	102.
Gregorio Garcia	164.
Goicueta	185.
Gualberto Arcos	196.
Gobineau	208.
George Perrot	231.

H

Hartt	XV, 10, 61, 100, 103, 125.
Hans Staden	110, 125, 151.
Henri Craltz	42.
Hierkmans	61.
Humboldt	63, 69, 216, 223.
Héctor Greslebin	76.
Hrdlicka	187.

Herbert Baldus	115, 120, 125, 146.
Hauser	58, 98.
H. Snethlage	152.
Henri Onfroy de Thoron ..	162.
Heber	162.
Holmes	193, 194.
Hercules	163.

I

Imbelloni	172, 180.
-----------------	-----------

J

Jacquemart	4, 21, 32, 34, 224.
João Daniel	113, 114, 133.
J. R. Sawanton	170.
Jorge Marckgraff	42.
J. B. Steere	211, 213, 235.
Juliano Moreira	45.
João Ribeiro	125.
Jean de Lery	47, 48, 49, 110, 125.
Jayme Reis	63.
Jean Brunhes	166, 208.
Jectan	162.
Juan Kern	100.
Joleand	175.

K

Koch-Gruenberg	61, 100, 125, 152, 153.
Keller-Leuzinger	61.
Koster	61.
Kunert	63.
Klaatsch	98.
Krone	100, 104.
Koppers	172.
Karl von den Stein	58, 60, 61, 63, 118, 152.

L

Laet	125.
Ladisláo Netto	XV, 27, 211, 214, 220.
Lund	94, 95, 96.
Labat	48.
Lidio Cipriani	56, 79.
L. Lartet	57.
Lalanne (Dr.)	57, 58.
Louis Lombard	63.
Luis Maria Torres	76.
Lazaro Giron	78.
Lütken	97.
Lacerda Filho	97, 105.
Luiz da Camara Cascudo ..	109, 125, 136.
Lebelzeter	172.
Loureto do Couto	113, 114.
Louis Baudin	196, 198, 216.
Louis Agassis	208.

M

Montoya	49.
Mello Moraes Filho	125.
Mendes Corrêa	XVIII, 55, 62, 69, 76, 77, 105, 176.
Mario de Andrade	153.
Marquez de Vibraye	57.
Marty	57.
Marquez de Fayolle	57.
Maury	57.
Madame Coudreau	
Matheus Heats	61.
Martius	63.
Mario Mello	63, 136.
Max Shmidt	63.
Milciades Alejo Vignati ...	71, 72, 73.
Moreno	76.
Miguel Triana	78.
Manoel Santiago	153.
Martin Gusinde	172.
Montezuma	
Miguel Calmon	14, 17.

M. J. Herskovits	
Mauricio de Nassau	42, 43, 45.
Marcgraff	43, 45, 151.
Manoel Pastana	237.
Magalhães	XVI.
Montandon	175, 176, 183.
Max Uhl	XVIII, 228.

N

Nimuendajú	151, 152, 211.
Nordenskiold	100, 151, 214, 228.
Noronha	104.

O

Obermaier	62.
Oswaldo Orico	131, 135.
Orville Derby	XV, 211, 213.
Ofir Indico	152.

P

Placido Barbosa	40.
Paul Girod	57.
Pcyrony	57, 58, 59.
P. Fraeger	63.
Poinsinet de Sivry	80, 82, 83, 94.
Pedro Calmon	14, 17.

Q

Quatrefages	96.
Quadronne	211.

R

Retumba	61.
Richard Burton	63.
Renan	81.
Roth	152.
Rivet	96, 100, 170, 171, 172, 183.

Rodrigues Peixoto	97.
Rondon	XVI, 100.
Roquette Pinto	XVI, 104.
Rodolpho Garcia	XVI, 49, 110.
Rocha Pombo	114.
Raul Bopp	130.
Rosales	185.
Rodrigo de Triana	195, 196.
Raoul d'Harcourt	196, 222.
Raimundo Moraes	137.
Rawlison	81.
Rebello e Silva	115.

S

Salomão Reinach	225.
Silva Araujo	43.
Stradelli	61, 133, 135, 136.
Sylvio Romero	125.
Segurado	61.
Sebastião de Vasconcellos Galvão	
Saint-Hilaire	63.
Severiano da Fonseca	63.
Simão de Vasconcellos (pa- dre)	125, 133, 151, 162, 163.
Sergi	172.
Santos Junior	77.
Soren Hansen	96.
Sigvald Linné	XVIII, 15.

T

Thomé de Sousa	49.
Theodoro Sampaio	64, 66.
Tem Kate	96.
Tastevin	130, 133.
Thêvet	110, 125, 151.
Thomaz da Costa Rebello e Silva	
Thomaz Buckle	208.
Tiago Aipobureu	121, 122, 147.

U

Ulysses	164.
Ullôa	185.

V

Virchow	91.
Valdemir Miranda	40.
Von Ihering	63, 100, 104.
Vojtech Fric	63.
Vernau	76, 178.
Viener	104.
Vicente Licinio Cardoso ..	1.
Vergilio	163.
Vasco Nunez de Balbôa ..	163.
Von Kozeritz	63.

W

Winkelmann	1.
Wallace	61.
Wagner	175, 176.
Whitfield	61.
William Farabee	

Y

Yves d'Evreux	48, 61.
---------------------	---------



INDICE DE TRIBUS, GRUPOS ETNOGRAFICOS E POVOS

Aruak, Nú-aruaq, aruan ..	4, 28, 152, 209, 210 211, 215, 218, 220, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 243.
Australiano	154, 199.
Ando-peruano	
Aïnos	109.
Apopocuva	152, 153.
Araucanos	196, 217.
Arekuná	153.
Aztecla	195, 209.
Acolhua	195.
Bochimano	68, 78.
Borôro	41, 44, 118, 120, 121, 122, 153, 156.
Botocudo	97, 106, 179.
Baicari	152.
Calchaqui	4, 71.
Chiripaia	153.
Caribe	6, 149, 197, 210, 211, 215, 218, 219, 222.
Cauhari	153.
Carnijó	136.
Coropo	179.
Chibcha	4, 196.
Cunas	196.
Chiriguano	151, 153.
Chamacoco	152.

Diaguita	4.
Esquimó	6, 68.
Fenincios	86.
Gregos	230.
Guaraní	4, 212.
Groelandês	6.
Guaiaki	152.
Goitaca	97, 179.
Guajajarâ	152, 153.
Gé	64, 66, 22.
Mundurucú	116, 117.
Inca	222, 223.
Hotentote	109.
Kaxinauâ	152.
Kunâ	152.
Karajâ	93, 152, 156.
Kaigang	156.
Melanésico	199, 217.
Mongol	217.
Maya	4.
Marajoara	219.
Macuxi	134, 149.
Minoico	
Mixisteco	195.
Mundurucu	
Manaus	135, 136.
Maranos	135.
Maya-Quiche	209, 210.
Mound-builders	
Môxo	
Neengaiba	227, 234.

Miranha	145, 217.
Negrilo	109.
Otoneca	195.
Olmeça	195.
Ona	
Polinesio	109, 196, 199.
Paumari	234, 235.
Puris	47.
Portuguez	31.
Patacho	112.
Quichúa	4, 196, 222.
Quimbaia	225.
Semitas	86.
Tapuia	56.
Tasmaniano	169, 196, 199.
Tupí	115, 215, 216, 222.
Tupí-Guaraní	5, 9, 108, 132, 143, 151, 192, 218, 219, 227, 232, 233.
Tupinambá	151.
Tamoio	151.
Tapirapé	115, 116, 152, 153, 156.
Tucano	136, 139.
Tariana	135, 136, 139, 140.
Tembé	151, 152, 153.
Toba	152.
Táulipang	6, 152, 153.
Tereno	156.
Tolteca	195.
Totoneca	195.
Tarasco	195.
Tuareg	68.
Urubú	117.

Uaupé	135, 136, 140, 141.
Xapoteca	
Xipaia	151, 152.
Yagana	182.
Warrau	152.

INDICE DAS GRAVURAS

CERAMICA MARAJOARA

1 — Ceramica marajoara (vaso e idolo)	8
2 — Invenção do fogo (Indios taulipangs, groelân- dezes e esquimós)	6
3 — Ceramica Indigena (jarra)	8
4 — Ceramica Marajoara (tanga e idolo falomorfo)	11
5 — Ceramica Indigena (jarra)	14
6 — Ceramica Indigena (jarra)	17
7 — Ceramica da Grecia Arcaica (detalhe de uma jarra Corintia)	20
8 — Ceramica da Grecia Arcaica (detalhe de uma taça)	33
9 — Ceramica indigena (motivo de frisa das tangas)	26
10 — Ceramica da Grecia Arcaica (fragmento de de- coração de um tumulo)	31

A BOUBA, DOENÇA AMERICANA

11 — Borôro Orarimugu (bari invocando)	41
12 — Borôro Orarimugu (bari curando)	44
13 — A india doente (tribu dos Puris)	47

A ARTE RUPESTRE

14 — Pedra dos Macacos	52
15 — Des. do homem quaternário	55
16 — Des. do homem quaternário (bisonte)	58
17 — Des. de Cuevas de la Araña	62

18 — Des. recolhido no logar Sete Cidades (Piracuruca)	65
19 — Des. pitográfico da gruta de S. Tomé	68
20 — Litogrifos de Araçuaigipe	70
21 — Litogrifos recolhidos no logar Gen. Urquiza ..	72
22 — Des. recolhido no logar Pé do Morro (Ceará) ..	74
23 — Des. recolhido nos logares Pedra Ferroada e Itapipoca	75
24 — Pitografia de bochimanos	78
25 — Alfabeto fenicio (Poinsinet de Sivry)	80
26 — Nervuras da Gavea	83
27 — Quadro das linguas semiticas (Barclay V. Head)	86

LIMITES DA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

28 — Motivos decorativos dos indios Carajás	93
29 — Indios Gé-Botocudos	98
30 — Muirakitans do Cajari	103
31 — Cabanas de Indios Patoxós	112
32 — India Mundurucú	116
33 — India borôro	120
34 — Indigenas mascarados (culto do Jurupari)	128
35 — Indias macuxis (alto Rio Branco)	134
36 — Tipo de embarcação dos altos rios da Amazonia	141
37 — Construção de canôa pela tribu dos Miranhas ..	145
38 — India macuxi fiando algodão	149
39 — Bumerags australianos	154

O POVOAMENTO DA AMERICA E A QUESTÃO DAS MIGRAÇÕES

40 — Olho mongoloide	165
41 — Fatores de miscegenação americana	169
42 — Cultura de "mound-builders"	171
43 — Cultura de "mound-builders"	172
44 — Etnografia Sul-Americana-Joven fuegina	182
45 — Dalcas prehistoricas — Em uso no Pacifico no sec. XVI	186
46 — Dalcas prehistoricas — Em uso no Pacifico no sec. XVI	187
47 — Etnografia Americana — Indigena mixteco ..	190

48 — Cultura dos mound-builders — Ceramica' domestica	195
49 — Cultura dos mound-builders — Idolos em ceramica	196
50 — Etnografia Sul-Americana — Caribe da Guiana Holandesa e do Brasil	199

O HOMEM DE MARAJÓ

51 — Etnografia brasileira — Mulher guaraní	212
52 — Etnografia Sul-Americana — Indigena miranha	217
53 — Ceramica Marajoara — Peças de coleção particular, ainda não publicadas	229



★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Bráulio Gomes, 139 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 118, em Março de 1939.